

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

UM OUTRO OLHAR SOBRE O URBANO, REFLEXÕES SOBRE A FUNDAÇÃO DO
BAIRRO JARDIM DO SALSO

MARIA EMILIA RODRIGUES FERREIRA

Porto Alegre, 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

UM OUTRO OLHAR SOBRE O URBANO, REFLEXÕES SOBRE A FUNDAÇÃO DO
BAIRRO JARDIM DO SALSO

MARIA EMILIA RODRIGUES FERREIRA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luiz Fernando Mazzini Fontoura

BANCA EXAMINADORA: Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares

POSGEA / IG / UFRGS

Profa. Dra. Suzana Maria Veleza da Silva

DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS / FURG

Prof. Dr. Roberto Verdum

POSGEA / IG / UFRGS

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Geografia
como requisito parcial para a obtenção do
Título de Mestre em Geografia.

Porto Alegre, 2007

Ferreira, Maria Emília Rodrigues

Um outro olhar sobre o urbano, reflexões sobre a fundação
Do bairro Jardim do Salso. / Maria Emilia Rodrigues Ferreira. –
Porto Alegre: UFRGS / PPGEA, 2007.
[147]. p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio
Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-
Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS – BR, 2007.

1. Geografia Urbana. 2. Periferia. 3. Migração. 4.
Territorialidade. 5. Paisagem. 6. Etnia Negra. I. Título.

CDU 911.375.(816.5)

Catálogo na Publicação
Biblioteca Geociências – UFRGS
Renata Cristina Grun CRB10/1113

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, especialmente a Dona Tereza que ajudou a fundar o Jardim do Salso e a construir esta dissertação de mestrado.

Ao professor Luis Fernando pelo carinho na orientação.

Ao corpo de professores do mestrado de geografia.

A Zélia secretária e amiga pelo socorro nos momentos difíceis.

Aos amigos e amigas, Júlia, Patríce, Jorjão, Teresinha , Dimitri, Márcia, Daisy Barcellos.

A amiga e braço direito Luciléa Martins, pelo apoio e incentivo.

Aos companheiros dos laboratórios e mecanografia da UFRGS, sem os quais esse momento não seria possível.

A UFRGS pela acolhida em mais uma etapa, universidade pública e gratuita.

E finalmente as pessoas entrevistadas, senhor Guiomar, Dona Graciana, Senhor Miguel, Dona Tereza pela generosidade em dividir com o pesquisador suas memórias.

ÍNDICE DE FIGURAS

Ilustração 1 . Identificação das pessoas e rota de migração.....	34
------------------------------------------------------------------	----

ÍNDICE DE FOTOS

Foto 1. Travessa dos Venezianos.....	74
Foto 2. Fotos Antigas dos Moradores que realizaram a migração.....	74
Foto 3. Os Espaços de Fluxos no Jardim do Salso	75
Foto 4. Vista de uma das casas vista de uma das casa do bairro Jardim do Salso.....	100
Foto 5. Casa voltada para a rua São Mateus	101
Foto 6. Símbolo da profissão que ajudou na construção do bairro e das casas	102
Foto 7. Outra tomada do mesmo ambiente de bar	102
Foto 8. Algumas fotos antigas da pessoas fundadoras do bairro e seu modo de vida.	103
Foto 9. Visão dos puxados construídos todos no mesmo terreno.	103

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Tabela Demonstrativa do perfil do bairro Jardim do Salso	48
Tabela 2. Demonstrativa do transporte coletivo que serve o bairro Jardim do Salso..	111
Tabela 3. Tabela Demonstrativa das ordens global e local vistas na periferia	129

SUMÁRIO

SUMÁRIO	8
RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
CAPITULO I - ALGUMAS CERTEZAS SOBRE O JARDIM DO SALSO - PERIFERIA	41
1.1. As impressões e memórias de dona Graciana Nunes Rosa, também fundadora do Jardim do Salso.....	54
1.2. A fala do senhor Miguel	56
1.3. O diálogo com Dona Tereza Ferreira:	58
1.4. O diálogo com dona Iracema, a irmã de dona Graciana.....	61
1.5. Os Espaços De Fluxos No Jardim Do Salso	63
1.6. A sociabilidade no bairro - O bar da Dona Lucí.....	68
CAPITULO II - OS PUXADOS E A PAISAGEM DO JARDIM DO SALSO.....	76
CAPITULO III - A DISCUSSÃO DO TERRITÓRIO E ALTERAÇÃO DA PAISAGEM NA PERIFERIA	104
3.1. A transformação do campinho em praça oficial	108
3.2. A Transformação do campinho em praça e o impacto na comunidade	116
3.3. A nova face do Jardim do Salso e a verticalização	119
3.4. A ação na periferia, o sujeito e o aprendizado de uma nova vida.....	123
3.5. O local e global no contexto da periferia.....	128
CONCLUSÃO	133
BIBLIOGRAFIA	144
APÊNDICES	147

RESUMO

O crescimento das periferias em Porto Alegre é uma realidade incontestável. O que talvez ainda seja pouco explorada é a noção da temporalidade envolvida nos processo migratórios das populações para a periferia. Ou seja, as pessoas migram para a periferia de Porto Alegre há pelo menos 40 anos. Nosso trabalho nesta dissertação foi colocar o foco de investigação sobre o tema as motivações que a etnia negra teve para realizar trajetórias de migração para a periferia de Porto Alegre. E também entender suas estratégia de ajustamento ao novo meio, inaugurando ali um novo território. Dentro deste contexto de visão de uma oportunidade de vida, a forma como se deu a ocupação do bairro. Analisamos a questão da paisagem: suas alterações a longo de 40 anos, percebendo na fala dos entrevistados a busca por um ambiente bem estruturado para si e suas famílias. Podendo desta forma deixar um legado para filhos e netos.

Palavras chaves : periferia, migração, territorialidade, paisagem, etnia negra.

ABSTRACT

The elaboration of the thought and the reflection concerning derives of the Brazilian social space, as well as specifically of the periphery, is a challenge. In the direction of that this universe accumulates of stocks many important slight knowledge for geography human being and the social thought. For example: the daily one, social classrooms, social papers, territoriality and identity. This context is established in a gamma of meanings and starts to represent devoir of the modern man, of form that it has greater social visibility. This we believe must be the paper of cultural geography. To make the readings of this series of questions of the subjectivity of the man in the relative questions to the land, the social space and the place specifically the periphery. The reflection of these slight knowledge brings in itself, the mark of that we live an age of successions of events in the time and history and that all our actions assume an irreversible character. We are actors searching adjustments and readjustments all the moment, in our daily one. Most difficult it is to understand for where we are going. E which the direction of the wars for territories, slaughters for ownerships of farms in the interior of Brazil, if in the end of all the processes, is politicians, social, or economic the structures most rigid are the first ones to up down. Or saying de other thing, the time not stop, therefore, also in the direction of the territories and ownerships, the trend is to have changes. According to Ortiz (1999) The tradition in Social Sciences of the space in its immediate relation co the environment, inside of this line of reasoning, each place, establishment, or agricultural community possess individuality, a quality that it is proper. In this direction the quality that is proper is to desire to belong to some place, to identify itself.

Word keys: periphery, migration, territoriality, landscape, black etnia.

INTRODUÇÃO

Atualmente as cidades estão se tornando o espelho do mundo, um somatório de memória e experiências vividas pelo homem. Pensar a cidade é reconhecer suas estruturas, sua materialidade, sua natureza. A concretude da cidade é a condição de sua existência, a visão de sua paisagem e a possibilidade de desfrutar de seus equipamentos urbanos lhe confere distinção.

Entretanto nenhuma edificação tem sentido por si só. A sociabilidade de grupos humanos e étnicos realizada no espaço da cidade é o mote que a justifica. Esses grupos sociais elaboram um imaginário do que deveria ser uma cidade. Seus projetos e circulações nela provocam entre outros fatores, o seu crescimento.

O traçado, a forma os contornos que a cidade ostenta após algumas décadas se faz ao longo do tempo histórico e geográfico contém o repertório da vida das pessoas daquele lugar. A ocupação daquele espaço por determinados grupos faz dele um lugar especial, destacado pela presença humana e pelo imaginário das mesmas.

A cidade tem dimensões, a memória das pessoas do lugar é capaz de unir tempos e fazer com que a cidade pareça mais acolhedora, ou mais difícil conforme os relatos podem comprovar. A construção de uma cidade revela as possibilidades de grupos sociais estabelecerem para si um modo de vida. Nesse sentido o espaço da cidade inaugura etapas de desenvolvimento e de busca de novos saberes.

Viver na periferia evidenciou no universo das pessoas fundadoras do Jardim do Salso o sentimento de pertença ou pertencimento. Demonstrado na forma como fincou suas raízes, o sentimento de que ali era o seu lugar.

Uma forma de construir um novo saber é a migração para novas áreas da cidade, a periferia, por exemplo. Referenciais da geografia, da sociologia e antropologia são capazes de explicar as motivações de grupos sociais para a migração em direção à periferia. Sob vários aspectos iniciando com a própria busca por um lugar “seu”, até atingir as noções de construção de um território.

Essas ciências unidas definindo as formas de pensar de grupos étnicos como o negro, por exemplo, pontua que existe uma ampla gama de significados para os seus movimentos. Neste sentido incluí-se o movimento migratório rumo à periferia como relevante para a história da etnia negra e da cidade de Porto Alegre. O reconhecimento desses fatos sociais, transformou um evento dessa natureza, em objeto para análise e discussão à luz da ciência.

O passado da cidade e dos bairros descrito através da memória de velhos , (os fundadores do lugar), pode ser conhecido e recuperado. Nos capítulos a seguir, está descrito o surgimento do bairro Jardim do Salso. Conta de que forma nos anos 60, algumas pessoas de etnia negra deixaram seus bairros de origem e migraram para a zona leste de Porto Alegre. Neste lugar construíram suas casas e tiveram suas vidas estruturadas. No Jardim do Salso se verificou a construção de um território a partir dos saberes dos fundadores. A utilização de estratégias como a solidariedade e a confecção de redes de relacionamento, foi a base para o sucesso desse empreendimento.

Atualmente o Salso é um bairro regular de Porto Alegre, com todos os aparelhos urbanos indispensáveis. Ele tem dimensões bem amplas e comporta cerca de 5 mil habitantes no último censo do IBGE de 2004.

O texto de dissertação *Um Outro Olhar Sobre o Urbano*, foi dividido em 4 capítulos que descrevem em ordem cronológica, do passado até o presente até o presente do bairro (ano 2006). Elencando fatos, destacando a importância de alguns membros da comunidade, a saber, os fundadores. O texto traz o relato dessas pessoas, bem como a descrição da paisagem, a territorialidade construída pelo grupo ao longo dos anos. Nos permitimos, entretanto, algumas vezes, retomar assuntos já tratados devido ao interesse do capítulo em questão.

As afirmações e as descrições do passado nasceram das memórias dos fundadores. Através do método etnográfico se buscou a análise dos dados de campo até a confecção do texto final. A periferia aparece neste texto como o lugar onde algumas pessoas se fixaram e construíram ali uma história de vida. Na sequência do presente texto, ocorre o encontro dos relatos de dos entrevistados com a teoria científica.

O crescimento do Jardim do Salso é descrito neste texto revelando de que forma uma parte da cidade de Porto Alegre, passa do lugar conhecido como meio do mato para o status de bairro regular. Através da observação de campo e dos relatos dos entrevistados, forma-se um mosaico de episódios, cuja natureza remete ao desbravamento de um lugar.

A consequência dessa imbricação de fatos e elementos sobre a chegada de um grupo étnico na periferia, inaugura a construção de um território. Visto por eles de maneira bem simples e definido como “o Seu lugar”. Através da elaboração de estratégias de reprodução da vida, realizaram sua fixação na periferia. A tônica a se observar no surgimento desse

bairro, é precisamente a noção de que ali nada existia. Serviços básicos como água, luz e transportes precisaram ser conquistados pela comunidade.

Com o advento do crescimento do bairro, surgem os aparelhos urbanos, surgem os serviços, o meio do mato dá lugar ao novo. A passagem dessas épocas é o nosso foco de análise, onde foi buscado descrever com fidelidade as condições para a territorialização daquelas pessoas no Jardim do Salso. Entre os objetivos da dissertação está presente colocar como altamente relevante o entendimento das pessoas do grupo migrante, acerca dos processos de ajustamento/desajustamento pelo qual passaram. A visão de mundo que norteou suas vidas e os fez optar pela migração para a periferia como opção de vida, é base da nossa investigação.

No momento em que o mundo passa por grandes transformações de todas as ordens analisar a questão étnica dos negros e sua trajetória de migração para periferia, aparece como relevante, pela condição do negro na sociedade brasileira. Especificamente pela ascensão social que sempre busco. Nesse texto voltamos nosso olhar para as migrações. Os tipos de moradia construídos e a ocupação da periferia constituída mais tarde em território. A partir da observação e convivência com este universo, a leitura de (Semprini,1999), (Agnes Heller,1977), inaugurou um novo olhar sobre estas questões e tornou possível a escrita de algumas reflexões.

O cotidiano aparece em (Heller,1977) desmistificado mostra o dia a dia, o fazer das coisas simples e relações diretas do homem consigo mesmo, em contraposição as estruturas rígidas do mercado e das políticas públicas propostas pelo estado. Falar de cotidiano em nossa época é importante. Porque fala do humano e deixa ver que o homem ainda que se vendo em

grandes embates com a modernidade e as exigências do meio técnico informacional analisado por (Santos,2002), precisa de ser entendido em sua plenitude. Agnes Heller, na obra de 1977 deixa clara em sua análise do real uma reflexão sobre o cotidiano, das coisas importantes na sociedade ou da política. Todavia, pretende encaminhar a elaboração do pensamento a partir do sujeito e não das estruturas.

Na fala de (Heller,1977), temos a construção do mundo a partir dos referenciais do que pode ser aprendido e reproduzido socialmente. Se a mudança para a periferia pode ser entendida nesse aspecto, então já inicia com uma boa perspectiva. Inaugura então o novo que nestes contextos de periferia, são partes de processos sociais, e de estruturas que nos fazem reconhecer espaços públicos e privados, ou a legislação do país. Em uma ruptura com o velho fundamenta um caráter de enfrentamento, traz riscos e novas leituras acerca do que é permitido ou não se fazer. Para algumas pessoas viver em áreas isoladas são formas simples de negar a gestão do estado sobre as nossas vidas. Isso faz toda a diferença no momento em que outros autores retiram a figura humana da análise e propõem teses sobre o mercado, o território, a política.

Numa tentativa de explicar,desmembrar as conjunturas sociais, do próprio homem, as instituições e processos são tratados como se tivessem vontade própria. Semprini (1999) e Sennet (1988) como a referida autora, não incorrem neste equívoco analítico. Os autores mencionados formulam suas questões em torno do social, do espaço social, o lugar do público e do privado em nossa era moderna. A figura do homem é bem central. De modo geral, pode-se afirmar ser perturbadora a noção da postura dos homens reconhecendo que não dominam

tudo. Entretanto há lugar para o tédio e posturas de apatia.

Em Lefebvre(1991), descobrimos, que já não há busca por novidades. A previsibilidade de tudo, que agora, vai muito além de uma simples verificação de termômetros e meteorologias, nos entedia. E a era de inventos e de conforto material, desconforta a alma. Nos vemos, com o nosso cotidiano carregado de agendas, compromissos e deveres. Ocorre a sublimação da condição de humanidade. Ocorre uma busca de referenciais na futilidade, no descartável.

Em nossa análise, não abordar a migração como negação à vida social, se trata de viver essa integração social sobre novos parâmetros. Buscando cidadania, inclusão social ao mundo das pessoas que podem ter bens mobiliários. Em (Santos,1996) pode ser vista a noção de razão e emoção, e essa leitura encaminha para o entendimento das novas racionalidades que moldam o comportamento de grupos sociais e as formas que elegem para resolver seus conflitos. Estar na periferia, racionalmente falando, pode ser parte de projeto. Não necessariamente uma expulsão. Pertencer a novos espaços e ali encontrar motivações para um devir no nosso cotidiano, parece apontar um caminho.

No texto titulado “Sociedade em Rede” de (Castells,1999), aparece a dependência entre grupos e setores da sociedade como o eixo que norteia a nossa época. Há um grande desenvolvimento e o homem deve acompanhar esse crescimento para não ser anulado por ele. Aqui se pode sentir o homem muito distanciado de suas questões mais elementares e a gestão das suas necessidades está aquém dele.

Associa-se em certo momento, a idéia de intimidade de Sennet,1988), quando fala das exposições públicas da intimidade, mas que nem mesmo neste estágio, há uma liberdade

completa. O homem incorpora na sua vida cotidiana as condições que sua época lhe oportuniza. Isso está contemplado num projeto político e existente na sociedade e que garante a livre expressão, o direito à palavra. O que remete ao pensamento de (Santos,1994), em sua estruturação analítica sobre as informações, como é importante detê-las, como elas chegam até nós e como nos é possível viver seja na periferia ou em qualquer outro lugar.

O universo, chamado periferia é muito abrangente e provocativo e com certeza tem sido objeto de análise por muitos cientistas, através de décadas nesta era moderna. Desde as figuras humanas que nela podem ser vistas até a questão urbanística e o crescimento da cidade que se impõe. Em nossa reflexão procuramos “ver” a periferia como território, lugar e moradia de pessoas de uma dada classe social. Mas a tônica recai sobre a subjetividade, modos de vida e o cotidiano.

Elegemos alguns autores importantes no pensamento social, (Agnes Heller,1977), (Semprini ,1999), (Sennet,1988), (Lefebvre,1991), (Santos,1996), (Heidrich,2000), esses autores trazem à cena do estudo da periferia, noções como cotidiano e intimidade. Incluindo na seqüência idéias como território, racionalidades. Vivemos num tempo de mudança. Em muitos casos a sucessão alucinante de eventos, não deixa falar de mudanças, apenas de vertigens. O sujeito num lugar estava submetido a uma convivência longa com os mesmos objetos e os mesmos trajetos, as mesmas imagens de cuja construção participava. Uma familiaridade que era fruto de uma história própria, da sociedade local e do lugar, onde cada indivíduo era ativo.

Hoje a mobilidade é quase uma regra. O movimento, se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou

imigrantes. Mas também os produtos mudam de lugar. Tudo voa, daí a idéia de desterritorialização. Ela é, freqüentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é também, desculturização, (Santos,2000).

Na periferia o homem busca aprender o que nunca lhe foi ensinado. E pouco a pouco vai substituindo sua ignorância do entorno. O homem está fragmentado o novo ambiente opera como uma espécie de detonador. Sua relação com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente e mudam-se paralelamente territorialidade e cultura, mudando o homem. Quando essa síntese é percebida o processo de alienação vai cedendo ao processo de integração e entendimento, e o indivíduo recupera a parte do seu ser que parecia perdida. (Santos,2000)

O espaço público que seria na periferia demarcado na forma de escolas, creches, associação de moradores de bairro, igrejas e quadras de escolas de samba, postos de saúde e áreas de lazer obedecem a uma lógica do lugar para poder funcionar. A vida cotidiana na periferia admite uma interação de serviços, de valores que se organizam segundo a lógica do lugar. As escolas, por exemplo, têm uma flexibilidade maior para tolerar casos de repetência escolar e faixas etárias muitos díspares para a série que a criança freqüenta. A igreja realiza o papel do estado quando assume campanhas de agasalhos e contra a fome. As creches comunitárias vêm no mesmo esquema de englobar mais crianças do que sua capacidade física e humana pode suportar e fazendo papel de educador, no lugar dos pais. A escola de samba e associação de moradores tem funções políticas mal representadas ou de forma incipiente.

Intimidade e cotidiano na verdade, caminham juntos e são categorias que falam da alma e de como o homem é, em sua subjetividade. O desfrutar de intimidade e de

subjetividade, vivendo em espaços exíguos traz conseqüências. Traz a necessidade de ajustamento à nova realidade. O ajustamento é precisamente um quesito que nos auxilia na compreensão da territorialização. Esta se dá, no momento em que o sujeito de fato habita a periferia, lugar totalmente desconhecido e onde se fará a fundação de uma vida, o desenvolvimento de um projeto de vida.

Quando a periferia cresce, admitindo em seu espaço novos moradores, a mudança para um novo meio onde as relações com a autoridade que deveria tratar a todos como cidadãos, sofre deturpações. A demarcação de territórios pela pessoa que migra, o repertório de sua vida, são de alguma forma um referencial para as crianças do bairro, vivenciando a experiência de ser o fundador de algo que não existia, como um bairro, por exemplo, constituem desafios da vida na periferia.

Então estamos diante do desafio da solidariedade, esta que talvez seja a palavra do novo milênio, traga em si as noções de crescimento e convivência, tão necessários a qualquer lugar, especialmente a periferia. Nosso desejo é tratar a periferia como território da construção de projetos, haja vista que muitas pessoas só conseguem concebê-la como um lugar de sofrimento e morte. Acreditamos que as motivações vistas por Heller(1977), se coadunam nestes contextos e fazem sentido.

Cotidiano é transformação na visão marxista. A idéia de particular é o imediato. O espaço é o local, o tempo não é o tempo histórico.

O homem toma posse do mundo da arte, da política. Envolver-se e perder-se é o cotidiano. É pensar em termos maiores. A vida humana permeada de novos significados. O local está próximo ao cotidiano. Isso é revelado por Santos (2002), quando ele aborda as

horizontalidades e verticalidades. O meio técnico informacional é uma condição, o espaço é o condicionante. O ser humano é condicionado. As novidades trazem a irreversibilidade ao conjunto das respostas que estão no cotidiano, bem como aquilo que não pode ser respondido, codificado, nem tão pouco mensurado, é caso das nossas subjetividades.

Em Ortiz (1991), temos o espaço transglóssico, separando as coisas e desta forma compreendemos que o cotidiano é heterogenia. O primitivo (que em nossa análise remete à comunidade) contribui de forma elementar para a construção da integração social. Nas tribos, por exemplo, a defesa do território é feita por todos. Somente posições de chefia, funções religiosas, tem destaque.

Usando a mesma lógica do autor poderia apontar o surgimento do bairro Jardim do Salso como o primitivo, aquele que justamente por esse fato, ser primitivo, detém a pureza. Um caráter das coisas novas, despojadas.

A cidade de Porto Alegre de hoje, faz parte da integração social do país e é reconhecida como metrópole. (Poderia aqui ser entendida como um valor a nível global, por que implica no interesse de todos), remete a elementos comuns a todos. Neste sentido a face que Porto Alegre mostra ,é permeada de todas as nuances e matizes culturais do país, por isso, pode ser entendida como esfera global.

No momento em que é realizado o processo de migração para a periferia, ocorre a construção de identificação e de identidades. Identidades múltiplas e de representação. O que se apresenta como valores familiares e as disciplinas escolares, o conceito de bons costumes.

A sociedade constitui espaços para política, para o público, numa tentativa de localizar tudo em função de suas necessidades. A elaboração do pensamento e da reflexão acerca dos

devires do espaço social brasileiro, bem como especificamente da periferia, é um desafio. No sentido de que esse universo abarca muitas noções importantes para geografia humana e para o pensamento social. Por exemplo o cotidiano, classes sociais, papéis sociais, territorialidade e identidade.

Essa abrangência funde-se numa gama de significados e passa a representar o devir do homem moderno, de forma que ele tenha maior visibilidade social. A reflexão dessas noções traz em si, a marca de que vivemos uma era de sucessões de eventos no tempo e na história e que todas as nossas ações assumem um caráter irreversível . Somos atores buscando ajustamentos e reajustamentos a todo o momento, em nosso cotidiano. O tempo não pára, portanto, também no sentido dos territórios e posses, a tendência é haver mudanças.

Segundo Ortiz (1999) existe uma tradição nas Ciências Sociais de o espaço na sua relação imediata com o meio físico, dentro desta linha de raciocínio, cada lugar, estabelecimento, ou comunidade rural possui uma individualidade, uma qualidade que lhe é própria. Nesse sentido a qualidade que é própria é desejar pertencer a algum lugar, identificar-se. As pessoas residentes na cidade de Porto Alegre a conhecem como sendo composta de centro, dos bairros nobres e da periferia. A identificação é assumida. Esses contornos a colocam num patamar de metrópole. Visto que os setores de comércio / indústria são altamente desenvolvidos contando com áreas da grande Porto Alegre. Essas áreas funcionam como apoio para a produção industrial e são locais de moradia para os trabalhadores da capital. Porto Alegre é detentora de uma grande rede de serviços, e consta no mapa político do Brasil como pólo produtor de pesquisas e conhecimento.

Nosso olhar sobre a cidade se detém e descobre a convivência do passado e presente. Estamos falando da idéia de rugosidade que aparecem como enclaves na arquitetura e na conservação de bairros antigos. As fachadas das casas em estilo português, do bairro Cidade Baixa são um forte exemplo de enclave do passado, convivendo com a modernidade. Para a modernidade, conservar esses espaços, na cidade, representa cultura. Aliada a projetos de desenvolvimento do turismo e projetos comerciais, o antigo convive bem com o novo. Concomitante no mesmo espaço sócio-urbano, emprestando-lhe elegância. No centro temos os prédios históricos, o casario antigo em outros bairros tradicionais também é possível ser visto.

O cimento e o concreto da Avenida Farrapos, anunciam que a cidade de Porto Alegre já incorporou em seus limites o crescimento, admite muitas avenidas com grande movimento de veículos pesados, dos quais é cada vez mais dependente. Porto Alegre pode ser entendida como uma enorme colcha de retalhos sobrepostos, um mosaico de formas e linhas que se mesclam entre o moderno e o clássico.

Buscar unir tempos históricos, funções político/administrativas e ganhos financeiros no mesmo mundo, a referencia como metrópole. Esse esboço de cidade, que se iniciou há tempo, atualmente, prevê e organiza em seus espaços públicos, todos os aparelhos urbanos necessários à vida moderna. A periferia entra no planejamento e surge como opção para moradia, como lugar diferenciado do centro, onde se pode ter um retorno ao belo, ao natural. A produção intelectual vista nas feiras e exposições, bem como nos Fóruns de economia, de política, de questões sociais e de ecologia, que sempre ocorrem na cidade. Esses dados e eventos acentuam a importância da cidade no sentido de vê-la como um lugar abrangente e

capaz de congregar várias culturas e tendências.

Nos detalhes sobre sua composição está a população e suas várias etnias. A elucidação sobre de que forma neste cenário urbano, etnias como a negra, por exemplo, realizou movimentos migratórios em direção à periferia. De que forma organizou sua racionalidade num contexto novo. E principalmente, o que a levou a realizar tais movimentos, ou seja, suas motivações.

Os movimentos migratórios da etnia negra, numa cidade como Porto Alegre, revelaram ser um tema de grande importância. Do ponto de vista social, geográfico e dos estudos antropológicos que daí possam surgir. Em momento algum retiramos desta análise a importância que outras áreas do conhecimento também tem, quando se trata de resgates. Nossos estudos buscaram elucidar as motivações que a fizeram migrar para periferia. A investigação do universo de significados que trouxeram a memória e a paisagem alterada ao longo dos anos como metodologia. A reconstituição do passado feita através dos relatos das pessoas comuns que transitam em Porto Alegre, imersos num cotidiano pleno de pequenas histórias e que em algum momento de suas vidas migraram para a periferia.

Num universo de novos saberes como a busca da reconstrução da memória do Jardim do Salso, um grupo de fundadores foi questionado. Numa conversa bastante informal, deixando fluir a memória livremente um instrumento de pesquisa ajudou a reunir os dados sobre a migração. Sobre como ocorreu o crescimento do Jardim do Salso. Buscando ouvir a etnia negra residente lá atualmente, registrar suas impressões sobre a verticalização do bairro, a presença da favela, o posto de coleta seletiva e sua sociabilidade. O entendimento de como eles percebem que o bairro cresceu. Histórias advindas do grupo, têm valor histórico e

documental, sendo assim, devem receber tratamento especial.

O rescaldo das informações sobre o processo migratório realizado pela etnia negra dos bairros Centro, Cidade Baixa e Bom Fim para a periferia de Porto Alegre bem como suas motivações são a base dessa dissertação. A partir da análise das ocorrências de migração nas décadas de 60 e 70 como resultado pontuamos que o destino dela foi o bairro Jardim do Salso. Nesse sentido, as motivações que levaram este grupo a realizar tal trajetória, foi o nosso objeto. Ao longo do texto da dissertação estão explicitadas as perspectivas dos entrevistados, suas noções de tempo passado, bem com seu olhar crítico no que tange ao crescimento ou modernidade apresentado pelo bairro. O vivido pelas pessoas que deixaram seus lugares de origem e migraram para periferia. Como sua entrada num novo espaço representa apropriação e ocupação do espaço e afirmação da etnia negra.

A figura do entrevistado mais relevante e ilustre da etnografia realizada no bairro é o senhor Guiomar. Conta atualmente com 84 anos de idade, e revela uma impressionante memória para os dados do início do bairro. Trata-se de um senhor alto, magro, com os cabelos grisalhos. Enquanto leva o pensamento ao passado aperta os lábios buscando mais um detalhe que está lhe ocorrendo. Orgulha-se profundamente de ter conseguido dar um lar, um teto a sua família. Nota-se nestas pessoas fundadoras a forte ligação com a família. Todos os sacrifícios foram feitos em nome dela. Para o senhor Guiomar esta lógica fez sentido e nela permaneceu, o fato de jamais ter saído do jardim do Salso após o desbravamento do “meio do mato” corrobora nossa versão sobre apego ao lar, à família e a terra. Descrever este senhor é um exercício de memória também, visto que ele transita muito no passado e no presente. Quase não menciona preocupações com o futuro. Demonstrou senti-se prestigiado com a nossa

proposta e logo na primeira visita que realizamos mostrou-se generoso com as informações. Alguns entrevistados precisaram de um tempo até ser convencidos da validade e importância de suas participações no processo de recuperação da memória do Jardim do Salso. A figura de seu Guiomar inspira muito afeto e ver seu esforço para manter a memória “boa”, concorreu para a qualidade que buscamos colocar em cada detalhe da etnografia. Buscamos não perder aqueles momentos junto a ele, com base na compreensão de se tratava de um momento único. As crianças, três netos da casa, muitas vezes sentavam perto dele para ouvi-lo, mas a idéia de que “lá vem o avô contado o passado de novo” os deixava entediados e partia para a brincadeira no pátio. Na percepção do entrevistado era falta de respeito das crianças não pararem para ouvi-lo atentamente. Ele entende sua importância e gostaria de gozar de mais prestígio na família. A idéia que de estávamos a sua disposição para a escuta o deixou feliz, sentido-se útil, inteligente, apesar de não ter freqüentado a escola. O peso da idade e dos problemas da velhice pareceram esquecidos enquanto ele se ocupava de memórias, as memórias do bairro. Na verdade, a construção de toda a etnografia do surgimento do Jardim do Salso desde a época de Mato Sampaio, até tornar-se bairro regular de Porto Alegre poderia ser feita com base no depoimento de seu Guiomar. Essa afirmação pode ser feita com base na comparação dos outros depoimentos e o dele. Poucos dados a mais surgem, eles representam impressões pessoais acerca de processos migratórios. Mas sobre a estrutura inicial e todas as obras por eles realizadas aparecem nos depoimentos seguintes como comprovações de que realmente ali, naquele lugar, eles fundaram um bairro. A dali, do conjunto de seus esforços foi possível manter as condições para a reprodução do cotidiano.

Na seqüência buscamos conversar e recolher a memória de Dona Graciana, uma

mulher forte fisicamente e mais ainda falando em seu caráter. Sua principal característica é mostrar em seu rosto as marcas do tempo e do tipo de trabalho que realizou por toda vida, era lavadeira. Ela é bem mais jovem que o primeiro entrevistado, mas demonstra o rosto cansado, demonstra esforço para lembrar bem de quando tudo começou e todos os enfrentamentos que teve como mulher num meio hostil como era então aquele lugar. Teve somente uma filha natural, mais tarde junto com esposo senhor Darci, adotou mais uma menina. Sua noção de felicidade aparece mais quando fala do presente, sente que realizou uma trajetória de superação. Venceu lavar roupas até criar as filhas. Venceu carregar as entregas nos braços, cuidado-se do barro vermelho em dias de chuva para não sujar a roupa limpa, até a chegada do asfalto. Seus braços são os braços fortes de uma lavadeira, a coluna um pouco deficiente, também uma marca do trabalho de despendia bastante esforço. Para ela, estar residindo no Jardim do Salso representou o fim de uma busca por segurança.

O esforço para manter em dia as contas , bem como as prestações do terreno marcaram toda a sua luta. A mesma deu o tom de seriedade com que tal projeto entrou em sua vida e de como a partir dele, pode estar à frente como proprietária de algo. A expressão “à frente” faz alusão à outros grupos da etnia negra que não tiveram chance de se tornarem proprietários de um bem imóvel e por conseguinte não apresentam ascensão social. No texto de (Irene Santos, 2005) a imagem de ascensão social do negro em Porto Alegre está ligada a:

“Festa social, baile, concurso de beleza, à vida pública do negro que atingiu níveis superiores na escala social de algumas épocas em Porto Alegre. Na nossa investigação a tônica recai mais precisamente sobre a trajetória de migração, as motivações que levaram este grupo da etnia

negra à busca de um lugar seu, ainda que na periferia. A esta busca no entendimento dos entrevistados representou a própria ascensão social. Dizendo de outra forma, o projeto de estar pleiteando construir uma casa e residir no Jardim do Salso, não era aberto a qualquer pessoa. O desempregado, por exemplo, seria uma pessoa sem condições para tal. O quesito trabalho é citado em todas entrevistas como base para o sucesso do projeto. Ser trabalhador, ostentar uma carteira de trabalho assinada, conferia-lhes um grau de distinção. Eram aceitos como possíveis compradores mediante o documento que atestava sua habilitação profissional. O critério ser trabalhador, representou uma marca de distinção para a etnia negra a partir da abolição da escravatura. Nos sociais como Satélite Prontidão, por exemplo, o título de sócio só era permitido à famílias e o chefe desta família deveria ser trabalhador.”¹

Ainda sobre o perfil dos entrevistados chegamos a figura do senhor Miguel, ele teve como profissão durante a vida a encadernação de livros, ofício do qual muito se orgulha. Teve muitas casas até chegar no Jardim do Salso, houve até mesmo a necessidade de separar a família enquanto ele fazia o que chamou de “malocão” primeiro tipo de habitação que construiu na rua São Mateus, até juntar dinheiro para iniciar a obra da casa oficial. Ele foi convencido aos poucos a nos revelar sua versão da chegada no bairro Jardim do Salso. Apesar de ser a pessoa mais escolarizada do grupo, logo no início, achou que seria melhor conversar somente como senhor Guiomar. Insistimos, e na segunda visita ele já havia separado toda a documentação que guardou durante mais de 30 anos, confirmando a posse da terra.

Consideramos esse dado muito rico e significativo, no momento em que os outros entrevistados, fizeram a valer a força de sua palavra como um documento, ele traz o registro oficial. Ao longo da conversa menciona todo tempo que a vinda para o Jardim do Salso para

¹ Os dados sobre os clubes sociais de negros e sua fundação foram objeto do projeto de Pesquisa “Negros de Porto Alegre Memória e Trajetória” autor: Doutora (Dais Barcellos,1996) Projeto UFRGS/FAPERGS

eles foi o que resolveu os problemas de moradia. Então, suas filhas que estavam morando com sua sogra, puderam reunir-se aos pais no Jardim do Salso. A esposa dona Rosália ouviu atentamente o marido enquanto este falava e ajudava a complementar as falhas na memória do marido. A figura do senhor Miguel lembra os personagens de Jorge Amado, mulato de pele quase avermelhada, óculos para enxergar de perto na ponta do nariz, vai remexendo seus guardados na busca de mais detalhes do processo migratório pelo qual passou, juntamente com a família.

Dona Tereza, também entrevistada, teve como ocupação na vida, o serviço de empregada doméstica. Ela conta atualmente com 78 anos de idade, no entanto lembra bastante os detalhes da chegada no bairro. Foi tendo seus últimos filhos já residindo no Jardim do Salso. Em sua fala se percebe uma mulher forte e ativa, acentuou como marca da migração a forte sensação desterritorialização. Visto que sua casa de aluguel era na rua Duque de Caxias. Ficava lembrando dos bondes e de como em comparação com o Salso tudo parecia longe. A força para permanecer na periferia adveio justamente do quesito obtenção da “casa própria”. Desse modo os vizinhos, a rede de solidariedade em sua trajetória pessoa foram fundamentais. Na sua fala se observa que algumas pessoas migrantes, já estavam no bairro quando ela chegou e houve a necessidade de se adaptar as regras já existentes para o convívio. A busca por água num local distante de sua casa, foi registrado como a questão mais difícil a ser vencida. Sobre sua disposição para a entrevista, foi na linha do Senhor Guiomar, sentiu que poderia contribuir muito para o sucesso do texto e deixar um registro de como o bairro cresceu, “está melhor para se morar”.

Na sua fala aparecem as memórias do bairro centro misturadas com a vinda para o Jardim do Salso. Talvez esse seja o diferencial em seu depoimento em relação aos outros. A todo o momento fazer contrapontos sobre as perdas que teve, equilibradas pelos ganhos da nova vida. Demonstrou intimidade com a geografia do bairro centro antigo, detalhando as ruas por onde os bondes passavam, os prédios da rua Duque de Caxias que ora não existem mais e assim por diante. A visão dela da periferia contrastou de forma singular com a visão dos outros membros do grupo. Uma visão da entrada na periferia com uma dose extra de realismo, talvez pela fato de estar com mais de 35 anos na época da migração, o sentimento a respeito da mudança tem mais peso.

Dona Iracema, é irmã de dona Graciana, e teve o mesmo estilo de vida. Viveu da lavagem de roupas para fora e ajudou seu marido na construção da casa com seus rendimentos. Ela demorou a se encorajar a conversar conosco e dar sua contribuição para reconstrução da memória do Jardim do Salso. Nas primeiras visitas que nós fazíamos, ela ficava apenas observando e dizia que estava ocupada na sua vez de falar. Aos poucos vendo que a irmã não lembrava bem de todos os detalhes ela começou a participar das conversas. Uma frase aqui e ali, até o dia em que realmente sentiu-se bastante tranqüila com o andamento que estávamos dando ao trabalho, resolveu falar. E foi um pouco além do que sua irmã já havia colocado.

Sua principal característica é ter acompanhado sempre sua irmã desde a primeira migração que fizeram. A primeira contada por ela, foi do interior do estado para a capital. Vinham em busca de trabalho, de melhores oportunidades.

Dona Iracema é uma mulher de baixa estatura, com os braços fortes de alguém que se dedicou ao ofício de lavadeira por muitos anos. Um semblante sempre mais sério que o de sua

irmã e por isso representa ter muitos anos de idade além do real. O fato de ter ficado viúva ainda jovem, marcou a sua vida e ela pontua todos os assuntos com o referencial das pessoas que já tiveram perdas. Por fim ela relatou não ter saído do bairro após a morte do marido, para não se afastar de sua irmã. Nosso olhar fica atento às pessoas que permaneceram e como a modernidade do bairro as atinge. A base deste pensamento encaminha para a conclusão de que no processo migratório iniciado nos anos 60 pela etnia negra como cita Martins (1968), ocorreu ajustamento desta população ao novo local. E seguiu se ajustando a todos os movimentos do crescimento que a modernidade trouxe. A racionalidade nova postulada por Santos (2000), neste contexto do Jardim do Salso faz todo o sentido. Justifica as estratégias usadas pelo grupo para o convívio com o meio e com os outros. Essa racionalidade imprimiu nos fundadores o desejo de “dar certo”. A idéia de que ali era o seu lugar. Que deveriam lutar para estar ali. O manejo das informações do campo é sutil, por que lida com memórias. Num aspecto mais delicado ainda que são memórias de velhos. Então as informações chegam aos poucos. Em ordem de importância para a vivência de cada um. Dona Graciana acentuou a dificuldade com a água e as mangueiras a serem ligadas. Também o barro na ladeira nos dias de chuva.

Para o senhor Guiomar o desejo de residir ali foi mais forte que qualquer intempérie, não relatou dificuldades, registrou a fibra deles no momento da posse do lugar realmente. O que nos permite concluir que as visões de mundo, do homem e da mulher fundadores, tinham especificidades. O homem fazia o enfrentamento o mundo da rua Da Matta (1975), e a mulher tinha as funções do lar. O calor, o acolhimento, a gestação. Tanto dos filhos que estavam sendo gerados naquele novo contexto, quanto dos projetos e sonhos com a casa nova.

O masculino é o que sai de casa, o que enfrenta o mundo trabalho e desbrava circunstâncias adversas. Coloca-se acima dos seus medos e dúvidas. O feminino espera, organiza, detém no seu ventre a possibilidade da vida. Daí, visões de mundo diferentes. Não que as mulheres fundadoras não trabalhassem fora, ajudavam na renda familiar. No entanto existia sempre aquele caráter mais subjetivo que encaminha as coisas de maneira a dar certo. Essa tessitura das redes de relações, é feminina. A organização da solidariedade, bem como a articulação de estratégias que ajudem a dominar o meio. Construir um cotidiano é predominantemente uma ação feminina.

A “Memória de Velhos” trabalhado no texto de Ecléa Bossi(1979), enumera as dificuldades deles ao exporem suas lembranças ao pesquisador. No sentido de ir analisando as informações que estão vindo mescladas de presente e passado ao mesmo tempo. A cronologia da memória não é uma cronologia nos moldes científicos. Ela está mais ligada a uma memória afetiva e seletiva. É em grande parte o que muitos autores chamam de subjetividade. Aquilo que vai bem no fundo da alma, e que se pode ser visto e conhecido se eles assim o quiserem. O trato da recordação ou da memória faz a parte de um quebra cabeça, um mosaico, uma colcha de retalhos a ser dispostos e sobrepostos conforme a importância daquele ou deste fato. Trata-se na verdade de um garimpo no imaginário. Estamos reconstruindo algo que é um documento do passado. Mas cujas provas são quase inexistentes. Devido ao fato de a fotografia na época era muito cara.

Também a oralidade é um instrumento de recolhimento dessas histórias. Mas a emoção da época não pode ser recuperada. Por que os ritos de passagem e de posse daquele pedaço de chão, foram feitos no passado. Eles, os sujeitos desta construção tinham em si a

visão de mundo da época e eram jovens. Agora quarenta anos depois ver o Jardim do Salso bem arrumado, enche-os de orgulho e os leva a descrever o começo de forma mais emocional. Não inverídica. A visão deles vem permeada dos referenciais que a eles importa. Tornando cada relato tão válido quanto um documento histórico, no momento em que é repassado às gerações seguintes e ou permitido seu uso e divulgação em trabalhos científicos.

A forma como se faz a captação e o rescaldo dessas lembranças e memórias dos velhos, é bem trabalhada no método etnográfico. A escuta, as visitas a campo, e fundamentalmente, um olhar mais atento a tudo o que cerca o entrevistado, são o próprio método. E o entrevistado faz de sua vida e de seus relatos o texto, ou referencia que mais tarde embasa todos os nossos argumentos sobre motivações para migração e confecção de novos territórios, bem como novas racionalidades.

Na pesquisa essa é a riqueza do trabalho. Os dados do IBGE e outros de fontes reconhecidas, não tem capacidade de elucidar os detalhes como as entrevistas fazem. Nosso ofício e nosso desafio aqui é fazer jus ao rico material de campo e trabalhar exaustivamente cada dado a fim de dar ele um tratamento bem elaborado. Neste sentido buscamos passar o mais fielmente possível as falas dos entrevistados. Vendo que a confecção do texto final dependia do sucesso desta busca. A convivência dos fundadores com o passado e os dias atuais, parece não estar causando muito conflito. O evento migração, definitivamente altera comportamentos nas pessoas, pessoalmente pude como pesquisadora, observar em outras comunidades periféricas. Por exemplo o uso de fogão à lenha, nos moldes de zona rural dentro da cidade. Inclusive indo “catar lenha para fazer o fogo”. A negação de que o moderno existe e só se permitir usar os artefatos que consegue dominar uma televisão sem controle

remoto, bater as claras em neve para os bolos, usando garfos no lugar de batedeiras. Andar muito tempo à pé e ignorar as calçadas, fazendo uso de todo o passeio públicos.

Os objetivos que nortearam todo tempo a escrita do texto final desta dissertação descrevem o papel da geografia e de outras ciências na busca do entendimento de temas como migrações. (Analisar a partir de referenciais da geografia, sociologia e da antropologia a migração para a periferia de Porto Alegre realizada pela etnia negra nas décadas de 60 e 70, mapear a trajetória de deslocamento, pontuando as diferenças reconhecidas que existem entre a periferia e os bairros centrais; reconhecer através dos discursos destas populações, estratégias para fixar residência na periferia.) A escuta das falas dos entrevistados concorreu como viga mestra na elaboração do conhecimento sobre o passa do e o presente do Jardim do Salso. (Elaborar a partir das falas coletadas em entrevistas, um diagnóstico das motivações para mudança de endereço, projetos que tinham em mente realizar e o que foi conseguido através dos anos.) O problema da presente dissertação analisou as migrações da etnia negra para a periferia de Porto Alegre. O problema que em nossa análise aparece como relevante é: Quais foram as motivações que levaram as pessoas da etnia negra, dos bairros Centro, Cidade Baixa e Bom Fim a realizarem uma mudança para periferia de Porto Alegre; especificamente para o bairro Jardim do Salso e assumir esse lugar como seu novo território.

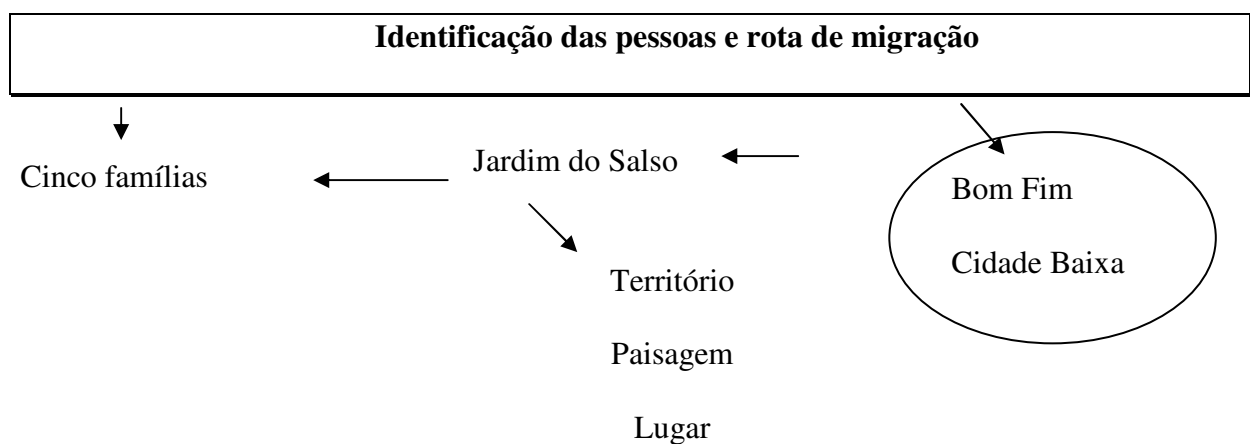


Ilustração 1 . Identificação das pessoas e rota de migração

O método etnográfico é consagrado na antropologia como sendo o que melhor consegue capturar os elementos do campo de pesquisa, bem como fazer uma análise dos dados que reflita os elementos que são pertinentes na ciência antropológica. Para Geertz, “O antropólogo aborda características tais interpretações mais amplas e análises mais abstratas a partir de um conhecimento muito extensivo de assuntos extremamente pequenos. “...temos que descrever detalhes... para apreender corretamente o caráter essencial, não apenas das várias culturas, mas também os vários tipos de indivíduos“ (Geertz, 1978,p.65)

O pensamento do autor corroborou nossa investigação no Jardim do Salso e contribuiu muito para o aprofundamento de questões que a análise dos dados do campo propôs. A abrangência de temas sociais como a migração, mobilidade social, estruturas de classe, exige que se delimite o universo a ser investigado. Exige também que se pontue estratégias e métodos a serem aplicados na investigação. O universo de pesquisa foi composto de 05 famílias que apresentaram trajetórias de migração nos períodos de 1960/1970 para a periferia conhecida como Mato Sampaio, atual bairro Jardim do Salso. A coleta de dados realizou-se através de entrevistas semi- abertas e observação dos bairros de periferia onde residem atualmente. Pontuou a coleta de relatos, das pessoas das épocas, (Anos 60 e 70) e de seus descendentes. Para a partir daí tecer um perfil do morador da periferia.

A observação da paisagem atual comparada com a paisagem vista em fotos antigas e o estudo de mapas de Porto Alegre, dos anos 60, 70 e 2004, para ter um panorama do crescimento da cidade. O quanto estendeu seu tecido urbano em direção à periferia. O estudo da paisagem dos lugares estudados no projeto e as alterações verificadas, essas poderão ser

analisadas através da comparação de fotos das décadas de 60, 70 com a paisagem atual. Também nessas fotos buscaremos comprovar através da comparação de dados visuais e históricos que a periferia se desenvolveu. A questão metodológica deste projeto prevê que será necessário fazer o cruzamento do método etnográfico com questões semi abertas estruturadas em um questionário.

O método etnográfico utilizado pela antropologia social, faz pesquisa de campo e pode dar conta das questões surgidas no percurso. Visto que oferece vasto referencial teórico e tem elementos para uma discussão do objeto estudado. Acreditamos ser esse método o que melhor propõem um aprofundamento das questões: de cotidiano, intimidades e interações ocorridas no seio da comunidade. Como autores expoentes do método etnográfico para o nosso projeto, faremos referência a (Geertz, *A Interpretação das Culturas*, 2004), para discutir a comunidade da periferia como um lugar de produção de cultura dialogamos com os textos de (Ortiz, 1991). Quando se reporta a questões de linguagens unificando mundos diferentes ou simplesmente marcando a diferença. Entender a periferia com um outro olhar e perceber nela as nuances de um lugar único, por que habitado e construído a partir dos referenciais de um povo. Comparações do bairro Jardim do Salso com os seus primórdios, a sua realidade atual, constituem um pilar desse texto outros. Ele é, antes de mais, nada, um instrumento que capacita o pesquisador a analisar o contexto atual, através das múltiplas variáveis e mais tarde construir categorias de análise na etnografia do Jardim do Salso. Desta forma acreditamos que as entrevistas semi abertas, responderam de forma espontânea e dão margem ao surgimento de histórias orais, histórias de vida extremamente valorizadas no decorrer do processo. Contudo a base desse trabalho foi o campo, o encontro com as pessoas, a escuta, a

análise de mapas e fotos. Esse conjunto de elementos somado as leituras da paisagem compõe nossa metodologia de trabalho.

O método etnográfico prevê ainda que se discuta a alteridade, ou seja em que medida o pesquisador é capaz de se colocar no lugar das pessoas da periferia.

Inicialmente a pesquisa se referenciou em histórias orais contadas por pessoas “chave” que sabidamente tem em sua vida, história de migração para periferia. A essas pessoas que detêm o perfil de migrante foi reservado um papel de destaque no texto final.

O que consideramos, “pessoas chave” são aquelas de um convívio mais próximo da nossa rede relações. No projeto “Negros de Porto Alegre: Memória e trajetória” projeto da professora Daisy Barcellos, mencionada anteriormente, a amostra para as entrevistas foi composta a partir de membros de clubes sociais de negros que se situam no bairro Glória, próximo à Oscar Pereira. Para a análise da periferia na zona leste, as pessoas “chaves” são os fundadores do bairro na década de 60. Pessoas que fazem parte de uma rede de relações pré-estabelecidas pelo pesquisador.

A formulação de algumas questões para a construção do projeto “Etnia Negra-Migrações para periferia”, apontou para a necessidade de conhecer os seguintes aspectos relevantes sobre o processo migratório:

a) A etnia negra é de fato fundadora das periferias urbanas de Porto Alegre, e mais especificamente do bairro Jardim do salso. Conhecido nos anos 60 e batizado popularmente como Mato Sampaio. Devido àquela parte da cidade, hoje, micro região leste, ser propriedade de um latifundiário, o Senhor Sampaio. Neste mesmo molde encontramos a nomenclatura “Chácara das Pedras”, uma grande extensão de terra que hoje comporta os bairros: Chácara

das Pedras e Três Figueiras .

b)A motivação para a migração para a periferia de Porto Alegre está fortemente relacionada a um desejo de mobilidade /ascensão social, constituindo-se como vetor principal deste processo.) A população, que compõe nosso universo estudado, haja vista, a etnia de Porto Alegre, detém ou não noções de perda do (território, Desterritorialização).

Tópicos que contribuirão para o diálogo com os fundadores do Jardim do Salso:

- Quantos anos você e sua família residem no Jardim do Salso?
- Você se considera fundador do bairro?
- O que o motivou a vir morar no Jardim do Salso?
- Ao chegar no Jardim do Salso como se sentiu? Quais eram seus sonhos, o que deixou para trás?
- De que forma você diria que este é o seu “lugar”? Que fatos, construções ou sentimentos lhe dizem que este é o seu lugar?
- Os amigos do passado, as relações que você tinha, foi possível manter com a mudança?
- Atualmente o Jardim do Salso apresenta grande crescimento. Do que foi mudando para melhor, para você o que é mais significativo?
- Qual o motivo de deixar o antigo bairro (porque saíram)

O desejo da humanidade de organizar-se em grupos de convivência surgiu da necessidade de proteção. Juntos eram mais fortes. Frente aos desafios impostos pelo meio, frente ao imponderável. Mais tarde, com o advento das vilas e povoados, o estar junto, fazer parte de um grupo que fosse além da família, tornou-se lucrativo. Neste sentido a sociedade

humana evoluiu de clãs, tribos e aldeias para sociedades complexas. Começa a ocorrer a diferenciação do mundo do trabalho e da arte discutido por Arend (1991), ao analisar a sociedade grega e suas formas de convivência. A autora responde à questões filosóficas.

Heller (1977, 1994), se fixa mais nas noções de cotidiano e das necessidades do homem. Apesar do que a sociedade possa esperar dele. Entretanto, não há, segundo ela, uma negação as regras sociais. O foco proposto por Heller recai, antes nas estruturas da mente humana, ela dita os caminhos a se seguir. Esse processo vem mediado pela educação, pelo convívio familiar e pelas percepções de mundo que o sujeito aprende. Isto revela o cotidiano, o ato de aprender e reproduzir em seus atos ações ao longo de sua existência.

Lefebvre(1991), em sua proposição, de inspiração marxista, afirma que a sociedade é voltada para a produção do espaço. O cotidiano é relativo ao homem, nesse sentido a subjetividade se torna muito importante. A reflexão deste autor envolve o humano, fala de uma vida presa à sociedade.

O momento atual contempla a análise de sociedades globais, todavia estas, são permeadas de universos microscópicos. Há um constante conflito da modernidade, nos colocando de frente para as coisas que se diferenciam, por exemplo horizontalidades e verticalidades são um binômio que segundo Santos(2002) explicam as ordens global e local.

Na nossa percepção o local seria comparável à periferia, ou contextos periféricos. Onde a tônica para a construção de um devir é a solidariedade do grupo anteriormente mencionada. O local deve se organizar. Gomes(2001), diz em sua obra “ A Condição Urbana” que a cidadania surge da reorganização do território.

Em seu trabalho, que faz referencia aos gregos, a polis, no mesmo sentido, Arend

(1999), diz que surge uma expressão da vontade da maioria e é um exercício político conviver num espaço físico-geográfico, organizado desta forma. A cidadania no Estado moderno prevê igualdade, liberdade; após a revolução francesa, surge a cidadania em relação ao espaço público. Alguns autores clássicos sublinham a participação plena do cidadão, como a possibilidade de poder se expressar publicamente. Isso podendo ocorrer em salões, cafés. Esses espaços contribuem na construção de idéias. Mas a rua é sempre um espaço a ser vencido. Da mesma forma que as migrações representam processos, formas de se vencer alguma coisa. Uma etapa de vida, uma disputa, um recomeço.

O pensamento de que na periferia existe cidadania, é correto, e de que as pessoas residentes buscam formas de expressão também faz sentido. Como unir numa mesma discussão o devir da humanidade, que por vezes a faz migrar para a periferia; com horizontalidades, verticalidades, noções de cidadania e território? A análise dessas variáveis, tanto pode ser feita uma a uma, quanto inseridas nos contextos das vidas das pessoas. Nas análises acerca do crescimento da periferia, é possível pensar horizontalidades e verticalidades ocorrendo de forma simultânea no espaço. Quando o cidadão migra para periferia faz alterações na sua rotina, no seu modo de pensar e viver.

A solidariedade pode ser indicada como um momento de horizontalidade se manifestando. Na medida em que se busca junto com o grupo uma saída para os problemas em comum. É certo que haverá líderes nestes processos. Os mesmos são frutos de aprendizagem e de amadurecimento. A periferias é entre outras formas que o espaço assume, uma escola. A busca por penetrar nesse espaço e dele fazer um território, equipara as pessoas. È mais uma roupagem que pode ter o nome de horizontalidade.

A linguagem utilizada no interior dos bicos, favelas e morros, significa, segundo Ortiz(1991), uma forma de identidade. Apreensões diferentes do real. Um olhar de quem é o fundador, o migrante e que revela uma tendência. Uma forma de expressão, registrada, sobretudo no seu cotidiano e nas estratégias desenvolvidas pelo grupo para a manutenção do espaço. A apreensão do significado da migração se dá de forma contínua, gradual. A maneira como se inscreve nas rotinas e nos aprendizados que o homem faz sobre si e sua nova situação, nova territorialidade.

Esse processo é inegável e irrevogável no sentido das construções que a subjetividade humana pode conceber para a mudança. O passo foi dado e tudo o que advenha dessa forma inaugural de viver o espaço e nele construir um devir para filhos e netos, pode ser destacado como positivo. Mesmo o que não parece positivo a primeira vista, o que ainda precisa ser infrentado e transformado.

A idéia de migração compreende em si, um significado bem amplo quando se fala em motivações. “Os porquês” das pessoas ao entrarem num mundo que não íntimo para elas, e com que ferramentas, fazer essa construção. Metaforicamente falando, as ferramentas referidas, seriam os aprendizados que se traduzem na bagagem deles. O que sabem. Mas principalmente o quanto essa migração representa para elas, em seu imaginário, uma oportunidade de uma vida melhor. O ato de reconhecer-se portador de uma nova identidade soma-se ao elenco das variáveis que devemos analisar ao pensar em migração. O trato da questão identitária nestes contextos, é permeado de reflexões, questionamentos e tomadas de posturas frente ao que se descortina para viver.

CAPITULO I - ALGUMAS CERTEZAS SOBRE O JARDIM DO SALSO

- PERIFERIA

No capítulo anterior fizemos um esforço para organizar as questões mais técnicas e a formatação do modo como se estruturou a pesquisa. Buscamos naquelas páginas mostrar as pessoas que formaram o universo de informantes e também uma figura demonstrando que houve o processo migratório de fato, rumo ao Jardim do salso, na época o Mato Sampaio.

Neste capítulo intitulado Certezas, ocorre um aprofundamento dos dados do campo, a face do Jardim do Salso no passado e presente e ainda a vida no seu interior. Uma análise de como o cotidiano é vivenciado pelos fundadores e sua visão do bairro no momento atual.

A cidade de Porto Alegre nos apresenta várias visões de si dos bairros nobres e da periferia. Passando também pelo setor da indústria e do comércio. O que chama a nossa atenção e faz com que tenhamos um olhar mais atento é a convivência entre o passado e o presente concomitante no mesmo espaço sócio-urbano.

Para abordar periferia, migração e racionalidade como conceitos que balizam estes textos, recorreremos a Santos (2002), incluindo também suas noções de ordem global e local.

No nosso entender a migração pode e deve ser analisada como processos de apropriação de um novo local para moradia, como nova territorialidade.

Dentro deste processo é possível encontrar dimensões de significado, ou seja, a maneira como o grupo ocupa esse espaço e as suas estratégias de reprodução da vida. A dimensão do social/sociabilidade, representa os locais antigos deixados para trás, com o advento da mudança e ainda a construção de laços novos, no novo local. Neste sentido as festas e encontros nos bares de esquina tão característicos da periferia são contemplados, no

referencial da afetividade.

O universo, chamada periferia traz à cena da investigação científica um grande número de interrogações. Desde os primeiros habitantes, até as últimas configurações que o urbanismo e o crescimento que a cidade lhe impõem.

Periferia é intimidade, no que concerne as formas de pensar de seus moradores. A representação que vem da periferia, como podemos entendê-la, é em síntese, a simplicidade. Uma mistura bem sucedida de saberes locais, informalidade e tradição:

“Lembro que a minha mãe fazia as coisas assim..” (Dona Tereza)

Esse fragmento da fala de um morador da periferia, justifica pensar que a tradição oral e a repetição de modos de fazer as coisas , através das gerações, é um legado. Eunice Duran percebeu na periferia carioca, um elenco de saberes locais. Em seus estudos sobre a periferia é possível entender a vida na periferia como uma vida “difícil”. Um local de urgências, onde a resolução de problemas cotidianos simples, por razões econômicas, se torna complicado. Poderia-se dizer que as mitigações de conflitos sociais, são dificultadas pelo meio, pela geografia do local e pelo ajustamento que ainda está sendo buscado.

A convivência com a vizinhança, as vezes nevrálgica, precisa ser negociada. Essas noções são encontradas na obra de Sennet (1988), que aborda questões a respeito de domínios públicos e privados, e faz a descrição dos conflitos surgidos a partir destas relações. Na periferia, por exemplo, a intimidade da casa se torna violável. Visto que em contextos periféricos, devido à espacialidade, a expressão exata de privacidade se torna muito relativa. Mais precisamente a espacialidade na periferia, não contempla o resguardo da intimidade dos vizinhos. Muitas casas na favela, são construídas com base na parede vizinha. Por razões de

segurança e por questões econômicas.

Comparar contextos sociais é uma via de compreensão muito utilizada nas Ciências Sociais e Antropologia, por razões de método e também, confere aos dados do campo, um outro olhar, através da mensuração das diferenças ocorridas. E as diferenças podem ser de ordem material, visual, estrutural e nos comportamentos. A rede de solidariedade que aparece nos depoimentos dos fundadores, nos anos 60, atualmente se verifica somente em contextos familiares. Resulta ter havido uma mudança de comportamento dos membros do grupo estudado, que ultrapassa a fronteira físico-geográfica.

No nosso caso, o comparativo seria: a periferia conhecida como Mato Sampaio, com toda a carga de deficiências que o lugar apresentava. Hoje, se tornou um lugar bem localizado. Um bairro de Porto Alegre como outros. Compara o objeto com ele mesmo, usando a temporalidade como base.

As casas são muito juntas e a linguagem local, reafirma a presença do grupo ali. Ortiz(1991), faz referência em seu trabalho ao conceito de transglossia, que remete ao pensamento de que formas de linguagem marcam identidades. A natureza destas identidades não demanda que o grupo seja visto como diferente por isso. Estabelece um tipo de sentimento que une o grupo e os torna capazes de ser reconhecidos como sujeitos. Desta forma, a linguagem representa um patrimônio.

Pensando em grupos, posturas e migrações, aparece o pensamento de Harvey(1999), a destruição criativa, a reestruturação do tecido urbano, dentro dos padrões modernistas na cidade e a expulsão de grupos sociais para periferia. Este autor elaborou também análises sobre justiça social e racionalidade. "No final dos processos, a vida urbana, o devir das

idades está bem longe de nossas vontades, motivações.” Ou seja, o autor postula que a rede decisória a cerca dos rumos que a cidade irá seguir não passa pela aprovação de todos os seguimentos da sociedade. Cabendo a estes, incorporar no seu cotidiano um formato de cidade imposto, não discutido e que tem a tendência para atender uma camada social.

Reúne-se a esse pensamento Lefebvre(1991), ao criticar duramente os urbanistas e quando elaboram projetos de expansão para as cidades e deixam de lado a proposta de consultar as comunidades. Dessas análises se depreende que a cidade e seus processos sociais, principalmente os migratórios, compõem uma dinâmica a qual somos incapazes de frear, da qual somos atores sociais.

Em nosso entendimento, que concorda com o senso comum, a periferia se constitui em um território, que abrigou tradicionalmente, pessoas de baixa renda. Por aparecer freqüentemente na mídia como local de violência e de difícil acesso, mas que mantém uma identidade que os afirma: “Cada uma delas, com suas marcas específicas” Ortiz (1991).

A territorialidade é uma consequência, um somatório de situações, embates e conflitos políticos, entre o público e o privado. Que dão a ela, a periferia, uma visibilidade maior e maior relevância, dependendo dos interesses.

Migrar para a periferia, ver que estamos num outro território, nos obriga, segundo Santos(2002), uma nova racionalidade. Neste sentido, abra-se a possibilidade de ver a periferia a partir da subjetividade humana. Passe-se a conhecer o elenco de motivações que levam o sujeito a migrar.

Neste lugar desejamos perceber as mudanças do ponto de vista do antrópico, e perceber suas relações com o meio físico-geográfico. Este, é pleno de significados e de

saberes aos poucos inculcados pelos seus fundadores. Constituídos numa identidade única proposta por Ortiz(1991).

As pessoas entram na sua ambiência, e nela realizam o seu cotidiano. Realizam práticas que nos seus locais de origem, representa de certa forma uma volta no passado. Por exemplo: Confeccionar buracos para a colocação de canos de água, catar água em locais distantes e levá-la em baldes até as casas. Reconhecer o isolamento do local. Estar nesta nova ambiência requer aprendizados.

Ocorre um ajustamento, Martins (1968),a vida assume outros valores, quando na periferia. Assume a dimensão de se estar ali e precisar gerenciar uma série de posturas e saberes para fazer com que seja possível a reprodução da vida neste lugar.

Ver a periferia como o espaço do cotidiano e da intimidade a humaniza. Para os moradores da periferia, todas as práticas realizadas por eles no sentido de melhorar o ambiente, representam uma forma de ganho. Independente de estruturas sociais, ou detenção dos meios de produção, ali existe vida.

Quando fazemos a leitura de vários autores da geografia entendemos que também a periferia é um espaço de fluxos, que a informação está presente no cotidiano deles, e as crianças acessam a Internet. O importante para o autor é frisar que a violência, não é uma prerrogativa das zonas periféricas, a violência está onde o dinheiro circula. Os laços de afetividade e de identidade impedem a violência e a criminalidade entre as pessoas do lugar.

Falar em territórios, migrações, sujeito do fazer na periferia assume uma dimensão múltipla. Abrange os históricos de família, de como foram se compondo as periferias

urbanas em Porto Alegre, neste último século. A expressão periferia é usada na linguagem popular para falar de locais distantes. Locais de difícil acesso, longe dos centros urbanos. “Lugar onde o progresso demora mais para chegar e que apresenta deficiência de serviços. Periferia remete ainda, na visão do senso comum: a um lugar marginalizado.” È bastante difícil fazer a apreensão de todas as idéias surgidas no imaginário popular acerca da periferia. È mais difícil ainda reconstituir numa cidade como Porto Alegre, onde ela começa, em termos geográficos. E também onde inicia seu passado histórico. Lembrando que ela foi uma cidade composta por: migrantes e imigrantes.

Neste sentido, nosso olhar se volta para o universo dos migrantes. Aqueles que historicamente ocuparam algumas áreas centrais da cidade e que com o passar dos anos, inauguraram a periferia.

Essas populações são, “na nossa análise,” pessoas da etnia negra. Seguimento social o qual desejamos referenciar neste trabalho e pensar sua trajetória de migração para periferia, como um processo.

Viver em centros urbanos é um referencial do homem civilizado. A busca por proteção, organização e domínio sobre a espacialidade, deu ao homem um status social. Isso provocou o principio do aumento superlativo de suas cidades, de seus centros urbanos. Aí surge a periferia: “Um lugar para abarcar tudo o que o centro já não comporta”.

A noção de amplitude da periferia faz com se pense nela como lugar que tudo pode ser compreendido em seu espaço, desde as populações trabalhadoras, até os rejeitos da indústria. Pelo fato de que a periferia não é visível, até que se vá até ela, essa invisibilidade lhe confere a peja de depósito. Os questionamentos de cientistas e políticos residem entre torná-la

atrativa. Em nossa época grandes investidores inauguraram ali, condomínios fechados; e a população pobre ser colocada cada vez mais à margem, desterritorializando-a ainda mais.

Quando lançamos um olhar analítico para periferia e nos sabemos capazes de questionar os rumos que ela segue, fazemos uma retomada de dados conhecidos e outros nascidos da pesquisa de campo. Isso remete a um desafio o qual muitos autores já incorporaram em suas teses, justificar de que forma a modernidade será capaz de responder as demandas cada vez maiores na cidade.

Atualmente o uso que se faz do espaço, o transforma numa marca de distinção. Uma ocupação elitizada e elitizante do espaço geográfico, compreendido como periferia, é uma tendência da modernidade. Todavia, o perfil das pessoas que fazem das periferias, uma opção de vida, dista em muito do perfil dos moradores fundadores do Jardim do Salso dos anos 60. No nosso caso, o recorte, o eixo discursivo se refere basicamente: as migrações da etnia negra para periferia e suas motivações. O que a levou a realizar este movimento em um dado período da história de Porto Alegre. Desejamos também colocar em relevo alguns dados sobre um bairro específico: O Jardim do Salso.

Tabela 1. Tabela Demonstrativa do perfil do bairro Jardim do Salso

Regulamentado pela Lei municipal - 6594 de 31/01/90
População no senso de 2000: 5.143 moradores
Homens: 2395
Mulheres: 2748
Área: 93 ha
Densidade: 55 hab / ha
Taxa de crescimento 91 / 2000: 1,6% aa
Número de domicílios: 1811
Rendimento mensal médio dos responsáveis dos domicílios em 2000: 11,4 salários mínimos.
Limites atuais: Avenida Ipiranga, subindo a Cristiano Fischer, até a rua Palestina, seguindo até a São Benedito e desta até a Abílio Azambuja. Depois percorre uma parte da Santa Isabel.
Planos diretores que já alteraram o espaço geográfico do Jardim do Salso: 2717, 2709 e 2705.
Faixa etária dos fundadores no momento da migração: entre 28 45 anos.
Escolaridade dos fundadores: em média todos completaram o primário antigo.
Número de famílias migrantes: 5 famílias
Profissões dos migrantes: lavadeiras, motoristas, funcionários públicos, sindicalistas.

Tudo neste bairro concorre para a tranqüilidade que lembra uma vida interiorana. Muito arborizado, amplo, limpo e bem distribuído espacialmente. Este bairro lembra qualidade de vida. Nosso interesse por hora é abordar dois momentos do referido bairro. Falar dos seus primórdios, nos anos 60, quando ainda era conhecido como Mato Sampaio. Existem

registros de depoimentos colhidos entre os moradores fundadores, que referem o medo e a falta de serviços, recursos e aparelhos urbanos como os grandes entraves para viver bem. Esses depoimentos embasam nosso trabalho de observação e registro também seu crescimento, sua evolução através das décadas.

Nos anos 60, a face do bairro era confundida com o aspecto de zona rural, bastante mata natural, cercada de eucaliptos. O final de semana das famílias fundadoras eram os piqueniques sob as sombras das pitangueiras. Local eleito pelas lavadeiras para a realização de seu ofício.

Em um dos depoimentos recolhidos no campo existe o relato de que se fazia também corridas de charrete nos finais de semana.

A idéia que se forma na mente é de um lugar calmo, onde se buscavam alternativas baratas, ou sem custo nenhum para o lazer. Os fundadores podiam confraternizar com os filhos e os amigos dos filhos, sem preocupações.

A queixa mais recorrente quando se fala no passado do Jardim do Salso, ou melhor, de sua construção, é falta de calçamento. Nem mesmo pedras haviam sido colocadas. Então nos dias de chuva tinham que enfrentar o barro vermelho, a lama que sujava as casas e a roupa deles, às vezes inutilizava os calçados.

Muitas vezes as crianças exibiam marcas e cicatrizes no corpo devido às quedas nas brincadeiras na lomba. Essas brincadeiras podiam variar entre: corridas de pega-pega, soltar pipas aproveitando a boa quantidade de vento do local, carrinhos de lomba, uma espécie de antecessor dos carts que se conhece atualmente. Aproveitavam a geografia em declive para as corridas e depois carregavam seus carros novamente para cima.

As meninas destas famílias pobres não compravam bonecas de loja, as delas eram feitas a partir de retalhos de tecidos por mães e avós. Elas buscavam no meio ambiente formas de desenvolver o lúdico. Colhiam o capim verde e atavam em pedaços de madeira fazendo assim o corpo e os cabelos de uma boneca. Eram descartáveis. Para elas era um brinquedo diariamente montar suas bonecas de capim. São da mesma época, as bonecas de papelão com roupas para trocar que ficavam presas ao corpo por ímãs. Essas eram mais caras, precisavam ser compradas, as outras, somente precisavam de imaginação.

Os adultos viam as crianças crescerem naquele meio, bem livres, isso era já a concretização de uma parte de seus sonhos. Observavam a alegria das crianças e sentiam a realização.

No nosso imaginário talvez seja difícil mensurar o valor disso para eles, a conquista do leste.

Por que justamente ali na divisa do Jardim do Salso ficou a demarcação de zona leste de Porto Alegre. A descrição do local que faremos a seguir é fruto do trabalho de campo, da observação direta e de comparações com fotos antigas do bairro.

A rua Nei Messias, local onde ainda reside o morador (fundador) mais antigo do bairro e que também é o mais velho, senhor Guiomar; é uma rua simples. A base de seu calçamento original está visível. Pedras azuladas, paralelepípedo. No centro da rua, recoberto por asfalto nota-se a falta de manutenção, a grama cresce entre as pedras da rua. As calçadas são todas bem arrumadas com lajes rosadas, as mais modernas receberam basalto. É uma rua curta. Seguindo a caminhada que se inicia da esquina da Rua Cristiano Fischer com a Nei Messias, percorre-se duas quadras grandes. Chama a atenção a mistura de estilos, materiais utilizados

nas construções, ora madeira, ora tijolos e pedras, em alguns casos vê-se os materiais misturados. O grupo estudado manteve a sua casa em madeira, material original e que era muito caro em 1960.

São coloridas, misturando o azul na parede com amarelo nas janelas e laterais verdes. Podendo variar ainda entre amarelo e marrom ou azul e branco. A conservação das casas varia de acordo com as possibilidades do morador. O Guiomar teve sua primeira residência nos fundos de seu terreno, uma casinha de madeira. Depois melhorou de vida e construiu uma nova casa usando cimento e tijolos. Lembrando que Sr. Guiomar construiu as duas casas em que residiu com a família, usando recursos próprios. Teve um casal de filhos, e isso ajudou na contabilidade de seus rendimentos, um número maior de filhos, aumentaria muito a despesa da casa. Já, o senhor Manuel, aposentado por invalidez aos quarenta anos, teve cinco filhos e nunca pôde concluir sua casa de madeira.

Os postes da Rua Nei Messias também trazem a mistura do velho e do novo: alguns são de madeira, bem baixos e desgastados pelo tempo, os mais recentes são torres de cimento. Elas definitivamente marcam a paisagem com sua altura extrema, que altera até a visão que outrora se podia ter do bairro. Bastante arborizada, a rua conserva o aspecto de lugar parado no tempo, tendo sua paz quebrada apenas por uma moto, ou um caminhão que a cruzam. Também o movimento de operários carregando materiais para uma mansão que está sendo construída ali, bem próxima à casa de seu Guiomar.

Chegando à esquina com a rua São Mateus, outro elo importante desta narrativa, temos um terreno de esquina com uma casa (que mencionada casa de negro) autêntica. Nela existe uma diversidade de materiais que compõem sua construção: é seguída usando o

critério de “puxado”. Cada nova família que se formou, construiu o seu pedaço para morar. A matriarca desta família, dona Raimunda, faleceu há mais de vinte anos e seus descendentes não entraram na amostra.

O terreno dessa família tem duas entradas por ser de esquina, pátio na frente e nos fundos. Nota-se também que dentro da unidade familiar houve os que tiveram ascensão financeira e fizeram “puxados” e casas melhores. A noção de poder mais, construir casas melhores, é subjetiva. Entretanto é real, na medida em que pode ser vista da rua, a mudança nas feições de cada moradia que divide o mesmo pátio. No início, não havia mais do que cinco famílias povoando este lugar.

“ Era tudo muito difícil “... fala de uma antiga moradora, Dona Tereza. “Precisava buscar água e juntá nus balde pra dá banho nas criança.”

Essa fala da antiga moradora refaz o retrato da ocupação deste espaço e como se desenvolveram estratégias de vida de reprodução da vida no local. Na seqüência dos muitos diálogos que tivemos com as pessoas daquele lugar percebe-se que existe apego ao lugar que é deles, sem dúvida nenhuma. Todavia é um apego afetivo, vai além do fato de ser seu único patrimônio. Eles inauguraram, ali na periferia, uma nova racionalidade(Santos,2002). A racionalidade de quem funda uma maneira própria de viver de e construir o seu “espaço”.

O senhor Guiomar Ataídes dos Santos é fundador do bairro Jardim do Salso, como já referimos no capítulo motivações, conta atualmente com 82 anos de idade, ainda está bem lúcido e se sentiu muito prestigiado de saber que poderia ajudar a contar a história do bairro. Com seu Guiomar não foi necessária muita espera, e nem um trabalho de convencimento para as entrevistas. Ele gostou da idéia de ter alguém para conversar e fazer o que ele gosta:

lembrar o passado. Ele reside numa casa de madeira e alvenaria. Na rua Ney Messias é a quarta casa de quem entra pela Cristiano Fischer na calçada da direita.

O senhor Guiomar relata sobre o surgimento do bairro Jardim do Salso:

“quando começou eram poucas casas... Moro a quarentas anos, eu e minha família. Eu morava no centro de Porto Alegre, antes de vim pra cá. Praticamente não tinha nada. Algumas casinhas, mas muito pouco. Tinha umas duas... Ônibus era só na rua Protásio e Bento Gonçalves”.

Quando perguntado sobre os motivos de sua migração seu Guiomar afirmou:

“ Questão de moradia (vim do Cristal) para o centro e do centro pra cá... Lá no Cristal chamavam de Área Verde, o lugar onde a gente morava... Apareceu uma pessoa, um (corretor) vendendo terrenos e eu comprei... Eu vim e comprei , paguei prestações para a imobiliária.”

A respeito das motivações que o levaram a realizar o processo migratório o senhor Guiomar declarou:

“Eu tinha o sonho de poder morar com melhores condições... Eu queria melhorar a situação.”

“Como eu trabalhava com construção civil..., arrisquei por que tinha na minha cabeça o plano de poder pagar...”

“Deixei para trás meus os... os conhecidos.. Penso que é o meu lugar por que criei meus filhos aqui e que deu tudo certo...”

“Meus amigos diminuíram..., alguns ainda me visitam... Que nem o Gonçalo, a coisa foi ficando difícil, as pessoas vão indo para longe...”

Ao se referir ao senhor Gonçalo, senhor Guiomar está lembrando de um antigo morador que foi expulso do bairro num processo conhecido como crescimento urbano. Ele vendeu sua terra, um terreno de 12/30 metros. Indo morar na Vila Jardim. Também situada na zona leste de Porto Alegre.

Continuando a entrevista seu Guiomar alude:

“A água, o ônibus, o armazém.. tudo veio depois de nós. A gente sentia falta, só não sentia falta de loja... por que a gente não compra roupa todo dia.”

Lembrando da paisagem ele traz à cena a seguinte imagem:

“ Era diferente, pacato, não tinha movimento... Os carros que tentavam passá , caíam nas valetas do areão. No meu terreno era grama e lá pra trás era a capoeira de pitangas. As mulheres lavavam e quaravam a roupa e depois estendiam nas árvore. Não tinha água encanada tinha que trazer de mangueira...”

Enquanto eu fazia a entrevista seu Guiomar deixava o olhar perdido, buscando, no fundo de sua memória os detalhes que eu pedia. Ele fazia muito esforço mental para organizar as informações em seqüência cronológica e de importância. Foi possível observar todo tempo em sua fala o referencial do valor moral desse processo. Para eles representou “vencer na vida”. Ocupar um lugar físico e dele tomar posse legal através das escrituras de seus terrenos e simbolicamente ter um lugar de destaque na sociedade. Representou inclusão, visibilidade e condições de igualdade com outras etnias que eram detentoras de bens mobiliários naquele período em Porto Alegre.

1.1. As impressões e memórias de dona Graciana Nunes Rosa, também fundadora do Jardim do Salso.

A entrevistada chamada dona Graciana, anteriormente mencionada recebeu a idéia de dividir duas memórias da fundação do Jardim do Salso com algum cuidado. Ponderou algum tempo sobre a idéia de ser ouvida, e que de fato suas memórias eram de fato muito importantes para a recuperação do passado do bairro. Por ser dona de casa, ter sempre afazeres a sua espera, levamos algum tempo esperando que fosse possível a entrevista.

“Vim pra cá com 28 anos, meus filhos mais tarde fizeram casa nos fundos... Nosso terreno tem 12/28 metros.”

Perguntada sobre se ela se considera fundadora:

“Não sei...acho que sim. Um pouco sim...Aqui era tudo um capoeirão, uns matos. Tinha lá pra baixo roça de mandioca, milho e feijão. Lá embaixo tinha as vaca de leite, era o tambo de leite. Tinha sanga...Nós ia lavá a roupa no riacho. Trazia água de mangueira.Nós lavava a roupa pra fora e enchia o tanque com a mangueira e o reservatório de mil litros.”

“Tivemos que roubá água por que faltava o papel da prefeitura... então fizemos a ligação clandestina de noite..veio a polícia mas só olhou e não fez nada...”

Fazendo menção a lugares e situações de moradia que teve anteriormente à migração

para o Jardim do Salso declarou:

“Nós morávamos longe conseguimos uma casa alugada na Santo Inácio, era a casa do patrão do meu marido. Ficamos quatro anos lá e vimos que não era futuro. Me acostumei logo porque fui criada para fora.”

“Na vinda para o Salso deixei os parentes... lá na outra casa tinha banhero, o ônibus era bem pertinho. Eu pensava: mais tarde vai melhorar. Dia de chuva era aquele barro vermelho escorregando. Tinha que subir aquela lomba (Cristiano Fischer), com a Rose no colo e a toxa de roupa para entregá... Na volta tinha a sacola de compras para semana... era assim: lavando, passando e enfrentando o barro... que tristeza! Não tinha água encanada no começo, então a gente ligava a mangueira lá em cima (Rua Aneron Corêa de Oliveira), onde a água chegou primeiro. O vizinho dexava a gente pegar água... Nos dias frios a gente levava a chalera com água fervendo para amolecer a ponta da mangueira e depois engatá... Engatá as mangueira uma na outra até em casa”.

Relembrando a importância de vir para o Jardim do Salso e sua percepção de como é ser proprietário de algo revelou o seguinte :

“Eu vim pra cá e fiz esse sacrifício para construir minha casa própria meus filhos nasceram aqui... Na Santo Inácio não cheguei a deixá nenhum amigo, lá só moravam os burguês. Aqui no Salso no começo era só mato, agora ta bonito: o asfalto, os prédio, a praça...”

A descrição de dona Graciana a respeito do meio que os esperava no momento da migração, revela que o Jardim do Salso conheceu dias de um binômio Rural/urbano, em sua constituição quando ela afirmou:

No começo tinha só mato, roça, o tambo de leite, carroças e cavalos... A turma fazia corrida de charrete.

A gente não tinha vida social, se trabalhava muito... nos domingos a gente ía pescá no Guaíba, passeava no Guarujá ou redenção.. Na associação de moradores do bairro nunca fui.”

O senhor Miguel Guimarães, um dos entrevistados já descritos, acolheu a proposta de falar sobre suas memórias com boa disposição, procurou detalhar bastante as impressões que teve do bairro. Em sua fala deixou transparecer uma visão de futuro acerca do futuro do bairro e que ele tinha potencial para o crescimento, entretanto levaria algum tempo até o progresso chegar.

1.2. A fala do senhor Miguel

“Nós compramos terreno aqui, mas antes moramos na travessa Venesianos. Só começamos a construir em 1972 ou 74. De início era só um malocão. Mas bem no começo não tinha rua, não tinha nada. Bastante campo, pés de Butiá e coqueiros”

A idéia de “não ter nada” no local antes da construção das primeiras casas e do bairro, é recorrente em todas as narrativas. O local neste momento da vida da cidade de Porto Alegre se confundia com o aspecto de zona rural.

“Na altura do posto (atual posto Darci na terceira perimetral), era um riacho. Na colônia era um banhado. (local próximo à casa de seu Guiomar, “a esquerda de quem sobe a Cristiano Fischer). Isso aqui tudo era uma estrada de chão batido. Quando decidi vim mora mesmo a avenida já tinha a forma que tem agora, só na era asfaltada. O bonde vinha até o cinema Ritz. (Cinema extinto há mais de 15 anos). Comprei, como te dizia, mas demorei um pouco para vim pra cá... Tinha os postes, mas não tinha luz. Nossa casa no começo era uma meia-água.”

Sobre as razões que o levaram a realizar a migração junto com uma parte da família e importância de manter os pagamentos em dia, sua narrativa traz:

“O que me motivou a vim pra cá foi que eu tinha um amigo aqui. Ele morava aqui. Falando com ele, ele me deu a dica do terreno. Antes de vim, um corretor me levou pra ver uma área perto do Sesc. Mas eu disse pra ele: o senhor pode parar, que pra lá eu não quero. A gente pagou tudo direitinho.”

“Eu estava tentando comprar um apartamento atrás do campo do Grêmio, da Coriga. Pagava meio salário mínimo até receber. Era 60 ou 90 prestações. Eu paguei 60 meses, quase cinco anos, mas ainda tava devendo... não sei como pelo cálculo eles eu devia cada vez mais. A motivação pra eu vim é que lá tava muito caro. O terreno da São Mateus já estava pago.”

A respeito da possibilidade de acesso a centralidade de Porto Alegre, bem como aos bairros cuja tradição os definem como locais de produção como Azenha, Navegantes e Centro, ainda o Iapi. Esses locais eram conhecidos como o mundo do trabalho nos anos 60. O que o senhor Miguel relatou sobre mobilidade e acessibilidade com o uso de coletivos foi:

Tinha duas linhas de ônibus: o AYUB na Gaúcha Car, descia na Protásio e vinha”a pé pela São Mateus. Ou então Petrópolis até a igreja da Paz, mas também era longe. Mais tarde botaram mais

horários. Quando vim pra cá não tinha sonhos, o negócio era morar no lugar mais barato possível. A cidade vinha até a Carlos Gomes. Dali pra diante só iam ter casas na vila Jardim².”

A compreensão de que estavam em uma área isolada da cidade se refletiu no seguinte aspecto em sua fala:

“Que nem a vila do Iapi, botaram na periferia da cidade. O meu pedreiro dizia: “ - Vamos para o território dos índios”. As enxadas e pás eram como armas, nós vínhamos pro mato. Agora ta isso aí que tu vê “!

Ao se comprometer com a dívida e poder residir no Jardim do Salso, o senhor Miguel elaborou um planejamento voltado para o futuro, o devir para si e par sua família. Envolveu com um crédito na cooperativa de seu trabalho e também assegurou-se de que na sua falta a família estaria amparada. “Quando começa a melhorar começa a subir os impostos e empurra o pobre para a periferia. A periferia da periferia. Na cooperativa, cada vez que subia o salário, subia a prestação. A Coriga foi encampada pelo BNH, eu pagava também o seguro de morte. Se eu morresse a dívida ficava quitada.”

O relato sobre a vinda da família Guimarães para o Jardim do Salso teve elementos de impacto e de necessidade de grandes decisões acerca da migração como podemos ver na fala do senhor Miguel:

“Deixei as minhas crianças com a sogra, na Venesianos³. Aqui ficava o malocão, era tudo aberto, aberto. Quando ajeitamos, aí fui buscar a turma toda. Eu aqui to bem, eu pago os impostos. Tem uma localização boa. No tempo antigo a gente era moço, tudo era longe. O super era longe, a gente vinha com os pacotes nos braços. Naquela época era pacote mesmo de papel pardo.

² A Linha de ônibus conhecida como AYUB, foi citada pelo senhor Miguel em seu relato. Esta linha fazia a ligação do bairro Centro com o Jardim do Salso. Também era chamada de ‘NAVIO NEGEIRO’.

³ Travessa dos Venezianos, conjunto de 17 bens tomados pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Porto Alegre e está localizada no Bairro Cidade Baixa.

1.3. O diálogo com Dona Tereza Ferreira:

Dona Tereza, se considera fundadora do bairro, mas algumas famílias já estavam residindo no local. Ela precisou adaptar-se além do novo lugar, aos ritmos da construção impostos pelos que chegaram antes, mesmo que tenha sido a diferença de um ano na migração. Em sua fala inicial foi possível perceber a saudade do que ficou para traz e a descrição do antigo local, bairro centro em detalhes:

“A gente morava na rua Duque, bem perto da praça Alto da Bronze. Ali era bom por que tinha tudo... Quando o Ferreira ia de volta para o trabalho, logo a casa se enchia de gente. Eram meus amigos e amigos da Ana (minha filha mais velha). Ela já tava com 11 anos quando eu me casei com o Ferreira e ela tinha a turma e eu minhas amigas de baile e da casa da mãe na Santo Antônio.”

Sobre as tarde em que o grupo de amigos se reunia na Rua Duque para o café da tarde, lembrando um pouco o “sarau” momento lúdico e cultural congregando grupos e atualizando a afetividade e a convivência:

“A gente passava a tarde ouvindo músicas e tomando um café... Um dia uma das meninas sugeriu que eles fizessem um rateio para comprar as coisas do café. Então ficou tipo café colonial”.

A noção de isolamento e de falta de contato com o reto do mudo, sinal de desterritorialização aparecem na seguinte fala de dona Tereza:

“Quando nos mudamos para o Salso ficava muito longe para eles vire lá em casa...De verdade mesmo tinha só umas quatro ou cinco casinhas quando chegamos.

O resto era mato.Ali da Abílio Azambuja para baixo era só pitangueira e lá perto da Pedro Santa Helena tinha a sanga que a gente lavava a roupa.Eu nunca gostei dali, sentia muita falta do movimento na rua Duque de Caxias.

Ali no Salso quando chegava a noite era de desesperá... Era um breu...Só se via um poste de luz de longe em longe. Eu me fechava em casa com as crianças e esperava o Ferreira chegar.”

A medida que o tempo passou ela foi assumindo e incorporando as visões do grupo

migrante e fez a passagem para uma nova racionalidade. E também a necessidade de reunir fundos para a concretização do projeto que era a fixação da família no Jardim do salso.

“Depois foi passando tempo e eu vi que ali era a onde a gente tinha para morar. Ele vendeu um terreno no Pinhal e mais outro na Matias Velho, junto dinheiro para dar entrada na casa. Seu Antônio marceneiro é que fez para nós.

E nunca deu para terminar, as janelas faltava persiana e o banheiro era na rua”.

A primeira vista tudo parecia difícil havia realmente um mundo a ser desbravado.

“Quando nós chegamos não tinha água encanada, a gente pegava água aqui em cima com um sargento, depois pagava para ele a água...

Eu tinha as crianças pequenas, ficava em casa com elas e fui fazendo amizade com a vizinhança... Mas seguido de noite se ouvia gritos de socorro, a gente tinha um vizinho que bebia , aí ele passava a noite desafiando os homens para a briga...”quem for homem que me saia”.

É tudo uma cornada.

A gente ficava quieto esperava ele se cansá.”.

Sua motivação para a migração veio no bojo de vários processos, o principal foi a mudança da situação de aluguel, para a situação de proprietário.

“Então o motivo da nossa vinda para o Salso é que a gente morava de aluguel...e ali nós pudemos comprá...Era tudo muito difícil. Tinha que juntá água para a semana no reservatório, dá banho nas crianças e faz a faxina da casa...

Teve um dia que eu me enchi e disse para o Ferreira:” a partir de hoje tu vai pegar a água,cansei, não agüento mais! Então aí ele começou a pegar água no sábado e as mulheres que me faziam desaforo por causa da mangueira, não puderam mais me explorá...

Elas me deixavam por último para usa a mangueira e depois eu tinha que enrolá mais de 30 metros sozinha e guardá, eu tinha as criança pequena...”

A mudança no aspecto isolamento veio no momento em que as crianças cresceram e depois começaram a ingressar no mundo do trabalho:

“Quando começou o colégio aí era melhor, as criança tinham onde estudá perto de casa, a Malvina fazia a merenda, dava para eles...O que sobrava ela me trazia.

Ela e a Margarida foi que não me deixaram sair daqui e largar tudo... Por que tudo era difícil. Quando as gurias cresceram e foram trabalhar fora eu ia de noite na parada esperá... queria tê certeza de que chegariam bem.”

O processo de construção das casas era lento e muitas vezes ultrapassava os prazos legais, conferidos pela prefeitura e a fiscalização aparecia no local.

“Hoje tá bom aqui, mas a gente sofreu muito até conseguí as coisas...”

Eu me lembro que a nossa casa estava atrasada a construção, aí passou o fiscal da prefeitura e deu um prazo pra gente terminá...

a gente sabia que não ia dá, então fui até a Prefeitura e pedi ao prefeito dá um jeito, aí o fiscal nunca mais voltou e nós fomos fazendo a casa aos poucos...”

No texto de Bosi (1979), aparece a noção de memória trabalhada da seguinte forma:

“A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a escola, com a igreja, com a profissão, em fim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.(Bosi,1979,p.17).”

No trato dos elementos recolhidos no campo durante a pesquisa, acontece a seleção de imagens e cenas preferidas dos entrevistados para o relato. No momento do resgate das memórias, o método etnográfico prevê a alusão a determinados eventos com mais intensidade e a sonegação ou descarte natural de episódios que não são relevantes ou causam sofrimento. De um elemento subjetivo como as memórias são esperadas que não se tenha cem por cento de certeza de todos os dados. Trindade (1985) também afirma sobre a memória que: “A presença significativa de determinados eventos e que, servindo como pontos de referência para a rememoração, são preenchidos com conteúdos afetivos e de completa vitalidade”. Trindade (1985, p. 245).

1.4. O diálogo com dona Iracema, a irmã de dona Graciana

Na verdade quase tudo o que eu poderia dizê a Graciana já disse. Isso aqui, não tinha nada. A gente tinha que fazê o dia prá podê descansar de noite. Naquela época isso aqui era uma capoeira só, nós juntava ervas prá fazê vassora e varria a casa e o pátio. As ervas daqui era bom prá tudo, a gente benzia as crianças com as folhas verdes, dava chá quando ficava doente, e limpava a casa. O que eu mais me lembro é da gente nas tarde de Domingo descê prá pitanga. Era um calor doido no verão, a gente fazia até acampamento lá nas pitangas, eu gostava desta parte. Meu marido gostava de tomá uma branquinha no fim de semana e depois a gente ia prá Pitangas passá a tarde, ou pro Guaíba quando o carro tava bom.

O aspecto novo colocado por dona Iracema foi a ocupação do espaço também como área de lazer das famílias nos domingos e feriados.

O Jardim do Salso é um bairro residencial de Porto Alegre, que faz parte da periferia, apresenta no mínimo duas faces. A parte que se desenvolveu muito e está bastante verticalizada. Compreende casas de estilo requintado, um território demarcado por grades e cercas elétricas. O segmento menos favorecido onde reside a população mais carente não tem a sua disposição nenhum serviço como posto de saúde, grandes redes lojistas, farmácias, postos de polícia. O seu aspecto de periferia é evidenciado pelas distâncias a se percorrer em relação a centralidade de Porto Alegre e bairros opostos como os da zona sul da cidade .

Andar por suas ruas remete à memória de tempos não tão antigos. Os anos 60, por exemplo, ainda estão visíveis no calçamento antigo, nas pedrinhas e paralelepípedos das ruas secundárias. Somente os trechos onde há circulação de ônibus e lotação receberam tratamento de asfaltamento de piche e demarcações para o trânsito. É um lugar bonito, bastante

arborizado e com a face das localidades distantes do centro. Ali ainda se respira um ar fresco, descarregado do monóxido de carbono, comum às avenidas centrais de Porto Alegre.

O Jardim do Salso existe de direito desde 31/01/90, quando foi regulamentado pela Lei Municipal nº 6594. O que é bastante recente. Visto que muitas pessoas moram neste “bairro” há mais de 50 anos. Desta forma, colocar o Jardim do Salso entre aspas, trás a noção de que por muito tempo esteve irregular. Ou o formato original sofreu alterações significativas até os dias atuais. A principal certeza é de que seus primórdios tiveram lugar ali. No meio do mato, “o Mato Sampaio”. O que se conclui também é que: a ocupação dos lugares se dá de forma independente da política. A necessidade de estar “instalado, alojado, malocado, assentado,”ou simplesmente morando ,habitando, é prerrogativa do ser humano. Este, deixou de ser nômade na cultura ocidental há muitos anos, só se percebe como alguém que desfruta de direitos sociais quando pode morar. O Jardim do Salso aparece como um bairro constituído bastante recente. Mas nas entrevistas que foram realizadas com os moradores do local, essa existência é bastante concreta, bem antes de sua regulamentação. Esse é um outro dado que o une à realidade de outros bairros periféricos. Onde a vida inicia e somente muito tempo após o fato estar acontecendo, a lei chega para regulamentar o cotidiano. O devir da vida das pessoas, como se o marco inicial dos fatos fosse realmente o ato da Lei. Muito do perfil deste bairro perpassa outras realidades de outras tantas periferias, então qual a marca do bairro, por que elegê-lo entre outros, como objeto de observação. Isso se deve ao fato de que para ele acorreram populações chave para esse estudo. A migração da etnia negra a qual lhe deu origem, é um marco. Esse processo migratório acentua sua importância no cenário de Porto Alegre e torna relevante que se faça, uma investigação dessa vertente da periferia.

A convivência de dois mundos a parte mais burguesa e a parte já ligada à favela mostram que o Jardim do Salso evoluiu. Modernizou-se e atualmente tem um bom valor. A respeito de valores poderíamos pensar o material (valor do metro quadrado), valor histórico como sendo uma área de Porto Alegre que inicialmente tinha feições de zona rural. Atualmente esse mesmo perímetro tornou-se altamente urbano. Em tempos de globalização, poderia se pensar em dimensões para este bairro. As quais, se bem definidas, ilustrariam seu aspecto atual.

1.5. Os Espaços De Fluxos No Jardim Do Salso

A relevância de se fazer a abordagem dos fluxos vistos e vividos no Jardim do Salso, está no crescimento que o bairro apresentou durante 40 anos. No momento em que faz a leitura dos fluxos e através de sua análise, é possível depreender como a espacialidade no bairro é definida. Os eventos eleitos pela população para a recuperação da sociabilidade, e a manutenção das redes de relações. A leitura das mudanças no espaço, e nos fluxos, empresta á análise fundamentação e dita os devires do local. Não descartamos a idéia de que os mesmos fluxos façam parte da realidade de outros bairros e de toda a cidade, em fim, o contraponto se estabelece no sentido de que o Jardim do Salso, iniciou como Mato Sampaio, uma convivência muito próxima do rural com o urbano.

Num meio desses, no que tange a ocupação do espaço e todo o tipo de beneficiamento que o bairro recebeu, poder detectar a presença de fluxos, constitui uma prova de crescimento e de inclusão do lugar num outro parâmetro, diferente de ser meio do mato.

Os fluxos que se vê no Jardim do Salso são de:

a) **Pessoas** – São os moradores, parentes, vizinhos, amigos. Pessoas que vão à feira de hortifrutigranjeiros no sábado de manhã. Homens e jovens que vão ao campinho e às praças para o futebol, também no final de semana. Mães carregando os filhos para escola e para creche. Os trabalhadores buscando o transporte para o trabalho diariamente.

Vendedores estilo porta à porta, carroceiros, moradores de rua, fazem parte da paisagem atual do Jardim do Salso e ajudam a compor a dinâmica de seus fluxos.

b) **fluxos de serviço** – No bairro é possível encontrar 2 escolas Fernando Gomes e Leia Rosa;

Uma academia de esportes e uma quadra de futebol de salão; três vídeos locadoras; um mini-mercado; algumas padarias, uma pré-escola, um posto de coleta de papelão e latas de refrigerante, salão de beleza, Associação de moradores do bairro.

c) **Fluxos de informações** – Se verificam nestes momentos de sociabilidade na feira de sábado e nas praças no final de semana, nas festas na Associação de moradores do bairro, nas paradas de ônibus, no salão de beleza, no time de futebol.

d) **Fluxos de idéias** – também são recorrentes nos encontros de sociabilidade, no futebol, nas praças e nas festas. Algumas idéias geram o crescimento do bairro, geralmente

são relativas a reclamações que devam ser feitas ao poder público: falta de água, calçamento, buracos nas ruas, presença de tráfico nas praças e em frente às escolas, ainda.

e) **Fluxos de valores:** Elegemos para abordagem o valor religioso como sendo um dos que marca, mais fortemente a comunidade. Este quesito no Jardim do Salso tem uma dimensão bastante importante. Ele cedia uma paróquia da igreja católica, uma casa de irmãs, uma sede da Assembléia de Deus e alguns terreiros de umbanda. Ao que se observa maioria dos moradores é freqüentadora de pelo menos uma vertente dessas, quando não mais de uma. A importância da questão religiosa será mais detalhada no decorrer da dissertação, visto que faz parte do imaginário das pessoas do local.

Poderiam-se também abordar os valores, a partir da moralidade e ou dos legados que uma geração deixa para outra. O amor e o apego pela terra. A posse de um território, como percebê-lo e como valorar isso na sua vida, isso também é construído no seio familiar. É uma questão de legado. O vínculo com algo que se constrói com as próprias mãos, algo que melhora através dos tempos e que não deve ser posto fora, desperdiçado. Neste sentido o fluxo de valor neste local, parece merecer aprofundamento na análise, é base da questão do território. Nas entrevistas e na observação de campo existem questões abordando esse aspecto.

f) **Fluxos de Mercadorias e Serviços** – Aqui aparece o fluxo de mercadoria explícito

nos mercadinho, no mini-mercado, nos bares, botecos, e padarias do bairro. Mas na verdade essa vertente do bairro se verifica em todos os outros fluxos, por que de uma forma ou de outra tudo é serviço e tudo é mercadoria. No futebol, por exemplo, o time de fora, paga para alugar a quadra e usar o espaço por um tempo definido previamente. Na associação de moradores do bairro, as festas têm um ingresso cobrado na chegada, a bebida é vendida pela copa e assim por diante. No caso da feira de sábado e salão de beleza o fluxo de serviços e mercadorias é a tônica do momento. Pode ser visto na feira de sábado de manhã, e também nas vendas informais de produtos cosméticos, lingerie, vendas de papelão e vendas de latas de bebida, manicuras à domicílio.

O que não é mercadoria neste contexto, então, são as próprias relações humanas e os encontros promovidos nos momentos de sociabilidade, nas visitas familiares, nas festas domésticas, e na produção do cotidiano desta comunidade. A noção de que se pode pensar o bairro Jardim do Salso como um espaço de fluxos, nasce do fato de ele existe e que em sua simplicidade, contempla fatos, pessoas, coisas e interações.

Dessa forma o espaço de fluxos aqui, pode ser entendido como o espaço da vida, o espaço das interações. Ao mesmo tempo em que pensamos em espaços, pensamos também nas motivações para se estar ali (habitá-lo). São as motivações daquele que migra. Que busca um novo lugar para concretizar seus projetos.

Um elenco de motivações pode estar na base das ocorrências que levam uma família a migrar. Principalmente se for para periferia. Logo num primeiro momento somos forçados a

reconhecer as questões de mercado imobiliário como um vetor que direciona muito essas migrações. Vai-se buscar um lugar para morar onde as condições de reprodução da vida estejam ao nosso alcance.

A idéia de ser percebido no meio social e na família como aquele que conseguiu sobreviver, se estabeleceu, “deu certo” é recorrente nas falas dos informantes. Eles têm bem presente a noção de que a migração lhes conferiu um novo status e novas responsabilidades, bem como compromissos. Na entrevista do senhor Manuel, aparece a questão do banheiro externo de sua casa e de como a vizinhança o pressionou para que construísse um banheiro interno. Ele havia dado por concluído o projeto de sua casa, que limitou a construção do banheiro externo às suas posses, mas diante da pressão da comunidade, retomou a obra.

Valores de aluguéis são substituídos por prestações de casa própria na periferia, de bom grado por aquele que migra, visto que mesmo sendo em longuíssimo prazo terá algo de seu e que poderá deixar para os filhos e netos.

Outra questão que se coaduna neste pensamento do migrante da etnia negra em busca da periferia é fixar no imaginário de seus descendentes a noção de que é possível melhorar de vida. Abrir mão da vida que se tinha pré-migração e galgar mais degraus na escala social, passando a ser proprietário foi constatado em nossa análise referendada pelos depoimentos de campo, relatos dos casos de migrações feitas por opção da família. Entretanto, alguns entrevistados como o senhor Miguel manifestou disposição e abertura de idéias para uma nova migração.

As motivações com base no valor econômico aparecem na fala do senhor Miguel

Guimarães a posição de que, mesmo residindo no Salso há mais de trinta anos e tendo construído pessoalmente sua casa (de dois andares, toda de alvenaria) seria capaz de vender tudo, caso fosse assediado por uma proposta vantajosa partindo novamente para outra periferia. Ele relata: “a Restinga talvez”.

1.6. A sociabilidade no bairro - O bar da Dona Lucí

È de fato muito difícil permanecer numa área nova, onde não existe nada sem um “boteco”. Assim era o Jardim do Salso nos primórdios, tinha o seu boteco, de propriedade de dona Lucí. Ela vendeu o ponto há pelo menos 20 anos, por motivos de idade e de saúde. Os moradores contaram que se tratava de uma senhora “gringa”. Estava sempre com o bar aberto dia e noite para o atendimento dos primeiros moradores e dos outros que foram chegando. Nos finais –de – semana, atendia por uma janela lateral de sua casa. Esta era um prolongamento do bar em direção aos fundos do terreno. Na parte dos fundos do terreno ela criava galinhas para a venda, os animais podiam ser comprados vivos para posterior abate na residência do cliente. Daí se podia fazer uma iguaria chamada “Galinha Cabidela”. O preparo do molho é feito a partir do sangue fresco do animal recentemente abatido.

As pessoas da comunidade: que faziam o uso de animais nos rituais religiosos, também eram favorecidos pelas vendas de Dona Lucí. Pelo fato de que nos rituais religiosos de descendência afro-brasileira, o animal é sacrificado somente no momento da realização da cerimônia religiosa. Portanto, não poderia ser comprado previamente morto. Perderia o sentido de sacrifício e também utilização do sangue fresco.

Outro uso era dado ao pátio dos fundos do bar de Dona Luci: era um depósito, nele a proprietária armazenava caixas de bebidas. Mas como se tratava também de sua casa, ali também ficavam os varais de roupas lavadas.

O senhor Amauri, esposo de Dona Graciana que nos deu entrevista, fazia parte daquele cenário do bar. Descreveu como sendo a sua segunda casa. O comparativo que fez remete a afetividade e a maneira informal de serviço que ali se verificava. Um balcão de atendimento, um espaço entre ele e a porta para o trânsito.

Neste espaço exíguo se dava ou se travavam todos os embates do cotidiano da vida daquela comunidade. A venda de gêneros na maioria dos casos era feita diretamente ao comprador que portava uma caderneta. Nela se escrevia o valor da compra e se estipulava o dia de pagamento da mesma. Neste bar da dona Luci os clientes ficavam com suas cadernetas em casa. Eles acompanhavam o cálculo feito por ela à mão (sem uso de calculadoras).

Referimos esse fato como importante para assinalar a questão da confiança do grupo nos preços praticados no estabelecimento. Da mesma forma ela os tinha como amigos e dava-lhes crédito. Nestes contextos de comunidades carentes o crédito é uma mola propulsora que facilita as condições de reprodução da vida.

Não dispomos aqui de uma análise mais profunda ou dados estatísticos, entretanto, a lógica subjacente ao pensamento e a vida na periferia nos permitem fazer um tipo de inferência: não existe periferia que não tenha seus botecos, bares e (donas Lucis), “literalmente segurando as pontas”. Para que haja a comunidade. Outro quesito é a contrapartida que a comunidade oferece, pagando regularmente seus débitos. Por vezes ficando um saldo devedor para o mês seguinte.

A centralidade do bar da dona Luci (centralidade no sentido de estar congregando a comunidade) é reconhecida por todos os entrevistados. Próximo dali ficava o bar do senhor Edi. Localizado em uma ladeira umas três quadras e meia de distância do anterior. Numa subida bastante íngreme, além do fato de fechar aos domingos e feriados. Era de uma natureza mais boêmia, servindo cachaças em copos pequenos, ficando no ar o cheiro da bebida permanentemente. Era mais escuro, bem menos abastecido em gêneros, pouco se ia ao bar do senhor Edi.

No bar da dona Luci, favorecido até pela incidência da luz do sol, havia um pátio à frente onde as crianças brincavam nos degraus calçados (para eles, uma novidade). Dona Luci olhava por eles. Não raro se ouvia uma mãe gritar do quintal de casa, pela cerca, para o filho voltar para casa, que já se fazia tarde. Ou ainda, no mesmo volume de voz, solicitar pães, lingüiças, assim por diante. A dona do bar já acostumada a tais dinâmicas anotava os pedidos e colocava no caderno. A vida ia seguindo o ritmo.

Uma moradora relatou a importância do bar da dona Luci nos dias em que “chegava visita de surpresa”. A mãe saía discretamente e chamava uma criança, era o encarregado de “ir na dona Luci” buscar guaraná e bolos de pacote ou bolachas doces. A visita na sala tinha a percepção do movimento furtivo que era feito pela dona de casa, dizia não ser necessário, mas ficava aguardando pelo lanche.

Assim variando quando se sucedia a visitação à hora do almoço, novamente dona Luci era acionada e dela partiam frangos crus, por vezes inteiros, mas ela poderia cortá-los, caso o cliente assim quisesse. No almoço também serviam pepsi (bebida de domingos e aniversários

ou natais), a sobremesa mais mencionada nos relatos foi a gelatina com merengue de claras e os bolos de milho das avós.

Neste mesmo local, a centralidade também estava nas informações, todos sabiam de tudo através de dona Luci. Isso era necessário para a vida da comunidade, as pessoas se sentiam mais seguras e mais próximas, sabendo “das coisas do cotidiano de cada um.”

A família de seu Manuel relatou que a interferência de dona Luci foi decisiva num caso de um falsário que andava no bairro apresentando-se como corretor de imóveis. Foi dona Luci que viu a foto dele, como um elemento procurado pela justiça por ter lesado muitas pessoas. Sua família se salvou de ser mais uma vítima. O falsário morou no uns tempos no bairro e conviveu com os moradores, mas como foi descoberto, mudou-se “às pressas”.

O modo de vida das pessoas dessa comunidade os fez fortes. Deu-lhes a têmpera necessária ao processo de territorialização, pelo qual estavam passando. Os homens e mulheres desta época, não sabiam o que era dificuldade. Por que tudo fizeram na busca da manutenção do seu “pedaço de chão”. E para eles essa é a lógica. Não há o que questionar, parece que no imaginário deles está a idéia de destino a ser cumprido. Algo que por si só já representa a forma de pensar do grupo. Assume essa territorialidade como a sua vida, não dispondo de outros recursos, o trabalho de suas mãos e a força de seus braços dia a dia, recupera auto-estima, dá significado as suas ações. Justifica-os como cidadãos que estão intervindo no meio ambiente, buscando a construção de uma vida.

A garantia de que poderão permanecer no local, se dá mediante o pagamento de prestações mensais. Portanto, é sabido que essas pessoas detinham renda, ainda que pequena, mas um renda que suportava o pagamento de prestações do terreno.

A renda do chefe da casa era maior e muitas vezes complementado pelos ganhos da esposa. Dona Graciana ajudava o Sr Amauri que era motorista. Os motoristas da década de 60, em Porto Alegre, apresentavam padrão de vida de classe média. Sua casa foi feita por um funcionário contratado e ele veio morar com a família depois que a casa já estava terminada. Mesmo havendo uma diferença de renda entre o grupo que migrou para a periferia, o movimento que uniu as famílias foi a luta pela água encanada, que ainda não tinha. Da mesma forma foi necessária uma organização deles pela instalação dos postes, e mais tarde da luz nas ruas.

A maneira de encarar essa territorialização como vitória conquistada, marca uma postura. Inaugura uma nova racionalidade. Define as estratégias que norteiam o devir da comunidade:

O trato com os vizinhos expressando que a solidariedade é a grande fórmula para se fixarem naquele lugar. A dependência do bar, as trocas entre comadres de todos os tipos de serviço. Desde a simples troca de gêneros, até o cuidado dos filhos de uma pela outra.

Alguém que não conheça contextos de periferia pode dizer que essas estratégias são vistas em outras comunidades. Todavia, o Jardim do Salso tem essa face mais marcante devido à etnia que fez essa fundação. Pela sua antiguidade e pela forma como eles ainda resistem à passagem do tempo de forma digna e com total sucesso do seu projeto inicial conquistar a casa própria.

A fundação deste local da cidade, que se regulamentou como bairro somente em 1991 é a expressão de que a etnia negra ali residente até hoje deixa uma marca. Registra na história de Porto Alegre um legado, não só para seus descendentes diretos, mas um legado que se

abriu para a modernidade, para o embelezamento e para a mudança na paisagem. É diferente bairro centro, por exemplo, que sofre reconstruções. Poucas construções são novas, ocorre a revitalização do centro. No Jardim do Salso o movimento de crescimento é sempre ascendente, (no sentido da verticalização de seus prédios e também no sentido social, não há registros de áreas de invasão no seu perímetro). Essas marcas vão conferindo-lhe as feições de um lugar com uma nostalgia do passado, mas totalmente capaz de abarcar a modernidade à frente.

Os antigos moradores, seu Guiomar e dona Graciana sentem que é bom que o bairro melhore. Na verdade esperaram quarenta anos por alguns serviços, que somente hoje estão a sua disposição.

O mérito do começo é deles. Isso fica registrado como documento, o desejo de se adequar às mudanças é também o desejo de permanecer próximos as gerações que os sucederam. Seus filhos e seus netos e assim manter o convívio e a possibilidade do diálogo.

O capítulo a seguir trata dos tipos de moradia vistas no Jardim do Salso e a paisagem do lugar , que encontramos na rua Nei Messias e imediações onde ocorreu o início do Jardim do Salso. Esse segundo capítulo refere-se ao momento em que as famílias já estão acentadas, construíram casas e puxados para melhor comodidade da família. O puxado também assumiu com o tempo, um fator de reforço na renda do proprietário quando era colocada a disposição para alugueis. Neste capítulo estão descritas as relações familiares e o funcionamento efetivo das redes de solidariedade, que foram fundamentais para a construção da vida em grupo na periferia.



Foto 1. Travessa dos Venezianos

Foto 2

Fotos Antigas dos Moradores que realizaram a migração



Turma da Escola Fernando Gomes

Foto 2. Fotos Antigas dos Moradores que realizaram a migração.

OS ESPAÇOS DE FLUXOS NO JARDIM DO SALSO

escolas Fernando Gomes períodos de 1960/1970



73

Foto 3. Os Espaços de Fluxos no Jardim do Salso

CAPITULO II - OS PUXADOS E A PAISAGEM DO JARDIM DO SALSO

Neste capítulo faremos a abordagem da periferia através da visualização da paisagem e do que pode ser visto nela. Buscamos neste momento, pontuar a casa dos entrevistados, a partir da leitura visual que esteve disponível aos nossos olhos no trabalho de campo. Ver as ruas, as praças, a distribuição equilibrada do espaço geográfico utilizado pelos fundadores, evoca a idéia de mudança no entorno e redistribuição dos espaços, a fim de atender as necessidades que surgiram com o crescimento das famílias.

Ocorreu a percepção de uma estética nas casas dos moradores fundadores do bairro e também na intimidade de seus lares o desenvolvimento de dinâmicas familiares, próprias da etnia negra.

Vislumbrar essas moradias com os referenciais da geografia faz um recorte que estabelece um tipo de fronteira, a fronteira espacial. Onde é possível conhecer o meio e extrair dele as informações buscadas. Para a antropologia social, os aspectos sutis como o “embelezamento” ou estética das casas reflete os dados de uma cultura. As casas de negros, descritas neste texto, são as casas dos fundadores: pessoas da etnia negra, que compuseram nosso universo de pesquisa.

A inspiração para uma abordagem antropológica da estética das casas, nasceu na realização do projeto Negros de Porto Alegre, memória e trajetória, da Dra. Daisy Barcellos da UFRGS de 1996, projeto da FAPERGS. Neste projeto houve a investigação dos clubes sociais de negros de Porto Alegre: Satélite Prontidão e Floresta Aurora. A fundação desses clubes feita pela etnia negra, para a revitalização de sua sociabilidade e cultura, aconteciam

em suas residências, nelas estabelecendo a primeira sede. Nesse sentido, a casa de negros estabelece a partir destas práticas, o acolhimento do outro, da festa e goza de um destaque em meio a outras casas, por esta condição.

Os locais escolhidos para a confecção das casas, suas dimensões e materiais envolvidos, são detalhes também geográficos, quando lidos pelo viés da antropologia, assumem um caráter de elemento cultural capaz de explicar a alma de um povo, uma época e seu devir.

Casas de negros existem largamente em todo o Rio Grande do Sul, e pelo mundo inteiro, não desconhecemos esse fato. A tônica desta análise recai sobre as casa de negro do Jardim do Salso, por ser o objeto dessa dissertação. No nosso estudo elas se particularizam por fatores como a construção das casas se dava em mutirões de finais de semana, a comunidade estabeleceu laços de solidariedade entre si, o que concorreu para a rapidez na ocupação do espaço. Acrescenta-se a esse processo, a penetração na periferia como um demarcador da importância para os moradores. Estavam vivendo os anos 60. As distâncias eram maiores para tudo a madeira para a construção das casas, era trazida da cidade de Taquara.

Para o entendimento da importância dos processos de ocupação do espaço na periferia, é vital que se pense em dois quesitos para a análise.

- 1) A migração se deu basicamente para o meio do mato, o Mato Sampaio.
- 2) As pessoas construtoras e moradoras, foram também do primeiro grupo de migrantes.

Esses dois fatos assumem um grande significado. Não se trata apenas de avaliar as alterações registradas na paisagem, que a construção das casas provocou. Soma-se o esforço

do grupo em torno de si e da construção de algo em comum. Se pensarmos no histórico escravista do Brasil e do RS, temos a leitura do texto de (Pensavento,2006), detalhando as moradias que os negros ocuparam após a libertação da escravatura. Moravam em cortiços, casebres, casas de cômodos, casas de pensão e de aluguel. Mesmo sendo trabalhadores, como eram os fundadores Jardim do Salso.

O esforço do grupo remete ao entendimento de que superaram um indicativo que os marginalizava o tipo de moradia, ou ainda a condição de dependência em ocupar sempre casas de aluguel. Avançaram em um quesito de ascensão social, buscaram a mobilidade e registraram sucesso nos procedimentos de ajustamento Martins (1968), e finalmente inauguraram no Jardim do Salso uma nova racionalidade Santos(2000).

A casa de negros é uma casa de família. Neste espaço do lar, muitas pessoas coabitam e ocorre grande circulação de pessoas, os graus de parentesco são de vários níveis, também podem ser parentescos por afinidade (comadres e compadres, genros, cunhados). A dinâmica nas casas das pessoas da etnia negra, admite não raras vezes a construção de puxados. Para alongar o espaço útil da casa. Sua construção somente é possibilitada com o aval do dono da casa, quando não ele próprio quem o faz.

Essa nova construção, é um ciclo que se inicia, e permite laços de dependência como o uso da água, luz, coleta de lixo e uso do espaço externo das casas (o pátio) e a entrada, quando o puxado não tem entrada independente.

Na cidade do Rio de Janeiro o puxado é conhecido como “laje”, em Porto Alegre, a construção secundária obedece normalmente uma ordem horizontal. Ocupa os “fundos” e as laterais dos terrenos, o espaço frontal e privilegiado da vista para frente é deixado para a casa

principal. Naquela cidade da região sudeste, as lajes buscam a verticalização, por motivos de super lotação dos espaços adjacentes. Mais recentemente pode-se ver o puxado sendo construído também de forma vertical, ocupando um andar ou mais acima da casa principal.

O relevo do bairro apresenta muitos declives, como vimos nos depoimentos das fundadoras, a dificuldade era carregar os filhos no colo e também as roupas lavadas. A inclinação do terreno representava uma dificuldade a mais para elas. No ato das construções das casas, a entrada das casas ficava sempre voltada para a vertente mais baixa do terreno.

Para o surgimento do puxado, é obedecida uma ordem, ou uma lógica que respeita a casa principal. Mesmo quando ela é menor, feita de um material de construção inferior, ou tem muito mais tempo que o puxado, (ostentando a aparência de casa velha). O puxado, na realidade, constrói-se num tempo diferente da casa original, daí advém as diferenças nos materiais e nas dimensões vistas neles.

O espaço ocupado para a construção do puxado, era um espaço ocioso no quintal, portanto não causa transtornos sua obra. Inicialmente parece surgir para reorganizar a família, mais tarde assumiu o caráter de fonte de renda, com a locação daquele espaço. No repertório das motivações para a construção do puxado temos o casamento dos filhos, estes, mesmo contraindo novos laços afetivos, não desejam separar-se da casa paterna. O puxado, neste caso, funciona como um anexo da casa grande. Os episódios de separações dos filhos que descasados, retornam à casa de sua infância. Porém desejam maior privacidade, então se justifica a construção do puxado.

Num outro aspecto o puxado torna-se uma fonte de renda para a família no ato de sua locação. Um dado que nos pareceu fundamental, durante a observação foi a conservação do

puxado. A estrutura como um todo, aberturas, pintura e telhados. Muitas vezes ocorrendo de o puxado ter uma conservação melhor que a casa principal. Principalmente quando sua função é gerar renda.

A estética da casa principal é um motivo de orgulho para o morador, o fundador do bairro. Entretanto o tempo para o detalhamento de cada parte da casa a ser feita a manutenção, se torna problemática, visto que atualmente esses moradores são idosos. Senhor Guiomar conta com 82 anos. Se há a possibilidade de chamar um operário, se faz a manutenção, por que ele não tem mais a força dos velhos tempos.

É comum, na periferia, as casas principais serem construídas em madeira. Nos anos 60, a madeira era um material considerado nobre. Na fala de Dona Tereza, aparece um dado relatando a necessidade que houve de seu esposo vender, um terreno em Canoas, um terreno na praia do Pinhal. Para somente como a junção da renda das vendas, efetuar a construção de sua casa no Jardim do Salso. Desse montante também foi pago o serviço do marceneiro.

Um segundo motivo que pode fazer destoar a casa principal do puxado é membros da família que os ocupam, tem uma renda superior e consegue construir utilizando materiais nobres e fazer uso de uma estética moderna, até mesmo a verticalização do puxado.

O puxado, com o tempo, passa a representar um estilo de construção, que admite a interdependência para a sua sobrevivência. O grupo ali instalado e de alguma forma torna-se um enclave, uma resistência em meio à modernidade que as periferias hoje estão ostentando. As formas de dependência, vem a ser o uso do mesmo relógio de água do DMAE, as mesmas redes de luz, as caixas de correspondência, coleta de lixo orgânico e seletivo. Existe ainda, o uso dos espaços externos do pátio e calçadas comuns as duas casas. O lugar para as roupas no

varal e o tanque de roupas, normalmente é compartilhado.

Na verdade o fator econômico envolvido é bastante eloqüente, na vida e nos cotidianos da periferia. No momento da ocupação do puxado ou casa anexa, os percentuais sobre as taxas de água e luz são fixados. Sendo em muitos casos o princípio de discórdias, quando as prestações de contas não se dão de forma correta, cumprindo prazos antes estabelecidos.

Conectar a idéia de uso do espaço e formas de promover seu alongamento, temos as calçadas. Nas ruas do bairro de Porto Alegre, conhecido como Cidade Baixa, em noites quentes do verão, ocorre o uso das calçadas como prolongamento das casas. As famílias ficam desde o entardecer até altas horas neste passeio público. Realizando ali sua sociabilidade, recebendo as visitas, colocando para tanto, apenas mais algumas cadeiras. O momento se torna festivo, compreende música como linguagem local (os pagodes na calçada). Refaz uma trajetória própria da etnia negra, ao celebrar seus encontros sociais ao ar livre. Remete à interpretação de mais um dado sobre a cultura dela. O desejo de recuperar os momentos de afetividade em grupo e manter a sociabilidade, migrou para a periferia, com os fundadores do Jardim do Salso. A tradição de colocar cadeiras nas calçadas pode ser vista na rua Nei Messias, o núcleo de fundação do Jardim do Salso.

Os antigos moradores tomam mate de manhã em frente as suas casas na calçada. Esse hábito não é reconhecido pelas pessoas que fazem parte da população do bairro há menos tempo. Isto é, pessoas de outro nível social, elaboraram sua sociabilidade fora do bairro, não tem essa relação como o meio. Não desfrutam de seus espaços de forma plena como os primeiros.

O perímetro da rua Nei Messias, permite a convivência de dois mundos, o antigo e o moderno. Aparecem nela as rugosidades, casas antigas feitas pelos fundadores, em meio a construções novíssimas. De forma que ele engloba e é englobado pela modernidade que ali se instala.

Engloba, na repetição de práticas antigas, quase como uma resistência ao novo. E pelo fato de que a presença dos fundadores é anterior, a primeira ocupação do espaço foi realizada por eles. Engloba os novos que chegam à periferia, no sentido de fazer amizades, dar orientações sobre os serviços disponíveis, e afetividade deles presente em tudo o que fazem.

É englobado no instante em que sobe seu valor mobiliário, junto à construção civil. Os projetos de novas construções admitem o Jardim do Salso como um lugar “bom para se morar”. Nas propagandas o marketing, descreve as características e serviços disponíveis. Atualmente o maior predicado do Jardim do Salso para estes empreendedores, é estar localizado junto ao supermercado Bourbon e também do Shopping Center Iguatemi.

Num outro tempo no bairro, as calçadas eram ocupadas também pelas crianças, na volta das aulas e nas férias de verão. Os homens faziam churrascos em um artefato de metal. Um latão cortado e onde se colocavam pés para sustentação. O bar da Dona Luci nos dias de folga era a segunda casa dos moradores, ocupavam nesses dias as calçadas para o encontro e para o churrasco.

O puxado na nossa visão estabelece um parâmetro para se perceber o quanto de rugosidades e de permanência da etnia negra, ainda está presente, num lugar como o Jardim do Salso. Visto que a configuração espacial dele foi alterada pelos sucessivos planos diretores da cidade, e pelos empreendimentos imobiliários. A modernidade faz da periferia um espaço

de interesse comercial. Desta análise se depreende que o antigo morador precisa se ajustar continuamente ao seu meio. Aprender a ver cada vez mais máquina nas obras vizinhas provocando poluição sonora. Desenvolver a tolerância e acostumar-se a poeira de cimento entrando em casa, como uma realidade bastante freqüente. Os ajustamentos seguem, em prol da permanência no bairro e da manutenção de laços familiares bem constituídos quando os netos vão morar com os avós, por que a escola de boa qualidade, está mais próxima desta casa, do que na periferia mais distante que os filhos puderam morar. Por exemplo (o bairro Restinga é mais distante geograficamente do que o Jardim do Salso da centralidade). Certamente existem escolas na Restinga, todavia, o laço afetivo e uma clientela diferenciada na escola , tornam o Jardim do Salso uma resposta para essa demanda dos pais, quando buscam deixar seus filhos na casa dos avós.

O acolhimento na casa paterna muitas vezes recai na questão sócio-econômica dos filhos, revela ocorrer um movimento contrário ao abandono do ninho, resgata o retorno ao mesmo. Questões de saúde na família promovem acolhimentos inesperados. É uma situação limite, onde toda a família é mobilizada ao atendimento do doente. Esse fator é bastante recorrente nas famílias detentoras de recursos financeiros parcos e onde a pessoa doente é um idoso. Não havendo a possibilidade de internação em clínicas geriátricas, a família faz o acolhimento e trata do doente. Não havendo nenhum prazo para o término deste reajustamento.

Mediante os acolhimentos propostos se faz necessária a alteração da geografia da própria casa, as salas se transformam em dormitórios à noite. Os jovens sedem seus quartos e camas aos mais idosos, havendo uma redistribuição dos espaços internos da casa, a fim de

dar conta desta demanda de hospedagens.

A dinâmica de funcionamento da casa se reajusta à nova situação e é comum que membros da família precisem assumir alguma tarefa extra. A dona de casa, que é a responsável pelas tessituras das redes de sociabilidade, desempenha verdadeiro papel de diplomacia. Minimizando a todo o instante o impacto da nova mudança.

As mulheres da etnia negra, são portadoras de um conhecimento ancestral, que as faz buscar estabelecer a solidariedade acima de qualquer outro valor. Esse caráter subjetivo de viver em comunidade, é visto por eles como “saber viver”. Dito de uma outra forma significa que a rede de relações e de solidariedade promovida hoje em favor de uns, certamente terá um retorno no futuro. Como se fosse uma troca de favores, entretanto tem mais peso que um simples favor. Moralmente falando, a pessoa solidária, é detentora no seio da comunidade de um diferencial de reconhecimento. Nela são vistas as características de sábio, de uma pessoa não egoísta e que principalmente tem visão do futuro. Demonstra que está apta, portanto, a nortear os devires para a comunidade. É possível afirmar que a rede de solidariedade e a construção dos puxados na periferia foram fortes bases para a permanência do grupo neste lugar.

Nos clubes sociais de negros de Porto Alegre do início do século XX, a categorização para ser aceito como membro do grupo, era a questão do trabalho, e para ser das diretorias dos clubes, o fator antiguidade na casa era o preponderante. Então se tornava um grupo muito fechado, deixando até seus membros jovens afastados do centro das decisões.

Em alguns momentos a lógica proposta para entender o acolhimento na casas de negros, passa pelo imaginário das casas de santo (de religião afro-brasileira). Por força da

tradição nos terreiros as portas são abertas aqueles filhos que precisam de ajuda. Há uma constante circulação de pessoas e um conagração em torno das comidas. Sempre muitas variedades de comidas e todos da casa participam destes momentos. O diferencial destas casas de religião para uma casa residencial, reside no fato de a dona de casa envolver-se pessoalmente nas lidas e está no comando das tarefas cotidianas. Nos terreiros a babalorixá, faz o papel de chefe religiosa e anfitriã, não está presente em cada momento do cotidiano. Em Porto Alegre ocorre de chefes de terreiro terem uma profissão fora de casa e até mesmo ocupam espaço na rede tanto na Internet, quanto em programas de televisão ou rádio.

Nos estudos realizados no Jardim do Salso, as pessoas entrevistadas não manifestaram uma fé religiosa, mas todas as casas ostentam santinhos, rosários e artefatos que encaminham para a compreensão de se tratar de uma família religiosa. Buscar comparar contextos e justapor as práticas de uma cultura num dado tempo histórico faz da antropologia social o referencial para essa análise do quesito acolhimento na casa de negros.

Na fala das pessoas ao pensar em paisagem é descrevê-la como algo que podemos ver, ou até a onde a vista alcança. Isso traz uma noção de que o que é visto e está próximo de nós, em nosso em torno, é paisagem. Na verdade, a sensação de interação e pertencimento a uma localidade onde apareça intocada a natureza ou transformada pelos avanços da civilização, é subjetiva. Essa sensação é produzida a partir de eventos que nos tocam desde o início de nossas vidas. É algo aprendido. A valorização de formas de buscar estar em contato com o belo, com verde, com o natural. São noções que são processadas na mente humana usando-se um referencial dado por nossos pais, nossa cultura e a época em que vivemos. Nada pode ser mais difícil de conceber, do que aquilo com que nunca se teve contato. Que passa por nós

como uma experiência fugidia e de onde não se realizam sinapses. Estas são frutos de códigos e signos elaborados, quando o sujeito vivenciou, a realidade e é capaz de emitir pareceres, ou um sentimento de incômodo com mudanças.

Para alguns é simplesmente o sinal de o progresso chegou e a comunidade deve alegrar-se por isso. Por estar incluída num projeto de desenvolvimento das cidades, onde serão geradas rendas, empregos e ascensão social para quem mora ali. Teoricamente, o que aparece nos estudos acadêmicos é que a paisagem pode ser aprendida, estudada e além de transformada pelo meio-técnico-informacional; há também a possibilidade de ser elucidada pela arte. Como elemento cultural que descreve o movimento das culturas, das necessidades do homem em relação ao meio. (Rego 2000) Apresenta no seu trabalho a noção de ambiência:

“ Ambiência é a noção de espaço geográfico. Como um sistema composto por relações sociais articuladas à relações físico-sociais, espaço condicionador da existência humana, e que pode ser eleito como objeto catalisador de ações transformadoras exatamente por esse motivo – por ser condicionador da existência humana.”

A medida que sociedade busca afirmação e transforma o ambiente, a relação de ambiência se altera e é resignificada. Com base no que o próprio autor diz:

“O espaço vivido pode ser uma rede de manifestações da cotidianidade desse sistema em torno das intersubjetividades que são, por sua vez as redes nas quais se constituem as existências individuais – no trabalho, na escola.”

É justo afirmar que a paisagem acompanha as mudanças. Sejam elas propostas pela ação do homem, ou de forma natural. No caso do bairro Jardim do Salso, a ambiência, a maneira de estar lá dos primeiros moradores e a sua apreensão do espaço, demonstra a determinação de ocupar o lugar e dizer que aquela terra tinha dono.

Segundo os relatos dos entrevistados o lugar para onde estavam migrando e que hoje se tornou o bairro Jardim do Salso: era o meio do mato. Partindo do ponto de vista de que eles habitavam anteriormente áreas da cidade de Porto Alegre, que eram bem estruturadas.

A Travessa Venezianos, por exemplo, é uma travessa como outras da cidade, bem característica do início de Porto Alegre. Tem ainda asfalto de pedrinhas (paralelepípedo) original de sua construção. Casas baixas de porta e janela em estilo português. Dados sobre o tombamento da travessa, estão disponíveis no museu municipal João Alfredo. Tudo bem simples, porém, os serviços estão à disposição a qualquer momento do dia ou da noite.

Essa passagem encaminha para a discussão sobre o “isolamento” no jardim do Salso, pela opção feita pelos fundadores.

“Não havia nada”, significa que os serviços não estavam disponíveis, não existiam...

A (rua Duque de Caxias) o bairro centro como um todo, também tem o repertório de ter abrigado muitas famílias da etnia negra. Essas famílias com o tempo realizaram processos de migração para a periferia da cidade. As pessoas fundadoras do Jardim do Salso e que saíram do bairro centro, tinham esses referenciais da rede de serviços. E muito tempo se passou até o momento da adaptação ao novo meio. Ou melhor, até o momento de se ter na periferia algum tipo de melhoria, (no sentido de se tornar um lugar que oferece serviços).

Pelo levantamento dos dados de campo, das entrevistas e de documentos como fotos da época, é possível afirmar que a fundação do bairro Jardim do Salso se inscreveu na história pessoal de cada morador, também como um processo de aprendizagem. Algo que os marcou definitivamente. Nas entrevistas fica bastante clara a idéia orgulho de terem realizado um feito do qual geraram condições de reprodução da vida para sua descendência. Aprenderam a

enfrentar situações novas. Desenvolveram e praticaram ações de solidariedade. Foram eficientes na confecção de um projeto de vida.

O estudo da transformação da paisagem no Jardim do Salso pode ser feito de forma linear e cronológica, a partir dos relatos das pessoas que realizaram a construção inicial. No tipo de construção da obra deles o que se vê, é uma preocupação com a ocupação do espaço, as casas são construídas bem em frente à entrada, deixando um pequeno espaço para o pátio.

Este funciona como um prolongamento da residência e abriga materiais de todo tipo e os brinquedos das crianças. Algumas famílias a maioria, mantêm jardins com espécies de roseiras, bem como animais no pátio. Os animais como cães podem ajudar na segurança do grupo familiar que se instala na periferia. Galinhas, patos e outras aves, serviam para o consumo doméstico. A presença destes animais para o consumo referenda a idéia de que esse espaço tem muita ligação com o rural. Então essas práticas são aceitas pelos vizinhos com naturalidade, sem haver ocorrências de queixas sobre o cheiro e o incômodo de se ter essas espécies tão próximas de casa.

O que não se verifica atualmente, no presente do Jardim do Salso, na região observada, nenhuma família tem outros animais além do cachorro. A observação do entorno do bairro e sua constituição, nos dão a noção de que as famílias fundadoras se mantêm fiéis ao seu estilo de vida inicial. As senhoras lavadeiras continuam ocupando o espaço externo para a lida com roupas. Os varais são estendidos entre grades e cercas e ali se faz a secagem da roupa. O que muda um pouco, é a renda que se obtinha no passado com essas funções, hoje não tanta necessidade.

A roupa no varal secando naturalmente, é um elemento da paisagem na periferia e que

ali ocorre uma liberdade de uso do espaço que é menos visto, nos bairros de classe A, por exemplo. Como marco inicial do bairro jardim do Salso aparece o antigo bar da Dona Luci, a segunda casa dos moradores do lugar e que tinham nele a segurança de abastecimento.

Hoje sobre nova administração, devidamente gradeado, oferece mesas e cadeiras para o encontro das pessoas. Aqui, temos uma noção bem clara de que a passagem do tempo é quase imperceptível no bairro. Um ritmo lento ditado pelas horas gastas com conversas de amigos antigos, que têm no bar, o seu ponto de encontro.

Na casa de dona Graciana pode-se ver que a calçada é de pedras de granito. Nesta rua as casas como a dela, são todas de madeira colorida e espaçosas.

Na leitura de alguns especialistas em ambiente e paisagem, a segunda pode ser entendida como representações de mundo. Algo que pode ser decodificado através das marcas que deixadas no ambiente. Traços de comportamento que nos levam aos estudos de (Guattari 1990), quando aborda os três tipos de ecologia. Ecologia da rede de relações físico-naturais, Rede de relações de trabalho (natureza humanizada), Rede de idéias – produção de subjetividade. Para este autor a representação do mundo é um importante elemento da ecologia social. Ao tratar de como os indivíduos constituídos na rede social de valores representam essa ambiência em que se constituem. E através dessa representação geralmente subconsciente, que eles interagem com essa mesma ambiência. Partindo da idéia de que o ser humano é uno com o seu ambiente, é apropriado dizer que tudo o que se relaciona ao homem, em algum momento estará refletido em seu ambiente (meio). Na verdade a passagem dos anos ou séculos cumula a paisagem de formas, formatos, e edificações múltiplas.

Nas Ciências Sociais, em Weber, é visitada a noção ação social, o autor dedicou muito

tempo de sua obra ao pensamento de que o grupo age em prol do bem comum.

O pensamento deste autor revela o que se vê nas entrevistas de campo sobre a fundação do Jardim do Salso. As pessoas faziam mutirões de madrugada para a coleta de água primeiramente. E mais tarde se organizavam em mutirões para a construção de casas de madeira, para cada vizinho novo que ia chegando. A paisagem ia se alterando. As pessoas daquele lugar lutavam por cada dia e desbravavam seu ambiente.

A força do lugar e do cotidiano aparece claramente nestes contextos desbravadores. Ou de fundação de novas áreas habitacionais na periferia. A relação como mundo é local-global. O lugar é plano do vivido. “ O lugar é principalmente um produto da experiência humana”. (Relph,1979). Para Tuan “ o lugar é um centro de significados construído pela experiência”. (Tuan,1975). Através dos lugares o sujeito se relaciona com o mundo. As ações do homem no lugar demarcam a diferença e dão visibilidade aos processos de ocupação e posse da terra. Outras palavras para elucidar lugar são dimensão e escala. A dimensão do lugar é dada pela experiência de quem nele habita, a escala é mensurada nos estudos geográficos de delimitação.

O bairro Jardim do Salso vive as duas definições existe como bairro regulamentar de uma capital como Porto Alegre, essa seria sua escala. A dimensão é pessoal, é dada por cada pessoas entrevistada. Elas mensuram a grandeza do seu lugar a partir de referenciais como: “eu lutei muito para chegar aqui”, “gosto daqui, aqui eu sou o dono...” “Todos os meus filhos nasceram aqui”...

A força do lugar para essas pessoas está no fato de que a existência delas se desenrola ali, o cotidiano delas é representado na afirmação de que são donos, e de que pertencem a essa

comunidade. O cotidiano da fundação do Jardim do Salso demonstra que houve processos tanto de interação quanto de solidariedade. Na medida em que se tratava de experienciar uma nova realidade.

Havia sem dúvida o surgimento de uma nova racionalidade Santos(2000). O grupo de fundadores unido em torno de um projeto de vida. Organizados para a construção de um devir para si e para suas famílias. Para apontar mais questões nesta discussão, trazemos a leitura de Semprini(1999) , que trabalho com as noções de cotidiano e identidade. No bojo de pensamento, encontramos as idéias de identidade e solidariedade, esta última seria uma opção do grupo. Como uma estratégia diante da já referida “nova racionalidade”.

O desejo de pertencer a um grupo social, ter algo de seu, estar bastante próximo de uma condição de vida melhor, ter status social de proprietário...Todas essas definições foram ouvidas nas falas das pessoas fundadoras do jardim do Salso. Na descrição feita por elas sobre o local, sobre o bairro temos idéias advindas do grupo:

“Era o meio do mato... não tinha nada.” “Era só um descampado e tinha as vacas de leite e tambo, onde a gente ia buscar o leite fresco.”

“ Era o território dos índios, vamos para o território dos índios.”

“O que eu mais me lembro é do barro nos dias de chuva, barro na chuva e poeira do areão no verão...”

“Era como zona rural. Tinha uma capoeira de pitangas onde as mulheres lavavam a roupa e deixavam quarando...Elas levavam almoço nos dias quentes para não precisar voltar no sol.”

“Meus filhos brincavam no meio da rua, por que só passava carro de vez em quando, também tinha um caminhão que passava vendendo comida e a gente mandava as crianças para fila comprar feijão..”

Esses fragmentos do pensamento dos primeiros moradores dá a lógica com a qual operam. Sinaliza que o pertencimento a um lugar como o Jardim do Salso, o apego ao que

nele existia e foi transformado, refere-se ao desenvolvimento como algo desejável. Vital, no caso deles. Visto que a insipiência de serviços e redes de solidariedade e de relações desembocava numa situação de penúria, risco de vida e de grande solidão (ostracismo).

A utilização do espaço e alteração da paisagem era um ato de posse, como afirmação, em detrimento das condições que o meio oferecia. Não há juízos de valor (depredação, desmatamento, queimadas). Somente a noção de que o meio está ali para ser desbravado, vencido e transformado. Para que assuma as feições de um lugar onde se pode morar. Isso já lhes conferia uma nova posição em relação aos sujeitos que não haviam migrado e dos quais sofreram discriminação, por estarem residindo em local isolado.

A construção de casas, a maioria de madeira, a abertura de ruas com terra de chão batido, ainda era melhor do que não ter nada, ou viver num lugar que não fosse seu. Algumas pessoas relataram que mesmo durante os 30 anos que ali residiram com sua família, mulher e cinco filhos, não pode concluir a casa. Não foi levada a construção ao cabo, ficou faltando a colocação de persianas nas 3 janelas e construção de um banheiro interno só veio doze anos mais tarde.

Nestes casos a paisagem era alterada pela presença de banheiros externos, onde eram cavados buracos no solo, que serviam de depósitos para os dejetos. Essa estrutura ainda lembrava as casas pobres do interior. Ele ainda relatou que foi pressionado pelos vizinhos para a construção de um banheiro interno, devido aos odores que ficavam muito fortes no calor do verão, havendo a presença constante de moscas.

E a paisagem no Jardim do Salso ia se modificando, foi construído no final dos anos 60 o colégio Fernando Gomes no alto de um morro, cercado de mato e ravina. Bem a sua

frente ficava um campinho, onde hoje tem lugar a praça dos Cata Ventos, inaugurada na gestão municipal de Socias Vilella.

No campinho, o grande pátio parque das crianças do bairro, havia o já mencionado barro vermelho na entrevista por dona Graciana, pinheiros que a comunidade enfeitava nos natais e áreas mais planas onde: na mais elevada, em frente à escola os meninos jogavam o futebol e soltavam pipas, também conhecidas como pandorgas. Por se tratar de um lugar alto e descampado, era sempre provido de muitos ventos. Alguns relataram inclusive o medo dos ventos, nos dias de inverno. Faz com que as casa sejam fustigadas e algumas vezes ocorrem detalhamentos. Esses mesmos ventos sopravam mais fracos na primavera e no verão, então os meninos aproveitavam para soltar suas pipas.

Na segunda parte mais plana, num nível intermediário entre a São Mateus e a escola, a comunidade fazia as fogueiras de São João. Ficavam reunidas, contavam casos e histórias folclóricas para as crianças. Esses declives do campinho ainda permanecem e foram ajustados ao formato de praça. Onde os meninos jogavam bola, realmente surgiu uma cancha de futebol cercada, foi colocado um bebedor de água, alguns bancos e um escorregador (brinquedo infantil) , após a cancha. Para unir internamente os níveis da praça a opção foi escadarias, mais de trinta degraus entre o topo e a base da praça na rua oposta (Nei Messias).

No local das fogueiras de São João, a nível intermediário, foram colocados mais brinquedos e bancos. Ali atualmente se reúnem as donas de casa e casais de namorados da favela e da escola. Bem junto a São Mateus ficou a área mais arborizada e com uma preocupação mais paisagística mesmo. A comunidade faz o plantio de espécies e realizam limpezas para a manutenção da boa aparência da praça. Buscando evitar o aspecto de

abandono, e reforça a segurança. É uma bela praça, é grande e tem entrada pelas quatro fases. A quarta fase fica voltada para a favela.

Como fator relevante da necessidade de cuidados da praça, os moradores relatam que “ela está sempre cheia de despachos”. São oferendas deixadas pela comunidade de religião afro-brasileira e que fazem desses locais (as praças), um depositário para o orixá. Como uma alusão a um local sagrado, junto ao verde. Todavia não fazem a retirada, os elementos usados nas bandejas muitas vezes são perecíveis e isso também altera a paisagem. Como se fosse o lixo que ficou sem ser recolhido. As árvores que a praça recebeu quando de sua inauguração, eram mudas, agora, 25 anos após, estão adultas. Encobriram a visão que se tinha da São Mateus para o leste. Quase não se vê o casario estilo BNH, que surgiu ali em meados de 70. Assim se nota que são árvores de grande porte. A vegetação do campinho já não existe, foi substituída por grama. A rua Mateus e as adjacentes tiveram calçamento de paralelepípedo, no início, agora as principais ruas tem uma manta de asfalto de piche pelo menos no centro para a circulação de ônibus, carros e lotações.

Os postes da rede elétrica eram todos de madeira e apodreciam com as chuvas. Aos poucos, foram sendo trocados, por postes estilo torre de cimento. A iluminação era feita com luz branca e muito de longe em longe, isto é, a distância entre uma luminária e outra, era bem maior que atualmente.

Pensar na paisagem do Jardim do Salso antigo e o novo, é um exercício de memória , significa refazer através do olhar das pessoas fundadoras, o que eles viveram e foram modificando conforme suas necessidades, e o bairro atual onde a modernidade intervêm.

O antigo tinha como marca as distâncias de tudo. Pessoas queridas que ficaram nos bairros de origem, a saber: Bom Fim, Centro e Cidade Baixa, já não visitavam com tanta frequência. Distantes do mundo do trabalho, sempre havia a necessidade de usar pelo menos uma linha de ônibus para o deslocamento até o local de trabalho.

Distantes estavam também do lazer, foram referidos nas entrevistas que os locais de lazer eram o Guaíba, o Guarujá e a Usina do Gasômetro. Também os passeios de bonde por toda capital se constituíam num momento familiar, reservado aos finais de semana.

Acreditamos se tratar do retrato da própria comunidade, quando fazemos as leituras de seus relatos. Destacar mais esse, ou aquele elemento na descrição do entorno das casas, significa valorar o que vêem. É correto afirmar que na leitura das pessoas fundadoras do bairro, estar neste lugar residindo como morador é importante. Supera qualquer desafio.

Neste sentido a análise destes depoimentos aponta para o quesito permanência, mesmo com todas as dificuldades impostas pelo meio e pelos invernos chuvosos do RS. A paisagem perpassa cada momento desta jornada. A construção deste bairro se dá em detrimento das condições desfavoráveis, a ação do homem sobre o meio ambiente registrou a marca da construção deste território.

O mais notável advém do fato de que todos esses processos posse da terra, inauguração de território e de novas racionalidades, se dá de forma quase inconsciente. Apenas fluindo no cotidiano deles como forma de vida. Já mencionamos que no seu imaginário, havia "algo a ser feito". Eles precisavam morar em algum lugar e neste sentido, o Jardim do Salso surge como opção e faz sentido. A busca de um lugar para morar e vê-lo com os olhos daquele que tem a motivação "certa", faz uma grande diferença.

Assim podemos afirmar que nos relatos recolhidos, o fator mudança da paisagem do jardim do Salso foi positiva. Todos os entrevistados concordam que o bairro mudou. Afirmam que antes ele era diferente...Havia mais árvores de todas as espécies, principalmente coqueiros e pitangueiras. Havia sangas e riachos, a criação de gado leiteiro de bodes, galinhas e patos nos quintais. A proporção dos terrenos era de 30/12 metros. Os terrenos de esquina eram ainda maiores, e atualmente são mais procurados pela construção civil para os grandes prédios de condomínio.

A população fundadora, acredita que a alteração sofrida pela paisagem, é positiva e necessária. Sendo inclusive aguardada por muitos como algo extremamente bem vindo. No sentido de facilitar as condições de reprodução da vida. A saber os ônibus mais próximos de casa; o supermercado e toda a linha de serviços; a ocupação do espaço por mais casas e prédios. Este último fator define que o isolamento era sentido por eles. Quando o bairro se tornou populoso, adquiriu uma nova face. “Deixou de ser o meio do mato”.

A estrutura de bairro vai surgindo aos poucos, a abundância de serviços e a aparência de um lugar bom para se viver, torna-se um dado a mais no repertório dele. O cotidiano que ali se verifica, com o advento da modernidade, aos poucos começa a assemelhar-se com outros bairros da cidade. Então a conclusão a que se pode chegar está residindo no fato da gênese. No seguinte aspecto, nem todos os bairros da periferia de Porto Alegre tinham as feições de zona rural em 1960. A grande maioria foi fundada por outras etnias, que não a etnia negra. E também poucos bairros apresentam a geografia da região leste. Os terrenos amplos e com muitas declividades, o barro vermelho e ser praticamente uma divisa de dois mundos. O rural e urbano aparecendo no entorno de forma concreta, no mesmo lugar convivendo,

servindo as necessidades daquela comunidade no seu nascedouro.

Para alguns autores a paisagem aparece como marca , a análise do conceito de paisagem a partir da realidade que circunda o homem. Esta leitura encaminha para diversos aspectos importantes que falam da paisagem do ponto de vista do concreto. Por exemplo ela ser inventariada, então sua análise é sistêmica. Ela pode ser alterada pela presença do homem e suas construções e suas culturas. Desta forma a paisagem também causa efeitos. È um produto da nossa elaboração, dos nossos usos. Vemos que a paisagem pode ser contextualizada, pode ser inscrita no subconsciente das populações e pode receber influências à medida que a cultura se desfaz, se altera ou evolui.

Ao observar a paisagem devemos ter um olhar que norteie nossas buscas e justifique nossas intenções. Neste aspecto, o homem apropria-se da paisagem, neste momento ela reflete seus anseios e suas necessidades e é muito complexo determinar em que medida alguém foi mais bastante impactado pela paisagem que outros.

As questões práticas e do imaginário e traz também as inquietações naturais daquele que quer migrar para a periferia. O método etnográfico utilizado para a análise dos dados da leitura da paisagem, revelam o bairro e as pessoas que o fundaram.

Neste sentido existe, em primeiro lugar, na sua relação com o sujeito coletivo a sociedade que a produziu, que a transforma numa certa lógica. Então, a paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas também é matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza. Como marca, a paisagem pode ser descrita e inventariada pode ser quantificada estatisticamente em suas formas e

conjuntos. Pode-se perceber e analisar a articulação destas formas entre si. No Bairro Jardim do Salso essa dinâmica é perceptível. Mensurar suas relações de associação e exclusão e finalmente pode-se ligar as formas às funções e estruturas, esse tem sido o procedimento na geografia física e humana. Aqui a paisagem é tratada como dado perceptível. Para a sociologia a paisagem é um dado sensível visto que lida com a abstração do sujeito com o qual essa paisagem se relaciona. Na geografia cultural não é suficiente saber, explicar a paisagem enquanto objeto. É preciso compreender a paisagem de dois modos; por um lado, ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada por uma estética e uma moral. No final da análise percebemos que a transformação da paisagem no Jardim do Salso deriva de uma cultura. O sujeito é um sujeito coletivo é uma parte da sociedade dotada de uma história e de um meio.

O crescimento do bairro referido se comparado, a outras realidades que tem a paisagem como objeto, assume uma postura clássica. O bairro Jardim do Salso cresceu conforme os planos diretores organizados para a cidade de Porto Alegre. Vemos, então o florescimento de imagens que vão sendo capturadas na forma de paisagem.

Para a filosofia ou ciências sociais, esse seria o grande desafio. Dar conta de resignificar de forma compreensível coisas do homem. Saberes, idéias de pluralidade estão na paisagem e aprendemos a ler esses sinais/eventos. Por isso, muitas vezes ocorre uma certa fluidez no pensamento, quando se fala de paisagem. Descobrimos novas sensações e sentidos diante destas descobertas que nos levam diante do novo

A paisagem desempenha um papel perpétuo e simultâneo nas buscas da humanidade e pode ser inventariada das seguintes formas, inventário eco-geográfico, inventário das

representações, inventário dos conceitos e dos valores, inventário das políticas e do exame sintético. A paisagem traduz modos e saberes de uma cultura e de uma sociedade à medida que é tocada. Unir as idéias paisagem, formação de um bairro e suas formas de construção como o puxado, por exemplo, pontua que a realidade das necessidades de reprodução da vida, muitas vezes precedem grupos. Migrar para a periferia torná-la um lugar para a moradia para o convívio com os vizinhos, fez parte de um projeto de vida para um determinado grupo. Ver num lugar inóspito, completamente deficiente de serviços e de ordem, a possibilidade de uma vida concorreu para o sucesso do projeto.

Também as noções de isolamento do centro da cidade, definem o bairro e sua paisagem como diferentes. Nas narrativas sobre a migração as famílias fundadoras, absorveram as dificuldades do meio. Fizeram a sua leitura da paisagem e decidiram a melhor estratégia parara permanência no lugar. Foram longos anos de espera por melhorias advindas do governo, as conquistas se deram em muito por força da mobilização desse grupo.

Cada dia se conquistava um pouco mais daquele pedaço de chão, cada dia se era mais dono da terra. Por uma questão presencial e pelo embate deles com aquela paisagem e a subsequente transformação do meio num bom para se morar. Há nesse projeto de vida, as implicações que pode haver em projetos. Todavia, para o grupo estudado, a vivência na periferia, só o fortaleceu como grupo e como autor de um processo que culminaria com a sua territorialização. Eles elaboraram para si uma nova racionalidade, fincaram uma raiz e dessa forma foi possível gestar um futuro para filhos e netos.



Foto 4. Vista de uma das casas vista de uma das casa do bairro Jardim do Salso, ao fundo se observa o processo de verticalização do bairro. O varal nos fundos do pátio, revela a utilização do espaço no interior do mesmo. Uma parte do pátio é calçada, o tanque de roupas, a casa do cachorro, tão o tom de uma doméstica, onde o cotidiano é impregnado de coisas simples. Ao fundo da foto, aparece a verticalização do bairro, prédios construídos a partir de 1980. Nesta foto percebe-se ainda que são vários “puxados”, cinco no total, no mesmo terreno.



Foto 5. Essa mostra uma casa voltada para a rua São Mateus, que fica foi a principal rua do bairro no momento da fundação deste. A curiosidade reside no fato de Ter sido construída no mesmo terreno que se vê na foto 2. O terreno pertence a um grupo de 6 herdeiros. Apresenta mata com diferentes estratos de vegetação. Calçada em desnível com pedras e grama no meio- fio. U portão de madeira, e o porão preenchido com tijolos soltos. A cerca de tela no terreno ao lado, estabelece o limite, nem sempre respeitado.



Foto 6. Aqui aparece o símbolo da profissão que ajudou na construção do bairro e das casas. Bem como das condições para a reprodução da vista. As roupas no varal, lembram o ofício de lavadeira.



Foto 7. Outra tomada do mesmo ambiente de bar. Aqui aparecem os móveis e balcão de congelados.



Foto 8. Algumas fotos antigas da pessoas fundadoras do bairro e seu modo de vida.



Foto 9. Visão dos puxados construídos todos no mesmo terreno.

CAPITULO III - A DISCUSSÃO DO TERRITÓRIO E ALTERAÇÃO DA PAISAGEM NA PERIFERIA

“O homem não pode ser definido nem apenas por suas habilidades inatas, como fazia o Iluminismo, nem apenas por seu comportamento real, como faz grande parte da ciência social contemporânea, mas sim, pelo elo entre eles, pela forma em que o primeiro é transformado no segundo, suas potencialidades genéricas focalizadas em suas atuações específicas”.
(Geertz,1978,p.64)

No presente fragmento retirado da obra de Geertz, percebemos uma preocupação em esclarecer de que forma a antropologia social entende as posturas do homem diante da vida. O autor reconhece que todos nós somos produtos de processos em nossa condição humana e que também somos capazes de influenciar os rumos que desejamos seguir.

A atitude de migrar para a periferia representa um exemplo de processo no qual o homem escolhe estar envolvido e também através das redes que movimenta para tanto, engloba mais pessoas, situações, arranjos. Bem como se dedica ao desenvolvimento de estratégias para a construção da nova vida. Essa construção passa pelo território como exemplifica Sodré na seguinte afirmação:

“a idéia de território, coloca de fato a questão da identidade por referir-se à demarcação de um espaço na diferença com outros. Conhecer exclusivamente a pertinência das ações relativas a um determinado grupo implica também em estar localizado territorialmente.” (Sodré,1988,p.73)

Viver na periferia após a migração constitui justamente o que Sodré nos indica, explicita a necessidade de posturas de identidade, uma experiência que se pode dizer ocorre

de “corpo e alma”. Territorializar-se pressupõe que o ato seja presencial, e também a manifestação de posturas de vida próximas àquela realidade, (aceitar a vida na periferia com tudo o que ela apresenta, não manifestar posturas de negação) são vigas que sustentam o cotidiano.

Haesbert enumera várias visões sobre território e territorialidade. Concorda que elementos de identidade elementos culturalistas podem manifestar em si muitos significados de territorialidade.

“ Sendo basicamente simbólica a territorialidade pode ou não corresponder a um território no sentido concreto, pode existir territorialidade, mas não existir no sentido material, um território que lhe corresponda diretamente”.

Aprofundando mais o pensamento ele segue postulando que: “ Território é relativo a identificação ou conjunto simbólico de representações. Sobre o espaço e que este reflete e realimenta aquela, têm uma visão que se pode denominar de “culturalista” de território.”

A questão simbólica levantada pelo autor se coaduna com as interpretações do território feitas no pensamento dos sociólogos e antropólogos modernos. Quando buscam em suas análises do real, análises voltadas a acrescentar novos rumos sobre a condição humana e dos aspectos que as relações sociais podem estar produzindo. A leitura do simbólico em contextos diferenciados, se constitui em um forma de entendimento dos mesmos. As culturas são em grande parte explicadas pelos símbolos que são capazes de produzir, os quais ficam através das eras, informando o pensamento que vigorou naquela época. No momento em que pensamento do Senhor Miguel se volta para a seguinte questão:

“Vamos para o território dos índios, as enxadas e pás eram como armas, nós vínhamos pro mato. Agora tá isso aí que tu vê”. (senhor Miguel, 2005).

Percebemos que territorialidade é uma consequência, um somatório de situações, embates políticos e conflitos de ordem religiosa, étnica e ou financeira entre o público e o privado. Esse enunciado remete a uma visão ampla de território ou territorialidade. Concluindo que ele é fruto de ações de grupos sociais envolvidos em lutas específicas. E fala também que é uma questão de temporalidade e espacialidade. A visão do homem do devir de suas ações marca a forma como o território será demarcado e defendido, usado e construído.

Pensar na periferia como um “outro lugar”, um território à parte, elabora a noção do quanto é necessário mudar internamente para fazer a migração.

A mudança de espaço físico, parece trazer a idéia de desajustamento/ajustamento estudada por (Martins,1968), onde ele explica que contextos de mudança são plenos de significados novos para a vida das pessoas. É um processo que se dá mediante a ocupação de um novo espaço para o homem habitar e realizar estratégias de reprodução da vida. É correto afirmar que territorialidade tem dimensões múltiplas e que delas derivam as estratégias para o ajustamento ao novo meio, também carregado de sentidos elaborados pela comunidade. As formas de ser e fazer as coisas na periferia recebem novas leituras da própria comunidade e também recebem um olhar que é uma avaliação daqueles grupos externos à comunidade. Ser um bom pagador, estar em dia com seus compromissos atinge para alguns membros do grupo de fundadores do Jardim do Salso, um nível de importância muito grande, é a comprovação de sua capacidade de estar residindo naquele local.

“O nosso terreno nós conseguimos pagar, pagava direitinho...” Era descontado em folha, era muito caro, a gente pagou em 60 ou 90 meses, era um sufoco...”(Senhor Miguel, 2005)”.

Na fala do senhor Miguel, podemos ler a preocupação com a questão econômica envolvendo território, a posse da terra é cara e exista sempre o risco da perda caso a pessoa fique inadimplente. Neste sentido, compreendemos que a fixação de preços elevados para terras mesmo na periferia vai dificultar em algum momento o acesso a mesma, por famílias de baixa renda.

O Pensamento de (Silva,2004), esclarece que:

” ...em comunidades específicas em relação intensa com seu território e em constante diálogo com as marcas materiais e imateriais nele inscritas, território marcado, vivido, vivenciado, experimentado é o palco de uma organização social diferenciada, fruto das relações estabelecidas entre grupos de pessoas que compartilham uma identidade e bens simbólicos”. (Silva,2004,p.203)

A construção de um território também passa pela necessidade de transformar algo que era intocado, ou de progresso ainda muito incipiente. A paisagem é alterada. O modo de vida da comunidade que ali se estabelece faz surgir como se fossem as feições de em rosto, uma fase nova para um novo lugar, o lugar deles.

O aspecto positivo perpassa no entendimento de que essa nova face, é a própria condição de se estar ali. Dizendo de outra forma, a alteração ou transformação no meio ambiente, tem o significado de que aquele lugar pertence a alguém. “Tem dono”. Para as pessoas da periferia, detentoras de saberes específicos e ofícios que marcam sua posição social o lugar onde moram, é um sinal de pertencimento, de identidade e há neles (os migrantes), ou fundadores, um orgulho do lugar que foram capazes de construir.

Realizar processos de migração na verdade constitui uma dinâmica das cidades, em algum tempo histórico as populações investem seus ideais de construção em novas áreas da cidade. Então a análise de que existe uma constante circulação de pessoas migrando para a periferia e delas para outras mais distantes ainda, procede. Não conflitando com o projeto de

desenvolvimento da cidade e tão pouco com os projetos pessoais envolvidos nesta busca um lugar “seu” para morara e construir um devir para si e para sua família.

3.1. A transformação do campinho em praça oficial

Nas periferias é a ocorrência de áreas verdes, que no futuro serão desmatadas é recorrente, no caso do Jardim do Salso havia também um “campinho”. Local de lazer das famílias, das crianças, dos jovens pra o namoro e dos homens para o futebol. O campinho aparece como um elemento de congregação, local informal para a acolhida aos membros da comunidade. Os eventos vistos na comunidade e que tinham o campinho como local escolhido eram festas juninas, festas da escola, o futebol de finais de semana.

O crescimento do bairro traz a transformação do campinho em praça, local regularizada e emplacado. De onde se percebe já não fluir tão livremente o acesso da população do bairro, mesmo não se tratando de uma praça cercada. A modernidade impõe regras de convívio e comportamentos, delimita espaços de usos e usos do espaço. Então as pessoas buscam o lazer informal de antes em outras áreas ainda sem tantos aparelhos urbanos e onde se sinto mais à vontade.

A necessidade de escrever sobre a modernidade no jardim do salso e análise das transformações pelas quais passou, nasce de seu próprio seio. De suas configurações atuais. A noção que temos do moderno que se revela por si mesma e no entorno do crescimento do bairro. Caminhar pelas rua do Jardim Salso atual, nada tem de diferente de outros pontos da cidade. Entretanto, algo nele, ainda concorre para uma grande harmonia. As pessoas

efetivamente moram no Jardim do Salso. Fazendo daquele lugar, o seu lugar.

Diferente por exemplo da restinga que tem uma feição bem marcada de bairro dormitório, e de onde as pessoas partem logo cedo do dia, para a centralidade de Porto Alegre. Aonde, vem realizar seus trabalhos e de onde retiram recursos para as condições de reprodução da vida. Autores como Marx da sociologia, argumentam no pensamento de que as populações se organizam em grupos. Dentro desses grupos, existem os que são detentores de poder e de capital. No Jardim do Salso, se observada sua face atual, é possível verificar que o capital chegou até lá. Conferiu-lhe mais estrutura e o transformou em um lugar (um bairro residencial de classe média).

No capítulo Certezas tínhamos feito referência aos espaços de fluxos, vistos no Jardim do Salso e que não é prerrogativa sua. Certamente são vistos em qualquer bairro mais desenvolvido de uma cidade grande como Porto Alegre. Pontuamos a existência desses fluxos já no início para acentuar que o Jardim do Salso têm esses momentos em sua vivência. O passado referido pelos moradores, e a modernidade/mundo que o faz ostentar antenas parabólicas, torres muito altas para iluminação e ter seu subsolo rastreado por cabos de fibra óptica.

Outros aspectos são a altura dos prédios cada vez maiores, o movimento de várias linhas de ônibus e lotação, na parte alta e baixa do bairro. Portanto os fluxos são de pessoas a pé e transportadas nos veículos públicos. Isso promove um intercâmbio dessas pessoas com a centralidade de Porto Alegre, bairros adjacentes e outras periferias. Acabou, portanto a idéia de isolamento, de viver no meio do mato e de estar “a margem”.

A noção de isolamento para o senso comum é: (viver em local afastado do centro). No caso do Jardim do Salso era conhecido como meio do mato, o “Mato Sampaio”. Os moradores afirmam ser o nome do mato, o nome da família Sampaio que seria proprietária de uma grande área de terra na região leste de porto Alegre.

Residir em um local reconhecidamente afastado, isolado da centralidade prevê que se realize o estudo das dimensões que esse fator apresenta dimensão físico-geográfica ou espacial. É perceptível nos deslocamentos que as pessoas residentes na periferia precisam fazer para dar conta do seu cotidiano.

As distâncias entre a centralidade e a periferia envolve questões da condição humana de resistir as mudanças. Ou seja, o cansaço, que sacrifica o corpo no final do dia, devido as longas distâncias que são obrigadas a fazer como trajetória de retorno ao lar. Muitas vezes andando a pé grandes trechos, por economia de mais uma passagem de ônibus e também o cansaço por estar muito tempo nas paradas de ônibus. Os finais de semana principalmente, os intervalos entre os horários de partida dos coletivos são ainda maiores.

Um outro agravante na questão dos coletivos é seu estado de conservação, higienização e super lotação em horários de pico. A preocupação dos empresários dos transportes coletivos pela renovação da frota e conforto dos ônibus não existia na época da fundação do bairro. Os chamados horários de pico são aqueles em que o fluxo de passageiros aumenta em função dos horários de chegada e saída do trabalho.

A melhoria gradual e progressiva na renovação da frota de ônibus iniciou em Porto Alegre em 1989. Primeiro mandato na Prefeitura Municipal de Porto Alegre pelo Partido dos

Trabalhadores (PT). Atualmente existem poucos ônibus que não sejam novos, dito de outra forma, significa que a maioria das frotas de todas as empresas de coletivos urbanos em Porto Alegre já passou pelo processo de renovação.

Essa realidade dos ônibus da periferia ainda se verifica em muitas delas, o Jardim do Salso detêm três linhas de ônibus que passam exatamente dentro do bairro (Carlos Gomes Salso, Jardim Carvalho Salso e T1). Conta com a lotação Jardim Botânico e mais dezoito outras linhas que o servem (14 linhas não constam na tabela abaixo, pelo fato de não cruzarem o interior do bairro) que estão um pouco mais distantes em termos de acessibilidade.

A linha Petrópolis Puc passa à quatro quadras do interior do bairro, subindo a rua Cristiano Fischer, esta aparece no plano diretor como uma fronteira do bairro.

Tabela 2 Demonstrativa do transporte coletivo que serve o bairro Jardim do Salso

Linha Jardim Carvalho /Jardim do Salso	Empresa Carris	Prefixo 473
Linha Petrópolis	Empresa Carris	Prefixo 476
Linha Transversal 1	Empresa Carris	T1
Linha Carlos Gomes Salso (percorre os caminhos do antigo AYUB)	Empresa Unibus	Prefixo 671

A linha de ônibus Carlos Gomes –Salso efetua, nos dias atuais o trajeto do coletivo da antiga Empresa AYUB. Faz a ligação dos bairros: Cento, Floresta, Mont' Serrat e Jardim do Salso.

Na avenida Protásio Alves circulam as linhas de ônibus que servem bairros da zona norte e na

Avenida Ipiranga, outra fronteira do bairro estão as linhas que unem a zona sudeste (campus Ipiranga e Ipiranga Puc) ao centro da cidade. Na avenida Bento Gonçalves podem ser encontradas as linhas de ônibus que ligam as vilas de Viamão e centro de Viamão ao centro de Porto Alegre, no início da jardim do Salso era uma opção para o deslocamento dos moradores. Tarde da noite não havia as linhas que entram no bairro, então as opções eram as rotas da Bento Gonçalves ou Protásio Alves. Normalmente era escolhida a rota da Protásio Alves por ser o acesso em declive até a parte baixa do bairro e apresentar mais urbanização, tornando-a mais segura.

A dimensão físico-geográfica nas entrevistas realizadas confirma a dificuldade de acessibilidade ao Jardim do Salso por falta de calçamento das ruas, era um “areião” ficava a poeira nos dias de sol e calor e o barro vermelho nos dias de chuva. O calçamento de pedras veio muito depois das primeiras casas do jardim do salso estarem prontas.

O esquema a seguir ordena em diferentes dimensões o que pode ser considerado o “apego” das pessoas fundadoras ao Jardim do Salso e suas formas de territorialização.

- a) **Dimensão Afetiva** – A dimensão afetiva vista no fato de se morar em local isolado, pode revelar é muitas vezes as pessoas que migram para a periferia perdem seus laços afetivos. A distância torna a manutenção dos laços um problema. Visto que o cotidiano de cada pessoa prevê um tempo para as visitas, os encontros e momentos de lazer. Uma visita ao morador da periferia demanda que o visitante tenha mais tempo

(mais horas) disponíveis para fazer o deslocamento. Buscando restringir esses eventos aos sábados e domingos ou feriados. Visitas que, muitas vezes, em outro tempo e locais mais próximos ao centro eram diárias. O fator afetividade, a possibilidade de poder estar próximo de quem se ama é dificultado pelo isolamento imposto pela periferia. Cria-se um hiato entre a entrada na periferia e a manutenção da sociabilidade construída no local anterior. O passe-livre colocado em vigor em Porto Alegre no final dos anos 90, promoveu uma retomada dos encontros familiares aos domingos. Uma parcela população que pode pagar as passagens, prefere sair em outros domingos, para evitar o grande fluxos de pessoas que estão ocupando o passe-livre. A idéia de quebra de laços afetivos, quando da migração para a periferia, é pode ser entendida no binômio ascensão social ou declínio social. Na época da migração do grupo estudado para o Jardim do Salso, houve ascensão. Construíram suas casas, e foram capazes de manter um nível social bem de acordo com a classe média dos anos 60

Mas existem também grupos ou pessoas que buscam a periferia, para sentir uma amortização em seu aporte financeiro. Sabemos que residir em áreas não regulamentadas pela prefeitura, onde não chega o correio e o IPTU ainda não foi instituído. É um outro processo migratório, mais claro no que tange a entender a entrada das pessoas na periferia, por falta de condições econômicas. Esse grupo é mais visto atualmente em Porto Alegre. O surgimento de vilas (construídas em uma noite) próximas a algum local nobre pra forçar a prefeitura a resolver o problema com brevidade. A vila Chocolatão é um exemplo desse tipo de construção/invasão. Eles têm um projeto e uma área para a construção de casas pela Prefeitura

Municipal de Porto Alegre . A visão de que as pessoas moradoras de vilas da periferia são inferiores socialmente, é uma forma de estratificação social vista por vários autores.

b) **A dimensão emocional:** Acreditamos ser uma dimensão que remete as diretamente motivações do sujeito para realizar a trajetória de migração. O fator emocional nos revela a condição de maior ou menor ajustamento do sujeito ao novo meio. Nos estudos de Martins (1968), aparece o binômio desajustento/ajustamento, como indicador do quanto as pessoas que migram são capazes de se adaptar. E faz uma leitura das estratégias de reprodução da vida para recomeçar na periferia.

A dimensão emocional expressa a coragem, determinação e tolerância para a construção do cotidiano num outro esquema de vida. Contando com condições adversas muitas vezes e a busca de uma estruturação da casa. A necessidade da tessitura das redes de relações com as pessoas que chegaram primeiro. Trata-se de um momento crucial, sutil, no sentido de garantir a manutenção desses novos vínculos por tempo indeterminado. Sabemos que na construção do Jardim do Salso a rede de solidariedade foi fundamental e deu suporte a todos os membros que chegavam. Formaram um grupo, uma rede. Uma das principais pontas da rede a o bar dona Luci.

Os atores sociais envolvidos na dimensão emocional têm uma importância muito grande, pois é essa dimensão que determina em grande parte o sucesso do projeto migração. Não esmorecer no esforço das lidas dia a dia, não perder as esperanças de que irá conseguir vencer em seus planos de ser proprietário, dar aos filhos um legado vai além Do material.

Todas as afirmações direcionam para o emocional.

c) **Dimensão Financeira:** É colocada nos contratos de compra/venda, locações e o tipo de acordo feito entre as partes. O estabelecimento de regras para a utilização e delimitação do espaço a ser construído, tudo passa pela dimensão financeira. O porte das construções também é um indicativo da questão econômica na periferia.

d) **Dimensão Legal:** Vista quando é necessário obedecer a planos diretores, plantas das casas e os estabelecimentos comerciais necessitam exibir os alvarás de licença para o funcionamento. Nesta dimensão, segundo relatos dos entrevistados, foram vistos problemas no Jardim do Salso, na época dos primeiros moradores. Os fiscais da prefeitura faziam vistorias nas construções e coagiam muitas vezes os fundadores com ameaças de embargo da obra por razões dos vencimentos de prazos para a construções. Havendo a necessidade de buscar um diálogo em instâncias superiores do poder. Eles se dirigiam pessoalmente ao prefeito em seu gabinete e pediam que os fiscais fossem afastados, negociando a permanência no bairro e mais prazo para as obras serem concluídas. A dimensão legal está presente no momento da regulamentação do jardim do Saldo como bairro de Porto Alegre, somente em 1991. Quando novas ruas foram abertas, o crescimento do bairro conheceu um certo alargamento. A o novo arranjo espacial configurado a partir dali, dava a entender que o progresso tinha chegado, tratava-se de um processo deflagrado com a ocupação feita pelas primeiras famílias. Os serviços à população começaram a melhorar a partir dos anos 80. No governo municipal de Socias Vilella, foi inaugurada a Praça dos Cata Ventos na Rua São

Mateus. Bem em frente à Escola Estadual de Educação Básica Fernando Gomes , na parte alta do bairro. O evento realizado com a presença da Banda Municipal e apresentações de números de danças pelas crianças da escola deram uma nova partida à vida do bairro.

3.2. A Transformação do campinho em praça e o impacto na comunidade

Na área onde se localizou a praça, havia um campinho. No imaginário das pessoas da periferia, campinho remete a um lugar com área verde. É reconhecido pelas pessoas do lugar, como área comum disponível para a prática de esportes, para feiras e festas da comunidade. O campinho é um segundo quintal, ou pode ser também “o quintal” para as pessoas vivenciarem práticas cotidianas. O campinho é uma interface que mostra de forma a comunidade vive, festeja seus eventos e o grau de integração deles com o meio ambiente.

Na comunidade do Jardim do Salso houve uma quebra de significados e usos desses espaços, o campinho. Visto que em seu lugar surge nos anos 80 a Praça dos Cata-Ventos. A comunidade foi distanciada de seu campinho, e na praça já não era possível o desenrolar de um cotidiano tão livre e despreocupado com as regras de uso do espaço e comportamento. Na verdade a praça sofreu depredações em seus aparelhos e estruturas logo após a inauguração. As telas de proteção da cancha de futebol foram arrancadas ou tiveram buracos feitos nelas. O bebedouro foi danificado a ponto de não fornecer mais água para as crianças beberem após as brincadeiras. Os aparelhos urbanos de uma praça, todos sofreram algum tipo de alteração devido ao mau uso ou vandalismo. Nesse sentido a mudança do espaço do campinho para praça regulamentar de Porto Alegre, marcou definitivamente a face do bairro. Colocando-o

num nível superior, que só foi absorvido aos poucos pelos moradores. **Significa que antes da praça existir, a comunidade tinha uma relação de informalidade no campinho.** Deixavam seus filhos brincar. Faziam as fogueiras de São João e vida corria mais simples e sem preocupações. Com o advento da praça, a comunidade passou a preocupar-se com o tráfico de drogas, o aparecimento de moradores de rua e a ocupação do espaço da praça para práticas religiosas.

Na época do “campinho” o tráfico de drogas parecia a eles, uma realidade bem mais distante. Isto é, as famílias sabiam do crescimento da violência em âmbito geral, mas com o evento da praça que substituiu o campinho, tudo passou a ser muito real e próximo deles.

O tráfico de drogas e ocorrências policiais mais graves tinham lugar no interior da favela Vila Pinto. E na verdade não se ouvia fatos desta natureza no Jardim do Salso. O mais comum eram assaltos, sem uso de armas de fogo, invasões nos quintais para o furto de roupas do varal. Por ser um perímetro urbano ainda pouco populoso, era uma constante que carros de passeio fossem vistos no local. O perímetro urbano conhecido como periferia é vulnerável no quesito segurança como um todo.

Durante a época do campinho, os moradores de rua de Porto Alegre, eram em menor número. Também o bairro menos populoso não lhes era atrativo. Preferiam áreas centrais, onde a obtenção de gêneros era mais fácil. Após o crescimento do bairro, os mendigos surgiram e já podiam ser vistos na porta dos bares e na praça. O mendigo traz consigo todo um universo “seu” composto de sacos escuros contendo seus pertences, papelões pra dormir, garrafas de bebida alcoólica, por vezes um animal de estimação. Sua presença é inegável quando lá estão, Pelo cheiro, pela própria territorialização que eles provem: através dos

excrementos, dos lixos deixados ao redor, podendo muitas vezes montar até uma espécie de acampamento no lugar. Ficando sua retirada ou remoção pela Prefeitura, um problema social a ser resolvido.

Quando se trata apenas de um campinho, como existia antes da praça dos Cata-ventos, para o próprio mendigo, instalar-se no terreno inóspito, se torna bem desconfortável, bem perigoso. Para o morador de rua, a segurança obedece a um critério subjetivo. Não ser molestado por seus pares, não sofrer violências policiais. Não perder seu ponto ou território, por ele demarcado e onde ele faz as regras. O morador de rua tem critérios para se territorializar buscam próximos de comida e segurança.

Como último ponto a ser levantado para análise das diferenças entre a praça e o campinho esta à questão das práticas religiosas. Rituais afro-brasileiros elegem áreas como praças para alguns despachos. Usam áreas bem próximas aos troncos de grandes árvores ali depositando suas bandejas. Oferendas para pretos velhos e Ibejis, são feitos em praças públicas.

Da mesma forma que oferecimentos ao Exu, são encontrados nas encruzilhadas. Para este orixá do culto africano é costume se fazer à oferenda no perímetro urbano, ou em áreas mais descampadas e sem asfalto. A importância de se relatar essa questão religiosa se deve ao fato de que, o Jardim do Salso é produtor e mantenedor de centros de espiritualidade tanto católica como umbandistas. Os umbandistas estão desde a fundação, a presença dos católicos é mais recente. O templo que serve a comum idade do Jardim do Salso é a Igreja da Paz, de orientação católica. Erigida nos anos 60, levou cerca de 30 anos para ser concluída. Atualmente conta com ampliações e a construção de uma casa paroquial.

Assim sendo também é possível concluir desta análise que a inauguração da praça teve um impacto na comunidade. Positivo e negativo, nos relatos obtidos em campo as pessoas se ativeram mais aos impactos positivos. Outras ficaram indiferentes a essa situação nova, por que não a utilizam nunca. Fazendo de suas casas e da rua área suficiente para viver, em detrimento da praça. Tal postura é mais vista nas famílias onde as crianças são grandes e tem outros interesses que não a praça.

3.3. A nova face do Jardim do Salso e a verticalização

Podemos afirmar que a ambiência do bairro foi alterada, bem como a paisagem. Para (Corrêa e Rosedahl, 1998), pode-se pensar a paisagem na perspectiva geográfica, como paisagens culturais ressaltam que as mesmas se configuram enquanto tais, a partir de suas conexões e mediante a possibilidade que o homem possui de apreendê-las como totalidades apresentando assim fisionomias. Em nossa observação do bairro Jardim do Salso e ouvindo os depoimentos dos entrevistados, temos a condição de perceber que o bairro mudou sua fisionomia, não é mais o mesmo lugar que há quarenta anos apresentava o rústico aspecto de lugar no meio do mato. A análise da paisagem feita por (Verdum, 2006), trabalha com elemento novo que se trata de a paisagem não ser estática. “ A paisagem está longe de ser estática”. ...“Sua dinâmica acontece em milhões de anos”.

O esforço para a compreensão da transformação da paisagem no Jardim do Salso nos levou a delimitar um tempo cronológico para a ocorrência das mudanças em seu aspecto. Ficamos com os períodos de 1960 até 2006, que pelos dados da pesquisa provaram ser os

períodos de maior crescimento do bairro. Crescimento da população, do número de prédios construídos, abertura de ruas e a construção de praças. Na última década do período aqui estudado, o bairro conheceu a aceleração do processo de verticalização. Todavia, atualmente as áreas mais próximas a Avenida Ipiranga (os fundos da Vila Pinto), ainda apresenta o que Verdum descreve como: “um espaço não delimitado e muito próximo do natural”(Verdum,2006,p.45). O embelezamento do bairro por exemplo, na visão de (Certeau,1994) o autor reconhece que a paisagem surge enquanto local praticado no qual os homens atuam quotidianamente (Certeau,1994).

Neste sentido o processo histórico da cidade e o crescimento do bairro trouxeram também uma mudança nos preços. Em fim, todos os serviços de que dispõem uma cidade grande, estavam presentes para tal empreendimento.

Estar desajustado no seu local de moradia ou desterritorializado passa uma idéia de desconforto, inadequação. As pessoas fundadoras do Jardim do Salso têm bom ajustamento. Ficando somente os pátios de suas casas com o aspecto de lugar mais simples, mais parado no tempo. Pois tem a função de depósitos de latas de tinta, mangueiras, brinquedos das crianças. Espaços para o varal de roupas. No passado do bairro, já mencionado nas entrevistas, o varal de roupas ocupava lugar de destaque na parte baixa do bairro e era uma fonte de renda para s famílias fundadoras. Uma vez que o ofício de lavadeira tinha um grande valor para a sociedade. Na época das lavadeiras do bairro, os varais eram estendidos e presos em árvores, na grama se fazia os processos de embranquecimento da roupa. Sem a preocupação estética.

Vizinhos novos e mais abastados não deixam nada nos pátios e têm uma preocupação

com o paisagismo. São pátios cuidados e belos, na estética da modernidade. Nos condomínios novos encontramos o predomínio de jardins com muitos elementos de paisagismo. O visual da fachada incluindo o jardim, a entrada valoriza os prédios, os torna seletos.

Em contextos de reconstrução de patrimônio cultural, a visão do grupo é a base da investigação, o pesquisador faz o papel de facilitador. Ele promove que as pessoas possam estar se manifestando e expondo suas memórias e seus pontos de vista. O cotidiano destas comunidades e em especial o Jardim do Salso, apresenta feições e marcas especiais deles ter sido fundado pela etnia negra é uma marca. E que essa etnia tenha dificuldade de permanecer ali em sua maioria, é um sinal. Apontando para o fato de que o bairro cresceu e que se tornou muito caro para morar. Acentuamos, então, que a migração dessa etnia para outras periferias surge como uma saída para a questão habitacional, e é em grande parte, uma marca da modernidade. O início do Jardim do Salso foi em parte a desterritorialização de seus fundadores quando vieram dos bairros Cidade Baixa, Bom Fim e Centro.

Na verdade, o indicativo mais preciso e que faz sentido é pensar que os processos de territorialização e desterritorialização sempre existiram. Varia com as épocas, a forma ou intensidade com que estão ocorrendo. As intencionalidades são os panos de fundo da busca de novos territórios, da construção de novas racionalidades.

A presença da etnia negra no Jardim do Salso nos seus primórdios conferiu-lhe uma distinção, apesar de simples. “Um lugar bem família”. Onde as pessoas cuidavam umas das outras. A solidariedade fez parte do cotidiano deles, desde o primeiro dia. A rede estabelecida por elas às mulheres do bairro, para a manutenção daquele lugar foi e é um motivo de orgulho. Passam nas histórias e tentam dar aos jovens um pouco dos seus valores e o que

pensar sobre seus pais e avós. Procuram nesta tarefa valorizar também sua cultura, fazer uma leitura de seus atos como benéficos, construtivos, heróicos, plenos de grande sentido de construção para si e par as gerações que estariam vindo.

Inclusão é uma idéia que permeia todo tempo a temática desta dissertação, revela, na verdade, uma postura que vem permeando a periferia. A vida de seus moradores. Enfocar a questão da mobilidade da etnia negra dentro de Porto Alegre, rumo à periferia, trás à cena o imaginário de uma vida melhor com inclusão, visibilidade social e ascensão social. O lugar onde vão morar as pessoas da etnia negra que não detém os meios de produção, é sempre um ponto a ser discutido nas políticas públicas. Sinaliza que existe maturidade política mostrar para a sociedade organizada que já não se pode tomar todas as decisões com base no capital, hoje se pensa muito no social. Na época da migração que os fundadores fizeram, existiam grupos da etnia negra que já haviam realizado ascensão social como é mostrado no trabalho de Santos (2005). E outros grupos, nos quais se incluem os fundadores do Jardim do Salso, gente trabalhadora, mas de poucos recursos a exemplo de lavadeiras, motoristas, estivadores, costureiras, donas de casa. A migração fez o papel de colocá-los no mapa da mobilidade social. Isso lhes confere visibilidade e respeitabilidade. Eles existem. Fundaram o bairro e estão povoando o mesmo, deixando um legado a seus herdeiros. Até bem pouco tempo a noção de que o negro é construtor da identidade gaúcha e porto-alegrense, é pouco mencionada, pouco referida. Também o fato de poder legar aos filhos e netos de sua descendência o direito de posse da terra deve ser absorvido pela sociedade como valor positivo.

A historicidade advinda dos processos migratórios e outros processos sociais

realizados por pessoas dessa etnia e sua afirmação estão se afirmando como degraus para uma justiça social. No texto de Harvey (1992) sobre a Justiça Social, a abordagem recai no crescimento da cidade como uma totalidade e de que forma as populações deveriam ser incluídas nos momentos de decisão sobre os rumos que a cidade deve tomar. Incluir a opinião de todos os seguimentos nos círculos das decisões no momento de se criar projetos para a cidade e planos diretores. No nosso texto, a idéia de justiça social, está voltada para a inclusão de eventos relativos à etnia negra, para que façam parte da história local e global. Sejam vistas e reconhecidas como produtora de conhecimento, como produtora de cultura e mencionada como fonte para novos trabalhos.

Em Halbwachs, Temos: “ O lugar recebe a marca do grupo e vice-versa. Todas as ações podem se traduzir em termos espaciais...” (Halbwachs,1990,p 133). Significa que o Jardim do Salso marcou os primeiros moradores com a “força do lugar” e também foi marcado em seus espaços dando margem a novas configurações de si. É fundamental salientar que tais processos de interação (o sujeito e seu ambiente), são contínuos, assumem maior ou menor relevância conforme a sucessão dos eventos.

Em nossa análise das práticas possíveis de se realizar quando na periferia, o elenco de situações a se enfrentar e as determinações pessoais que justificam movimentos migratórios são a base . Vendo também as estratégias gerenciadas pelo grupo estudado na confecção de um novo território e suas posturas de vida como sujeito de um processo social no qual ele envolve e é envolvido. Determina e sofre as determinações do meio, por exemplo.

3.4. A ação na periferia, o sujeito e o aprendizado de uma nova vida

Pensar o sujeito da ação como aquele que está na periferia, não representa a totalidade. Toda pessoa que faz parte desse universo conhecido como periferia, se envolve em ações de algum tipo alguém que ali realize práticas cotidianas. O sujeito da ação pode ser conhecido de perto e com facilidade, ele faz a vida acontecer. Desde madrugar para deslocar-se até seu local de trabalho (ação de deslocamento), quando leva seus filhos, netos, afilhados e sobrinhos até a escola ou para as creches (ação de reprodução da vida).

O sujeito da ação na periferia existe e se revela, por que não há como ser diferente. A camada social a qual pertence, o faz eleito para esse cotidiano. O que não é certamente nenhuma tragédia, é, no dizer de Santos(2002) um modo de deixar o passado para trás. Inaugurando uma outra racionalidade. Apropriando-se de seu repertório e retirando dele o fomento para o seu devir. Esse repertório vem no formato de memórias, repetições aos filhos, netos e bisnetos, daquilo que foi digno de nota em sua história de vida.

O local é o seu mundo, e às vezes parece que o global é grande de mais para os seus sonhos e suas possibilidades de acesso, de inclusão. Mas na teoria revista em Santos (1996), encontramos os mundos verticais e horizontais, intercambiando a vida. O global não está distante desse sujeito da periferia, por que também ali funcionam as redes. As pessoas são consumidoras de bens e serviços e também prestam serviços à comunidade e à sociedade. Na fala de Castells(1999), essa questão é bastante bem delineada: “a virtude que existe no homem voltar-se às questões da comunidade e ali, abastecer-se para só depois, voltar suas atenções ao societário”.

Como se ela constituísse mesmo uma instância superior . Esta, referente ao mundo da vida pública, do mundo político. Perpassa evidentemente, a todo o momento, a vida cotidiana

das comunidades, mas tem em, é carregada de um sentido multifacetado. Capaz de dar conta de muitas instâncias importantes da vida. Daí o seu caráter mais duro. Um tanto impenetrável e de difícil acesso a qualquer pessoa. Poderíamos, nesse sentido, referendar a obra de Ortiz(1991), e pensar a questão do espaço transglóssico, para explicar de forma inicial, o trato com a política e as questões públicas. A linguagem usada nesses setores, é muito complexa. Deixando perceber que, trata-se de um grupo seletivo.

A periferia, é o mundo da ação e é um alimentador de inspiração para os artistas quando buscam a favela. Neste momento, a periferia vive o seu auge, e vira cenário de filmes de sucesso...E até mesmo artistas de renome querem conhecê-la e visitam terceiro mundo para isso. Eles buscam sobre a periferia um outro tipo de olhar sobre a vida. Sem tédio, sem mitigar conflitos cotidianos.

O sujeito da ação na periferia vive. Revela de forma total sua intimidade quando samba no carnaval e tem sua imagem seminua exportada para o mundo, ao chorar pelo timão no final do campeonato. A moralidade ou decoro ganham novos significados. A paixão revelada nas festas populares expõe uma face da periferia. Esta, é muito procurada como a fonte, o primitivo, o suigêneres, o novo, para Brandão, o antropólogo mais famoso por observar e descrever festas populares. Ser o sujeito da ação na periferia, é um lugar comum. Ali naquele local se fomenta o fazer (em quanto prática de reprodução da vida). Um mundo distanciado do ócio e do tédio, mais fácil de se ver no mundo da reflexão (intelectualizado).

Arend (1999) diz Comparando a nossa época e os nossos estilos de vida, ao mundo da Grécia clássica e afirma que o nosso olhar e formas de encarar as liberdades, o papel do Estado, o público, o privado, o lugar da mulher e do escravo em nada tem a ver com o

contexto atual. Naquela sociedade o ócio era um status social, a mulher e o escravo compreendiam a necessidade de ocupar lugares definidos naquela sociedade.

Para a análise de contextos periféricos, o ócio é entendido como um lazer vazio. Não fazer nada. Deixar-se abandonar muito tempo em reflexões, sem nenhum recurso que garanta as condições básicas de reprodução da vida, constitui um problema. Por representar o universo da periferia como aquele onde as pessoas apresentam situações econômicas difíceis. O ócio se constitui num entrave ao crescimento do grupo, bem como ao desenvolvimento pessoal. O trabalho, a ocupação remunerada são referenciais de inclusão social. Saber se colocar no mundo da produção é um quesito buscado pelas pessoas da periferia. A construção do espaço, sua ocupação e registro de uma nova racionalidade para a etnia negra, na periferia, concorrem para a cidadania.

Na periferia, desocupação, é o prenúncio de que o sujeito encontra-se numa situação de desamparo social ou marginalizado. A marginalização do sujeito em virtude da desocupação não desejada estabelece um elenco de conflitos: estes podem ser de ordem prática como o desabastecimento da casa, o atraso das contas. Até o enfraquecimento da imagem masculina diante da mulher, a falta de referenciais de um profissional vitorioso, que passe para os filhos noções claras de cidadania e inclusão social...Isso sem contar a rede de vizinhos e familiares que é acionada a todo o momento. Revertendo para a mesma o ônus da desocupação do homem. Ele que de algum modo deveria chefiar a família e garantir seu sustento. A sociedade ocidental ainda delega as funções de provedor do lar e de proteção ao homem.

Quando dizemos que a periferia é o lugar do fazer, daí derivam muitas questões o que

fazer, porque fazer para quê e para quem. Nas teorias construtivistas das escolas de educação, principalmente nas francesas encontramos Piaget, liderando essa corrente. No Brasil, aparece Paulo Freire como referência do fazer pedagógico. Preconiza que a criança nascida na periferia reconheça seu mundo e o valorize. O fazer pedagógico, é pertinente a um contexto de constante necessidade de ações afirmativas de auto estima. Quando se está residindo na periferia tem-se tudo a fazer. Não deixa de ser construtivo em termos mentais, e um desafio em termos econômicos. Falar em territórios, migrações e sujeitos do fazer, na periferia assume uma dimensão múltipla. Abrange os históricos de família e de como foi se compondo a periferia. Reconhecemos nela o formato de território, por configurar um tipo específico de população. A imagem passada nos meios de comunicação sobre a periferia mostram-na como local de violência explícita e morte.

Recorrendo ainda a questão da territorialidade, entendemos que esta é uma consequência, um somatório de situações, embates e conflitos políticos entre o público e o privado, que conferem à periferia destaque. Na periferia, existe um território delimitado, fechado e marcado que dão ela maior visibilidade. Ação do sujeito de forma a criar o seu lugar. O estar na periferia, reconhecer que ali é um outro território, nos traz a necessidade de uma nova racionalidade(Santos,2002).

Existe com certeza, uma infinidade de territórios pelo mundo inteiro e cada um realiza suas ações afirmativas. Cada momento no espaço é preenchido pela ações humanas versando sobre cores de bandeiras distintas. O mais importante é demarcar de forma definitiva a importância do sujeito em todos esses processos. Mesmo que ainda seja necessário haver territórios que demarcam a sexualidade, outros, a questão racial e assim por diante. Os mais

expressivos ocupam lugar na mídia e tem como tema questões étnico-político-religioso. Ali, podendo ser vistas as questões da criança, o feminino, bem como a supressão de seus direitos mais básicos. Por isso a territorialidade é uma fonte inesgotável de discussões, saberes, pesquisas e disputas políticas.

E dentro deste pensamento incluir o local, aqui representado no bairro Jardim do Salso, entendendo que sua complexidade e totalidade podem estar englobando todas essas formas de territorialidade mencionadas

A noção de transglossia, vista em Ortiz(1991), tenta justificar, unir vários mundos através das questões de linguagem. A idéia de transglossia trabalha com o significado das palavras dentro de grupos específicos. Formas de linguagem que basicamente reforçam dão identidade ao mesmo. Dão o significado que a identidade possa ter para uma cultura.

Observando territórios sob o viés da subjetividade humana, referenda o surgimento de levantamentos comportamentais de cada grupo. Haja vista, as comunidades, estabelecidas em periferias.

3.5. O local e global no contexto da periferia

A geografia humana e mais precisamente a cultural valorizam muito as demandas do sujeito, por tornar possível relativizar o espaço geográfico , em espaço geográfico-social.

Esse espaço da geografia cultural, é pleno de saberes próprios, identificados por Ortiz(1991) , como identidade única.As pessoas da periferia, e das comunidades revistas por ele, vivem uma ambiência e nela realizam seu cotidiano. Ocorre um ajustamento, Martins (1968), e nesse aspecto o novo passa a ser aceito como um processo de crescimento. Representa um universo que traz aprendizados. Nas comunidades de periferia, toda dinâmica

da vida obedece uma lógica própria do lugar... A noção de intimidade trabalhada na obra de Sennet (1988), remete a uma dificuldade de limitação entre espaços públicos e privados, por exemplo.

Ver a periferia como o espaço do cotidiano, mais que um território político, a humaniza. Na verdade, esse pensamento introduz a questão das horizontalidades e verticalidades, abordadas por Santos (1996): “vivemos hoje um processo de racionalização do espaço...” Essa noção remete ao desejo de pertencimento a um lugar. E de quais estratégias lançamos mão a fim de obter sucesso nesse empreendimento. O formato das comunidades, a rede de relações e de poder que vão constituir a base para a convivência em grupo são entendidas neste trabalho de pesquisa do seguinte modo: a imbricação de horizontalidades e verticalidades nos modos de vida da comunidade. Esses podem ser analisados através da ótica das ordens local e global, mostrando claramente a interdependência estabelecida na comunidade.

Tabela 3. Tabela Demonstrativa das ordens global e local vistas na periferia

ORDEM GLOBAL	ORDEM LOCAL
Impõem ao lugar sua racionalidade única	Responde de acordo com sua própria racionalidade
Sistema esparso de objetos regidos por uma lei única	Sistema contíguo de objetos regidos pela interação (pelo e como território)
Solidariedade: produto da organização	Organização produto da solidariedade
Funda escalas superiores ao cotidiano Razão técnica e operacional	Funda escalas do cotidiano, parâmetros vizinhança, intimidade, emoção
Desterritorializa: separa o centro da sede da ação. O espaço formado por pontos. Verticalidades.	Reterritorializa, é o espaço do banal/irreduzível Cotidiano vivido garante a comunicação.

Na primeira linha do quadro sobre ordens global e local aparece:

- A racionalidade manifesta-se de forma diversa, dependendo da dimensão proposta para a análise e onde se dá a ocorrência dos eventos. Definindo que a racionalidade na dimensão global, obedece uma racionalidade única. Precisamente, a lógica do capital e manutenção de redes sociais com base somente no econômico.
- Na dimensão local a racionalidade é proposta pelas pessoas do meio. Fazendo dela, um meio de estabelecer estratégias para a reprodução da vida. Confecciona redes solidárias.
- No que tange a solidariedade temos: na dimensão global o produto da organização, como um resultado. Inversamente, a dimensão local propõe: organização como produto da solidariedade.
- Na ordem global podemos ver, a fundação de escalas superiores ao cotidiano. Sendo entendida a partir da razão técnica e operacional.
- A ordem local funda escalas do cotidiano, volta ao sujeito, poder-se-ia dizer quase buscando o homem natureza. Valoriza o pequeno, o aconchego, a intimidade. Anuncia a confecção de rede através de diálogos, mais do que arranjos políticos e negociação de interesses.

A partir do quadro analítico, é possível compreender que horizontalidades e verticalidades se interpenetram, convivem, de forma contígua e são responsáveis pelo desenvolvimento e resolução de muitas questões na comunidade. A nível macro quando transcende a comunidade e se reporta ao mundo. Mas também seus reflexos estão na vida da comunidade, no microcosmos no cotidiano, na intimidade, na vizinhança. Ainda em Santos lemos que “cada lugar, é ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de razão local, convivendo dialeticamente”. A importância da organização do local, ou seja, das

comunidades, contrapõe-se à lógica do global. Na rede da comunidade, o fator mais imperioso reside na solidariedade. Horizontalidades e verticalidades impõem aos sujeitos uma adaptação às novas tecnologias, a novos parâmetros de comportamento. O local remete à humanização, ao encontro, a afirmação de laços afetivos. O local marcadamente é o setor da vida, o setor primário, na gestão de um devir para a comunidade.

Quando ela se torna o alvo das nossas observações, a diferença cresce por que estamos distantes. Essa diferença está contemplada no método etnográfico, quando aborda as questões de alteridade. Somente alguém que nasceu e se criou em comunidades, no local, é capaz de retê-la por mais tempo em si, nas suas ações. No repertório que dará sentido a sua vida. O estrangeiro vê, mas não a entende. Não tem como carregá-la consigo, por falta de uma ligação primordial, que vem a ser uma raiz. Para o estrangeiro, o entendimento da periferia, ou das comunidades, se dá por tabela. A periferia precisa ser lida para ele por um interlocutor. Um informante que o guie por grupos, acessos e faça a tradução das linguagens locais. O pertencimento ao local, por exemplo, é um sentimento que para o estrangeiro permanece difuso. Algumas vezes parece bairrismo, para num outro momento confundir-se com territorialidade/identidade. O estrangeiro traz a ruptura do pequeno mundo local, e o põem à prova. Nesse momento é possível beber das fontes mais originais e básicas da comunidade o samba enredo que é feito ali, as práticas religiosas, as curas através das ervas, a poesia. É neste mundo, cuja construção da racionalidade é permanente, ali concorrem processos dinâmicos de reprodução da vida, o estrangeiro é acolhido.

Prova de que as horizontalidades e verticalidades somam vidas. Racionalizar e impulsionar o processo de ação remete diretamente ao dinamismo, ao movimento. Portanto,

contrasta claramente com a estagnação, ausência de mudança. Pensar a ação é repleto de significados, na medida em que, através dela, reconhecemos o avanço dos processos. Sejam eles processos sociais, processos políticos, processos que envolvam o sujeito. O mesmo sujeito ao qual fazíamos referência anteriormente, o sujeito que está praticando a ação. E que em nosso interesse, é percebido como aquele que está na periferia. Estando ali, devido ao processo de ajustamento proposto pela migração ao meio e pela nova dinâmica de sua vida, vê-se em ação. Pode-se pensar, na idéia de ruptura com velhas posturas e saberes. Em detrimento do advento desse devir, que representa a periferia. Ruptura também com uma parte de sua identidade um pouco dele que foi deixado para trás. E umas nuances iniciam a fazer sentido.

O ato de pertencer a este novo lugar constitui um aprendizado sobre o local e global, Sabemos que o aprendizado, a mudança, a ocupação de espaços nossos ainda não pensados, pode ser dolorido. Viver na periferia , o cotidiano e sobretudo ver-se parte integrante de tudo isso nos dá a nítida impressão que crescemos. A partir deste momento, se inaugura uma situação que remete a incertezas, novidades, descobertas. A vivência dessas dinâmicas e situações de ajustamento provoca, muitas vezes, no sujeito referenciais de perda. A importância e a profundidade desses processos. Muitas vezes a rapidez com que os processos se sucedem não nos dá tempo de maturar todas as questões sobre o local e global e como nossas vidas estão englobadas e englobam esses universos. A diferença se faz, notadamente, no sentido de que somente alguns fatos são tratados como história Ao nível das coisas cotidianas que podem acontecer a qualquer sujeito que se disponha a migrar para a periferia .

CONCLUSÃO

O tempo das situações serem resolvidas no improviso e a busca de alternativas fáceis para periferia está em fase final. O exemplo das famílias entrevistadas retratou o empenho e a disposição de um grupo na construção de um território para si. Através das falas deles foi possível descrever seu universo e a amplitude de seus projetos. Uma visão de que para eles a entrada na periferia constituiu muito mais do que obter simplesmente um pedaço de chão, fica bastante clara nas entrevistas realizadas no campo. A gestação bem sucedida de seus sonhos, tornou-se o berço de um bairro de Porto Alegre. Nos relatos de campo, a manifestação do desejo de permanência no local, foi acentuada com frases que resumiram a idéia: jamais pensamos em desistir. Trazendo neste sentido a noção de que já se sentiam capazes de levar a cabo seu intento. Havia neles o pensamento de que estavam certos na busca por uma vida melhor. Então esse pensamento passou a ser um eixo diretivo de seus comportamentos e o definidor de estratégias para a construção de um novo território.

A migração realizada por eles nos 60, foi o ponto de partida e de chegada. No momento da decisão de migrar para a periferia, ocorre o estabelecimento de metas, de onde não se afastaram e, o que concorreu para o sucesso de seu empreendimento. O processo de ocupação e beneficiamento do lugar foi ocorrendo de forma paulatina, mas ininterrupta. Mostrando claramente que houve um crescimento constante no bairro, nos quesitos: ocupação e beneficiamento.

O referido processo migratório de populações de etnia negra para a periferia, representa na verdade, um englobamento de uma série de processos, a saber:

A) Mobilidade social – O fator mobilidade social pode ser explicado, no sentido de que as

peças fundadoras do Jardim do Salso, detinham uma posição social ao migrarem. O ato de tornarem-se proprietários, assumindo dívidas e compromissos financeiros de montes conferiu um novo perfil, o perfil do sujeito que ascendeu socialmente. A mobilidade social e factual desse grupo comprovam além de sua existência, a possibilidade de poder realizar se intento. O ajustamento motivado pela migração, estar num novo meio, evoca no indivíduo a capacidade para o trabalho e para a construção de uma nova racionalidade.

- B) Processo de desajustamento/ajustamento – Esse processo está no bojo dos procedimentos realizados, quando da mudança. Situações de ordem prática e regulamentação de sua nova situação. Por exemplo: Fazer a construção das casas seguindo a planta de um projeto, solicitação da ligação de luz no órgão competente, e manter a documentação como transferência de imóveis no cartório em dia.
- C) O ato de desligar-se de suas raízes anteriores para fazer com bom desempenho a fixação no novo meio, também representa ajustamento. Realmente habitar o seu endereço atual, estabelecer uma rede de relações e utilizar os serviços disponíveis ali.
- D) A estruturação do bairro, bem como a confecção de redes solidárias constitui-se numa parte da territorialização que remete ao ajustamento ao novo meio. Encaminhar o fazer do cotidiano de modo a propiciar a reprodução da vida neste lugar.

No momento da migração, à primeira vista, a sensação era de estar chegando no “território dos índios”, estar chegando no meio do mato. Disso se depreende através dos relatos, que havia a necessidade de vencer o meio. A essa etapa se sucederam outras tantas para a manutenção do projeto inicial do grupo: realizar a fixação do grupo num lugar que era conhecido como Mato Sampaio. A primeira penetração desse lugar da zona leste de Porto

Alegre, segundo os relatos de campo, foi feita por esses moradores/fundadores. A idéia da penetração pareceu mais difícil para alguns do que para outros. Em um dos relatos, a entrevistada comparou a falta de serviços e de segurança no lugar, com a vida plena de facilidades que tinha ao residir na rua Duque de Caxias, bairro centro. O bairro centro em 1960 era detentor de uma rede de serviços e transportes praticamente completo. Os bondes circulavam com intervalos de tempo curtos, faziam a conexão de vários bairros da cidade, mais não chegavam nem perto do Mato Sampaio. A sensação de deixar uma área urbanizada e bem aparelhada concorreu para o estranhamento do novo meio. Na visão geral do grupo o desejo de pertença e de permanência no lugar superou esse choque cultural. Em detrimento do que deixaram para trás, nunca mencionando a sua migração como perda de um território. E sim como ganho para si e para suas famílias, bem como para as gerações vindouras.

O grupo estudado revelou em seus relatos as dificuldades para a fixação no lugar quanto a: falta de estrutura (ruas de chão batido, ausência de canalização para água, transportes circulando distante de seus locais de residência). Como estratégia eleita para a superação desta fase, lançou mão das redes solidariedade. A idéia de que estavam realizando movimentos migratórios e seriam donos de algo, elevou a estima do grupo da seguinte forma: Ter uma crença em seu valor e capacidade, manter arraigados os ideais de famílias e o valor moral da família, vencer com a ascensão social qualquer tipo de dependência a terceiros. Sendo capazes de substituir o valor pago do aluguel, por uma prestação de casa própria.

Através da construção de suas casas e da rede de solidariedade, estabeleceram um modo de vida próprio. Uma nova racionalidade que remete aos valores morais de seus ancestrais e valores de cidadania também, no tocante ao pagamento de impostos pelos

serviços da prefeitura. Neste modo de vida que compreende uma lógica da periferia, é bastante presente o binômio inclusão/exclusão. A entrada da etnia negra na periferia de Porto Alegre, representada aqui, pelo grupo que compôs nosso universo, justifica esse binômio. Ser proprietário de algo, ainda que na periferia representou para eles, vencer a exclusão e mais: realizar uma trajetória de ascensão social. No ideário do grupo pode ser lido o valor de ser o fundador de um bairro da cidade, e a questão do território para eles é incorporado nesta subjetividade. Significa que no imaginário deste grupo eles entendem que a construção do seu território, de suas casas e de suas redes de relações, bem como uma nova racionalidade, foi algo muito importante. Os coloca num patamar acima de outros grupos que migraram para outros lugares que já detinham estruturas e aparelhos urbanos. O rescaldo de todas as informações encaminha para o pensamento e para o entendimento de que em Porto Alegre dinâmicas sociais relativas a etnia negra, são realidades. Dizendo de outra forma: a migração de um grupo da etnia negra para a periferia conhecida como Mato Sampaio, atual Jardim do Salso, realmente ocorreu em meados dos anos 60. De forma paulatina, não chegaram todos no mesmo dia e hora. Entretanto a configuração dessas pessoas como grupo, se deu por afinidade. Por estarem vivendo uma situação de ajustamento juntas e por formarem entre si uma rede solidária. A necessidade de colocar esse dado em relevo para a análise se justifica no próprio objetivo do trabalho de pesquisa.

O universo pesquisado composto por essas famílias assumiu um perfil de grupo e foi-se estruturando aos poucos tornando a vida no lugar possível. Na verdade o que se ouviu nos relatos deles era: “quando nós chegamos (anos 60), já tinha a casa do seu Guiomar”... Daí eu e minha família chegamos e fizemos nossa casa. Noções como essas advindas do grupo, e

outras tantas: recolhidas nos momentos de entrevista em seus relatos e das práticas inscritas por eles como adequadas para vencer o meio, estruturar suas casas e dar ao lugar uma feição de lugar onde moram pessoas e não o “fim do mundo, ou o”meio do mato.”

Essas pessoas pertenciam a classe trabalhadora, eram portadoras de um capital cultural e financeiro com déficit, entretanto esses recursos foram suficientes para que pudessem realizar a migração e a fixação no território. Destacamos a importância do trabalho como a fonte de renda que garantiu o sucesso do projeto. Visto que no período histórico onde o processo migratório estudado por nós seu deu. O valor do trabalho era tão grande quanto o da escolarização. Todavia, a maioria dos entrevistados teve poucas oportunidades de concluir uma boa escolaridade. Terminavam o ginásio antigo os demais sorte e de boas oportunidades. Um dos entrevistados manifestou orgulho da profissão de motorista, a qual foi seu capital econômico e cultural suficiente para a construção de sua casa. Ostenta o seu vínculo empregatício com a mesma família por décadas na função de motorista como um valor. Quer dizer, nunca ter estado desempregado, denota e lhe confere praticamente um título, a saber :

“Ser uma pessoa honesta e confiável, de quem os patrões jamais tiveram uma queixa.” Neste sentido, o capital cultural dos entrevistados, foi um somatório de ofícios aprendidos e desempenhados ao longo de suas vidas. As senhoras que tinham como ofício, a lavagem de roupas para fora, manifestavam orgulho de além de ter esse ofício e contribuir com o marido para a renda doméstica, e conseqüentemente para a construção de suas casas, realizavam também lidas doméstica em suas casas. O que atualmente chamamos de jornada dupla de trabalho, para essas senhoras representava o seu cotidiano. Mais tarde, na educação dos filhos, o capital cultural passou a assumir maior importância, no sentido de manter os filhos na

escola. Exigindo que pelo menos o primeiro grau, atual ensino fundamental fosse concluído. Os anos de estudo e ou a detenção de um ofício que lhes garantisse trabalho, está em consonância com as faixas etárias das pessoas que realizaram essa migração e que foram ouvidas para a pesquisa ficavam entre 28 e 45 anos de idade. O que perfaz uma média de 36,5 anos de idade. A explicação para a consonância recai no aspecto de que aos 28 anos (média inferior) as pessoas concluíram seus estudos, na maioria dos casos, quando não há um recomeço ou o ingresso em cursos superiores. Quando a faixa etária dista até 45 anos (média superior), a questão do ensino está mais relacionada ao filhos, de que forma os pais mantêm um vínculo com a escola e de como são capazes de influenciar nas escolhas para o futuro profissional. Nossas colocações são basicamente sobre o universo que compreende as cinco famílias. Em outros contextos onde a etnia negra esteja sendo analisada, a questão educacional e a importância do capital cultural estejam em maior evidência. Entre as pessoas do nosso universo podemos afirmar que: a mobilidade social é uma realidade e que além do patrimônio construído (as casas), os filhos herdaram a responsabilidade pela manutenção do mesmo e da construção de uma escolaridade que de alguma forma resgatasse o avanço cultural que os pais não tiveram.

Por exemplo, um dos entrevistados era encadernador numa gráfica estadual, tem cinco filhas, a mais escolarizada fez doutorado no Japão em Ciências da computação. Uma outra senhora relatou que tem uma filha cursando mestrado na UFRGS, cuja avó, faleceu aos 85 anos sem jamais ter aprendido a escrita e a leitura. Um outro, já relatou ter a profissão de motorista, as filhas são diaristas. O membro mais antigo do grupo estudado, consegui dar estudo aos dois filhos que completaram o segundo grau na escola do bairro, no supletivo de

segundo grau noturno. A filha dele é costureira e realiza atividades alternativas como venda de produtos por catálogos. Essa inferência a cerca da faixa etária dos membros do grupo nos referenda no sentido de pensar que estas pessoas estavam cientes do compromisso envolvido neste projeto de vida. Não se tratou de uma ação impensada, uma decisão imatura, onde o enfrentamento de revezes ou de momento de grande dificuldade, ou mesmo a dificuldade inicial, acabasse tornando inviável o projeto. A maturidade para a tomar a decisão de realizar um movimento migratório rumo a periferia, estabelece as bases para a confecção da nova vida e da “boa vontade” para a adaptação ao meio. A soma dos esforços das pessoas fundadoras do bairro foi coroada de um sucesso inicial, com o surgimento de uma estrutura de bairro, ainda que incipiente. A habitação era possível e após os moradores terem cavado o solo para a canalização, momento seguinte, ocorre a ligação da água. Esse ato como outros, realizados em grupo, forjou um perfil de vencedor neles. Algo que é subjetivo e que só se podem mensurar muitos anos mais tarde, como estamos fazendo. A proposta de comparar o bairro atual, com ele mesmo quarenta anos atrás, se torna um recurso metodológico. No qual a visão do fundador representa um marco no crescimento do bairro, a relevância do projeto é representada no momento em esse grupo se reconhece como fundador e construtor de um bairro da cidade. A ciência trouxe à luz a uma cultura própria do grupo que até então permanecia adormecida, ou não havia recebido um tratamento cuidadoso que a colocasse como conhecimento científico de forma maiúscula. A migração realizada pela etnia negra para a periferia constitui-se em valor histórico para o patrimônio cultural da cidade. A presença da etnia negra como desbravadora, estabelece um padrão para o seu pertencimento ao lugar. O status de proprietário, somado ao de fundador, resignifica a presença do negro no

lugar. Através da ocupação bem estruturada do local, pela construção de casas belas (detentoras de um estilo deles, com cores alegres e vivas). Aos poucos conferiu ao bairro, uma distinção e qualificação para vencer a pejada de “meio do mato”. O crescimento populacional anos 60 era de 5 famílias, hoje atingiu a marca de 5000 domicílios registrados no censo 2004 do IBGE. O crescimento mais acelerado foi visto no bairro a partir dos anos 70 com a construção das casas estilo BNH, vendidas através de planos de pagamento de longo prazo. Eram casas de alvenaria, (dois quartos, sala, cozinha e banheiro), eram casas para a classe média da época. A área externa com dimensões bem amplas, era utilizada para a construção de casas extras ou garagens.

A modernidade pode ser reconhecida no Jardim do Salso na observação da verticalização que o bairro ostenta. As alterações na paisagem não excluíram a presença de grandes áreas verdes (duas praças grandes e um campinho), a amplitude de suas ruas e espaços públicos, confere ao bairro, uma nuance de arejamento. Por estar localizado numa zona de altitude da cidade, o Jardim do Salso sempre teve ventos fortes. No início do bairro, quando a Praça dos Cata Ventos era apenas um campinho, o uso desse espaço pelos meninos para saltar pandorgas nos dias de vento, era um lazer característico. Os antigos moradores do bairro não se sentiram impactados com o crescimento que o bairro atingiu. O beneficiamento atingido pelo Jardim do Salso, apresentado pela modernidade. O quesito crescimento do bairro pode ser considerado como uma meta atingida. Noções como o isolamento foram gerenciadas através do surgimento de linhas de ônibus e lotações que circulam dentro do bairro. Neste sentido é correto afirmar que os limites do Jardim do Salso se inscrevem na geografia de Porto Alegre como um bairro, mas não somente pela modernidade que definiu seu novo perfil, e sim pela

acessibilidade que lhe confere a gama de serviços e a grande circulação de transportes coletivos. Vemos resolvidos então, os grandes entraves para a ocupação do bairro nos anos 60: a carência de transportes, vias de acesso e calçamento.

Viver nos limites do jardim do Salso é ter contato com a ambiência de dois mundos, o antigo, que pode ser visto nas casa da rua Nei Messias, casas como a de dona Graciana; e caminhando poucas quadras abaixo, se perscruta um mundo novo, moderno, cuja principal característica é a elevação de torres de eletricidade e prédios de apartamentos. A paisagem alterada remete à modernidade e a fluidez, bem como evoca nos moradores o desejo de ocupar os espaços públicos do Jardim do Salso através do jogo de futebol na Praça dos Cata Ventos, antigo campinho. Nos sábados pela manhã a realização da feira livre de hortifrutigranjeiros. Nos fluxos de serviços que surgem diariamente, e com inovações para o conforto dos clientes. Na rua Pedro Santa Helena (parte baixa do bairro) funciona um mini mercado, o qual incluiu nos seus serviços a tele entrega de pães e outras variedades de produtos, dispões de um motoboy e não cobra taxas extras, sendo o seu diferencial para os outros. Acompanhando o ritmo da modernidade, a favela que está na fronteira leste do bairro, cresceu de forma preocupante, transformando aquele espaço em um território de quadrilhas e do tráfico de drogas organizado. Também nos limites do bairro se encontra o DEIC, uma delegacia especializada na investigação de crimes do tipo mencionado anteriormente.

Bem próximo a Avenida Ipiranga foi construído o Motel Avalon, quase em frente a uma quadra de esportes e do clube Farrapos. Segundo a fala dos populares a localização do motel neste bairro residencial, se deu em virtude da proximidade com a Pontifícia Universidade Católica (PUC). Existem algumas pesquisas que apontam a construção de

motéis de acordo com o fluxo de pessoas, locais de encontro e de lazer.

A respeito da modernidade no bairro e os serviços oferecidos, os entrevistados não tem restrições, utilizam os transportes, a feira livre, as praças e outros. Um dos entrevistados afirmou que gosta do bairro sente-se um fundador, mas que não teria problema em migrar novamente para uma outra periferia a (restinga) por exemplo, caso recebesse uma proposta que fosse condizente com o valor de seu imóvel. Disso se depreende que a fixação e a construção de um território obedece a fases. Essa afirmação feita pelo nosso entrevistado não retira o mérito da migração feita por eles, apenas estabelece que o ato da migração é feito por pessoas de visão de futuro. A pessoa que migra manifesta disposição para novos começos inclui-se como alguém de visão torna-se apta ao novo. Na verdade consideramos como fundamentais tais características. Consideramos que o desejo de permanecer nesse solo representa que a pessoa entende seu esforço de construção e manutenção do território como algo muito importante, para si e para a sua descendência. Neste sentido prefere estabelecer um ritmo de vida próprio, que não está muito justaposta com os ritmos da modernidade. Preservado seu direito de posse da terra, por que trabalhou muito pra obtê-la, não vê vantagens em desfazer-se de seu patrimônio.

No capítulo certas são abordadas as falas dos entrevistados, onde surge o imaginário do grupo acerca do espaço do bairro. Foi estruturado obedecendo a uma lógica que mostrasse o perfil do bairro. Estão relacionadas informações sobre o desenvolvimento do bairro e seus aparelhos urbanos, ao mesmo tempo em que busca fazer nexos com a paisagem atual. A necessidade deste capítulo nasceu no momento do trabalho de campo, devido a quantidade de informações e dados sobre o bairro, seu presente e passado. Para que fosse

facilitada a compreensão escrevemos as memórias dos fundadores e suas apreciações sobre o momento presente do bairro, juntas no capítulo certezas. Algumas afirmações mais representativas da história do bairro foram repetidas em outros momentos do texto da dissertação. O título Certezas representou o somatório das certezas da autora sobre o material disponível para a pesquisa, bem como da possibilidade de realmente ser uma dissertação de mestrado que nascia ali.

O capítulo Puxados segue na seqüência da descrição do bairro, as casas, a organização da vida em sociedade. As relações humanas travadas pelo grupo no espaço do bairro são íntimas, são de parentesco e tem uma interdependência. Neste capítulo descrevemos o aspecto da rua que foi o ponto de partida para a construção do bairro. É possível se fazer uma análise da estética de suas casas, a estética que define a época em que foram construídas. A materialidade descrita e que pode ser vista ali, confere ao bairro uma distinção. Neste sentido o capítulo Puxados define também o perfil das pessoas que fundaram o bairro, as relações com o grupo familiar e a confecção das redes de relações.

O capítulo Modernidade abrange as questões de território, de organização do bairro e do entendimento (saberes) dos moradores sobre o crescimento, desenvolvimento do bairro. A discussão do uso espaço geográfico e do território é pertinente neste texto, devido ao território ser um pilar na teoria geográfica. Os relatos de campo pontuaram o território como algo importante para eles.

BIBLIOGRAFIA

- ARENDDT, Hannah. A condição Humana. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A cultura na rua. Campinas: Papirus, 1998.
- BERNARDO, Teresinha. Memória em Branco e Negro Olhares sobre São Paulo: ed. Edusc UNESP Fundação, São Paulo, 1998.
- BOSI, Ecléa. Lembranças de velhos São Paulo, (Biblioteca de Letras e Ciências Humanas) 1979.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. RJ, Bertran Brasil, 2005.
- CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. 2 ed. São Paulo Paz e Terra, 1999.
- DOS ANJOS, José Carlos Gomes. Sergio Baptista Org. São Miguel e Rincão dos Maritimianos. Ancestralidade negra e direitos territoriais. Porto Alegre, ed. Da UFRGS, 2004.
- DURAN, Eunice. Assimilação e mobilidade: a história do imigrante italiano em um município Paulista. São Paulo: IEB/USP, 1998
- FREIRE, Gilberto. Sobrados e Mocambos. São Paulo: Cia. Nacional, (1947).
- GEERTZ, Clifford. O saber Local. Petrópolis ed. Zahar
----- A interpretação das culturas.
- GOMES, Paulo César. A condição Urbana. Ensaios de Geopolítica da cidade. RJ: Bertram Brasil, 2001
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértices/Revista dos Tribunais, (1998)
- HARVEY David. Espaços de esperança. São Paulo: Loyola (2005)

_____. A condição Pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo : Loyola, (1992)

HAGUETTE, Maria Tereza Frota. Metodologias qualitativas na sociologia Petrópolis: Vozes, 1987.

HEIDRICH, Álvaro Luis. Além do latifúndio. Geografia do interesse econômico Gaúcho. Ed. Universidade. Porto Alegre: 2000.

HELLER, Agnes. La sociologia de la vida cotidiana. Barcelona (1977).

_____. O cotidiano e a história. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1970.

Lei Municipal 6594 de 31/01/1990.

LEFEBVRE, H. A vida cotidiana e o mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.

_____. La revolución urbana, Madrid: Alianza editorial, 1980.

_____. O direito à cidade. São Paulo: editora Moraes, 1991.

ORTIZ, Renato. Cultura e modernidade: A França no século XIX. São Paulo Brasiliense, 1991.

QUEIRÓS, M.I Pereira de, Viajantes do século XIX, negros, escravos e livres no Rio de Janeiro.

RELPH, E. C. As Bases fenomenológicas da Geografia. 4 (7): 1-25

REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. São Paulo, (1988).

REGO, Nelson. Geografia e Educação Geração de ambiência. Porto Alegre: Editoras da UFRGS, 2000.

ROSENDAHL, Z. E CORRÊA, R.L. (Orgs) Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SANTOS, Irene. (2005)O negro em preto e branco. Porto Alegre:

SANTOS, Milton.A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec,1996.

_____. O país distorcido: A globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha,2002.

SEMPRINI, Andéa. Multiculturalismo.Bauru: EDUSC, 1999.

SENNET,R. O declínio do Homem Público. As tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SILVEIRA, Flávio Leonel. As paisagens fantásticas o barroquismo das imagens. Estudo da memória coletiva de contadores de causos da região missioneira do RS. Dissertação de Doutorado, UFRG,2004.

SOJA, E. Geografias Pós-modernas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1989.

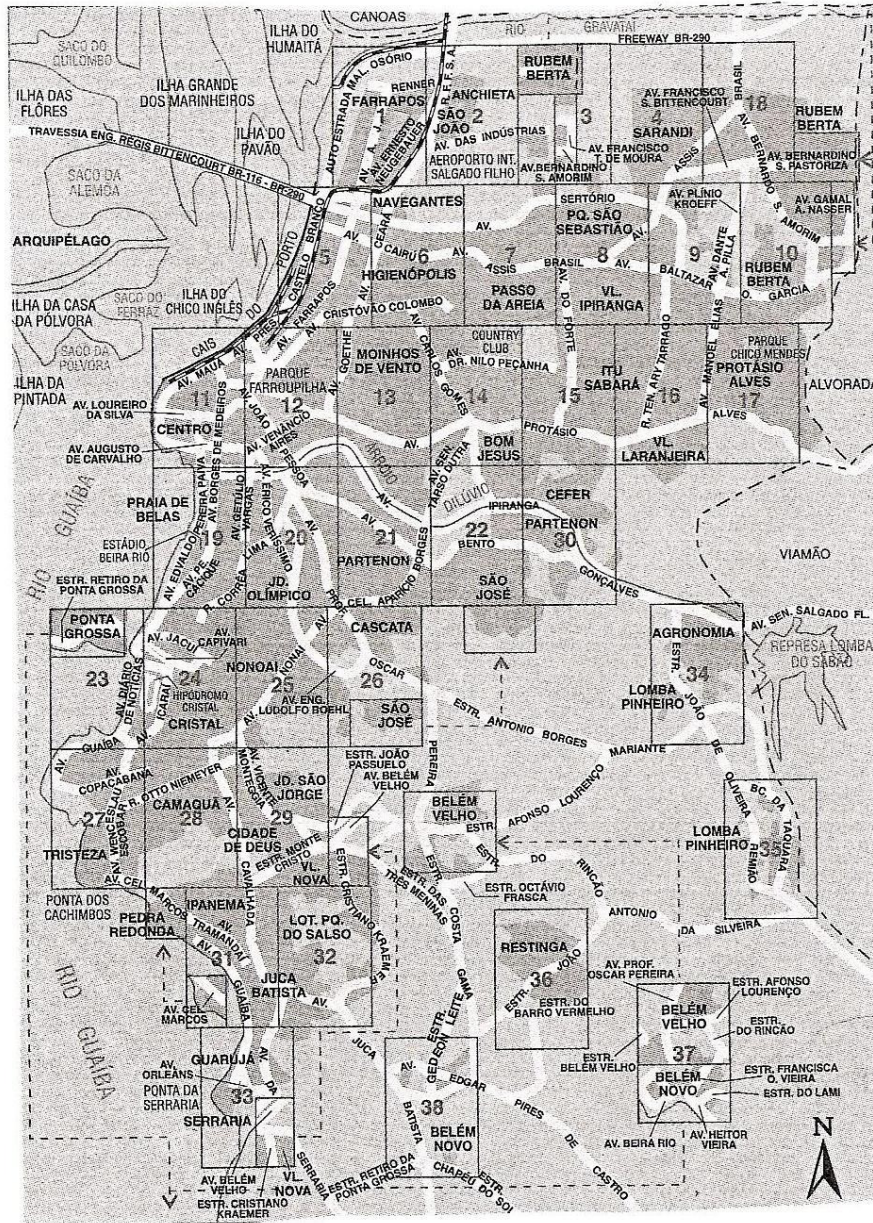
TOURAINÉ, Alain. A crítica da modernidade. Petrópolis: Vozes,1994.

TUAN, Yi-Fu. Place: experiential perspective. Geographical Review,65 (2): 151-165. 1975

TRINDADE,Liana Silva. A reconstrução Social da Memória. FFCL-USP Ciências Sócios Mimeo.

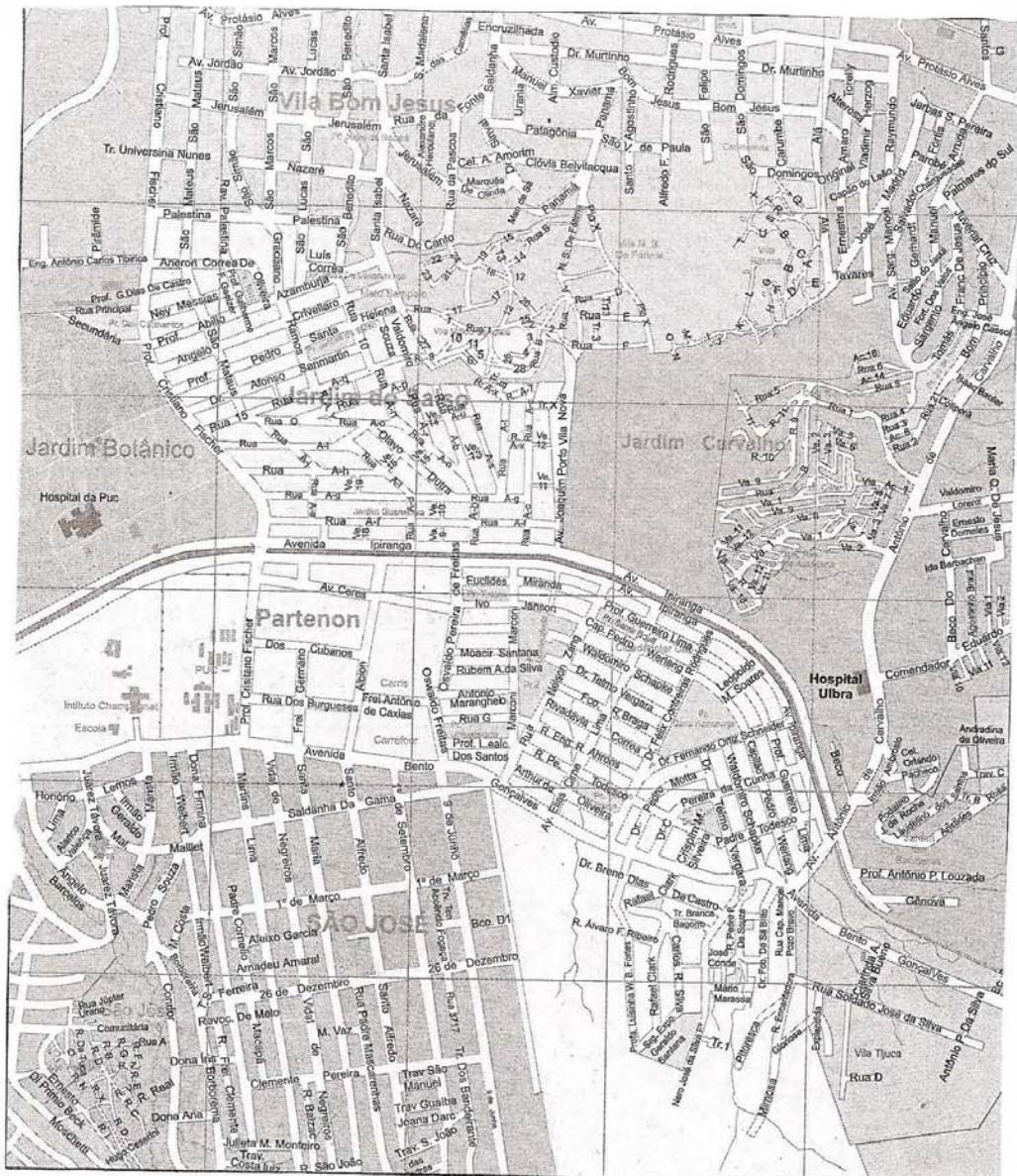
APÊNDICES

Mapa 1. Vista Geral de Porto Alegre



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento - P.M.P.A.

Mapa 2. Vista Geral do Jardim do Salso



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento - P.M.P.A.